

Armageddom

F.T. Wright

Armageddom

F.T. Wright

Informação da publicação:

O Capítulo 8 desta série de artigos publicados em *The Messenger of Living Righteousness*, embora esteja marcado como “a continuar”, a série nunca foi terminada.

Em seu lugar, a finalização das interpretações proféticas pode ser encontrada nos seguintes livros:

- *Ordem do Acontecimentos do Últimos Dias*, Capítulo 4 e Capítulos 29-36.
- *Os Sete Anjos*, Capítulos 14-25.

Os quatro últimos capítulos não fazem parte da série anterior, mas foram escritos mais tarde. Todavia, já que tratam do mesmo tema, foram incluídos nesta publicação. Note-se também que a queda do comunismo na Rússia e na Europa Oriental ocorreu entre 1989 e 1991, cerca de 10 anos após a escrita deste artigo.

A tradução para a língua portuguesa é publicada com o título *Armagedom* e está disponível em:

www.jfernandesblog.wordpress.com

<https://www.practicaprophetica.com/translations/portuguese/>

Tradução de:
J. Fernandes

**PORTUGAL
2022**

Índice

Introdução	9
Para Nós Hoje	11
Todos Estarão Envolvidos	12
1 – A Linguagem dos Símbolos	13
Consistência	14
2 – A Bíblia É o Seu Próprio Intérprete— Parte 1	17
Particular ou Bíblico?	18
Procurando o Espírito	19
Prestai Atenção aos Princípios	20
Portanto,	22
3—A Bíblia—É O Seu Próprio Intérprete—Parte 2	24
Geográfica	24
Consistência	26
Confirmação Inspirada	27
Evidência Conclusiva	28
4 – O Rei do Norte	29
As Escrituras da Verdade	29
A Localização Geográfica Anterior	30
Um Título Significativo	31
O Anjo Caído	32
5 – Tipo e Antítipo	35
Tipo e Antítipo	35
No Apocalipse	36
6 – O Verdadeiro Rei do Norte	44
Entre Cristo e Satanás	44
O Rei do Norte	46
Este Outro Rei do Norte	46
O Tipo do Verdadeiro Rei do Norte	48
7 – A Seca do Rio Eufrates	50
A Sexta Praga	51
Um Rio da Vida	52
Um Rio de Morte	54
O Outro Entendimento	54
8 – Os Dois Rios Eufrates	55
A Mudança	55
Folhas de Figueira em Substituição da Luz	56
A Queda de Babilónia	57
Os Dois Rios Eufrates	58
9 – A Tempestade em Formação	61
Os Reis do Norte e do Sul	62
Um Longo Intervalo	64
O Alto Clamor	65
10 – Não É a Batalha do Armagedom	67
11 – O Rei do Norte Continua	74
12 – Uma Reavaliação Adicional	76

Introdução¹

A própria menção desta palavra, Armagedom, é suficiente para despertar o interesse imediato. É uma palavra que tem caído dos lábios de generais, estadistas, estrategas, pregadores, e outros de menos renome. É uma palavra que aparece com mais frequência sempre que há a perspectiva sombria de outra guerra mundial, especialmente se essa guerra está a surgir de problemas que envolvem nações no Médio Oriente.

Embora as expectativas do que vai ser o Armagedom tenham certas variações, o conceito geral é praticamente o mesmo. É a imagem de um confronto final e gigantesco entre as superpotências da Terra que porão fim ao mundo como agora é. Aqueles cuja crença é mais directamente baseada na Bíblia vêm a reunião de todas as potências orientais da China, Japão e Índia, juntamente com as nações menores da região, contra todas as potências ocidentais da Europa e dos Estados Unidos. O palco para esta luta terrível serão as planícies de Esdraelon na Palestina. Será uma batalha, assim se crê, em que todo o mundo estará envolvido e da qual não haverá vencedores. Será praticamente a autodestruição da humanidade. Isto precederá imediatamente a segunda vinda de Cristo.

Porque há a certeza fixa de que esta batalha está para vir, e em breve, há o desejo natural de saber mais sobre ela. Embora haja alguma satisfação quanto ao que será a batalha, e onde ela será travada, há a sensação de que ainda há muito mais a aprender sobre esta luta, com o resultado que, sempre que for feita outra apresentação do tema, acelerará o interesse imediatamente.

A situação de hoje encontra a sua correspondente nos tempos de Cristo quando havia a expectativa universal entre os judeus de que o Messias estava prestes a aparecer como a única grande solução para o problema da opressão romana. Todos estavam certos de que Ele viria na forma de um gigante político que varreria os romanos do campo e restabeleceria os gloriosos dias de Davi e Salomão. O Armagedom era uma palavra que ainda não tinha aparecido nas Sagradas Escrituras. A palavra que acelerava o pulso era então o reino. Porque havia a certeza de que o reino estava a chegar e que viria em breve, havia o desejo constante de saber mais sobre isso.

Foi assim que o interesse do povo foi imediatamente tomado.

“E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus,

“E dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho.” *Marcos* 1:14, 15.

Aqui estava um Mensageiro de excelente capacidade e poder que veio proclamando que o reino estava prestes a ser estabelecido. A atenção das multidões foi atraída, as suas esperanças despertadas, as suas expectativas aumentaram e o seu interesse intensificou-se. À medida que as semanas passavam e Jesus adicionava o testemunho de milagres à Sua obra, a certeza ganhou terreno de que este era o Messias em Pessoa.

Foi isso que levou à grande reunião do povo expectante a quem Jesus se dirigiu e que ficou conhecido como o Sermão no Monte. “Além da massa habitual vinda das cidades da Galiléia, havia grande número de pessoas da Judéia, e da própria Jerusalém; da Peréia e da população meio-pagã de Decápolis; da Iduméia, ao sul da Judéia, e de Tiro e Sidom, cidades fenícias à margem do Mediterrâneo. ‘Ouvindo quão grandes coisas fazia’, eles ‘tinham vindo para O ouvir e serem curados das suas enfermidades,... porque saía dEle virtude, e curava a todos.’ *Marcos* 3:8; *Lucas* 6:17-19.” *O Maior Discurso de Cristo*, 4.

¹ *The Messenger of Living Righteousness*, Abril de 1975.

Vieram para ouvir uma declaração do que o reino ia ser estabelecido. Este era o grande tema em todas as mentes e era aquele do qual Cristo estava a pregar. As actividades anteriores de Cristo, a sua ênfase no facto de que o reino de Deus estava próximo, o seu poder para operar milagres como nenhum outro tinha realizado, e a presença de uma tão grande multidão de ouvintes de uma distribuição geográfica tão grande, e tão variada na classe desde o fariseu até ao humilde camponês, tudo serviu para aumentar e intensificar a expectativa de que chegara a hora de Cristo descrever exactamente como, e quando, e onde, o reino estava para ser criado.

“Como pressentindo algo acima do comum a sobrevir, os discípulos se haviam comprimido em torno do Mestre. Em vista dos acontecimentos daquela manhã eles experimentavam como que uma certeza de que seria anunciada qualquer coisa relativamente ao reino que, segundo ansiosamente esperavam, Ele devia em breve estabelecer. A multidão estava, também, possuída de um sentimento de expectativa, e as faces ansiosas testemunhavam profundo interesse.

“Enquanto ali estavam sentados na verde encosta, esperando as palavras do divino Mestre, encheu-se-lhes o coração de pensamentos da glória futura. Havia escribas e fariseus que antecipavam o dia em que eles teriam domínio sobre os odiados romanos, e possuiriam as riquezas e o esplendor do maior império do mundo. Os pobres camponeses e pescadores esperavam ouvir a certeza de que suas arruinadas cabanas, a escassa comida, a vida de labuta e o temor da miséria haviam de ser trocados por mansões de abundância e dias de felicidade. Em lugar da única e ordinária vestimenta que os cobria de dia e lhes servia de cobertor à noite, esperavam que Cristo lhes daria os ricos e custosos trajés de seus conquistadores.

“Todos os corações fremiam com a orgulhosa esperança de que Israel seria em breve honrado diante das nações, como o escolhido do Senhor, e Jerusalém exaltada como cabeça de um reino universal.”
O Maior Discurso de Cristo, 4, 5.

Jesus sabia exactamente o que esperavam ouvir e queriam ouvir. Sabia que só Ele tinha uma compreensão exacta e correcta do que o reino ia ser. Ele sabia que a Sua posição sobre este assunto era fortemente contrária aos conceitos que eram mantidos e acalentados pelas pessoas da época. Ele também sabia que podia tornar-Se, de facto, um pregador muito popular se pregasse o que o povo desejava ouvir. Mas, em vez disso, apresentou o reino de Deus como era, e é e sempre será — um reino que não é construído com base na força em qualquer sentido da palavra, mas sobre os grandes princípios do amor, humildade e abnegado serviço.

Os princípios do reino que eles esperavam eram: se o teu próximo te bater na face, retribui-lhe, mas com tanta força que ele não possa bater-te novamente, ou pelo menos ficasse aterrorizado; ama o teu vizinho, mas odeia o teu inimigo; faz bem aos que te façam bem, mas certifica-te de devolver o mal àqueles que te fazem mal.

Quão incredivelmente estranhas e inesperadas devem as palavras de Cristo ter sido quando enunciava princípios tão opostos aos deles:

“Eu, porém, vos digo que não resistais ao mau; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;

“E, ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa;

“E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

“Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes.

“Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus;

“Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?

“E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?

“Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” *Mateus 5:39-48*.

Não havia uma pessoa da mais elevada à mais humilde, da mais proximamente associada a Ele como à mais afastada, que ouviu o que esperava ouvir. Todos vieram com os seus conceitos do que seria o reino. Ouviram, em vez disso, o verdadeiro conceito do que ele seria de facto.

Quantas daquelas pessoas rejeitaram o reino de Deus naquela altura e ali porque não concordavam com o que lhes tinha sido ensinado esperar e com o que queriam que fosse. Ao fazê-lo, separaram-se de qualquer possibilidade de fazer parte do reino de Deus e, assim, de ganhar a vida eterna. Que tragédia para eles e uma lição para todos os que se seguiram. Com atento cuidado, deviam ter procurado para ver se estas coisas eram realmente assim. A sua busca deveria ter estabelecido os princípios correctos da interpretação para que tivessem a certeza de que estavam a ler a Palavra de Deus como devia ser lida.

Para Nós Hoje

É por isso que hoje existem certas semelhanças muito idênticas entre a situação como era na altura e agora. Havia, então, uma crença universal entre a leitura das Escrituras dos judeus daqueles dias em relação à vinda do reino de Deus e o papel do Messias no estabelecimento desse reino. Hoje, entre os cristãos que lêem a Bíblia, existe um conceito universalmente defendido em relação à natureza da batalha do Armagedom.

Naquela época, havia muito para estimular a expectativa de que o reino de Deus aparecesse imediatamente. Semelhantemente, também hoje há muito para sugerir que a grande batalha do Armagedom, como se entende que essa batalha é, está prestes a começar a qualquer momento. Quando estas palavras estão a ser escritas, Israel é um ponto central dos problemas mundiais. Os grandes produtores de petróleo do mundo olham cada um para Israel como o centro dos seus problemas, ao passo que as superpotências estão a tomar um lado ou o outro. Tudo sugere que em breve Israel será o campo de batalha para o qual o mundo se dirigirá para a última e finalizadora luta dos séculos.

Espera-se então que o aparecimento desta série de estudos sobre a batalha do Armagedom, vindo numa altura em que o Médio Oriente e o mundo em geral estão numa escalada, suscitará algum interesse da parte daqueles que os viram pela primeira vez. As pessoas em geral abrirão estas páginas com a expectativa de encontrar mais informações que comprovam que a China e o Japão estão prestes a unir-se e marchar contra as forças das nações ocidentais congregadas nas planícies de Esdraelon.

É justo avisar que se esta é a expectativa, então ficarão tão desapontados como foram as expectativas dos judeus no monte quando ouviram Jesus definir os princípios do reino como aquele reino seria.

Será igualmente justo pedir que nenhum leitor perca o interesse nesta série logo no início porque a interpretação do Armagedom aqui apresentada não está em conformidade com os entendimentos populares deste assunto. Não permitais que as lições do passado sejam perdidas ou ignoradas. Nessas lições deve ler-se o resultado de acreditar na teoria popular, por um lado, e por outro estar preparado para investigar a verdade, como essa verdade foi apresentada pelo Autor de toda a verdade.

Para aqueles que estavam dispostos a estudar a verdade como ela veio dos lábios do Mestre Professor, houve dias de luta e dificuldade à medida que os velhos conceitos lutavam pela supremacia, mas gradualmente a luz superou as trevas e grande foi a glória da compreensão enquanto se abria às suas mentes. Depois, ficaram a saber o que era a verdade salvadora e entenderam a imperfeição e o perigo da velha forma de pensar.

À medida que esta série avança, o engano do entendimento popular será demonstrado na inconsistência dos seus princípios de interpretação ou na ausência de princípios, enquanto a verdade será demonstrada para aderir aos princípios de interpretação mais consistentes e fidedignamente comprovados. Nenhuma tentativa será feita para entender alguma coisa sobre a batalha do Armagedom sem, em primeiro lugar, determinar quais são as regras de interpretação e prová-las através de testes cuidadosos da Palavra de Deus. A procura será, não para encontrar o que será uma doutrina agradável bem-adaptada aos gostos da carne, mas para encontrar a verdade como a verdade é, não importa qual o sacrifício pessoal para nós mesmos.

Exorta-se a que todos os que leiam estes estudos tomem grande cuidado para verem que os princípios de interpretação estabelecidos no início destes estudos são, de facto, sólidos e fiáveis. Estudai-os tão profundamente e com oração que a convicção da sua veracidade se torne tecido nas próprias fibras do pensamento. Depois, à medida que o grande tema perante nós é estudado em pormenor, estes princípios, tão solidamente guardados na mente, revelar-se-ão um guia e uma protecção contra o erro e a mentira, e tornarão muito mais fácil vencer os preconceitos de ideias e opiniões antigas.

Todos Estarão Envolvidos

Quando a verdadeira natureza da batalha do Armagedom for entendida, será visto com uma clareza surpreendente que não haverá homem, mulher ou criança na face de toda a Terra que não esteja envolvido nessa luta quando ela vier. É indubitável que ela está vindo. Além disso, está para breve.

Quando ela chegar, provará até ao âmago mais absoluto o carácter de cada um. Por conseguinte, é da maior importância que todos compreendam bem este tema, de modo que a correcta preparação possa ser feita para a luta quando ela chegar.

Então, à medida que é feita a entrada no estudo deste tema, é com a oração que todos os que se juntem neste estudo sejam ricamente abençoados com a salvação eterna.

“Precisamos estudar o derramamento da sétima taça. Os poderes do mal não capitularão no conflito sem luta. Mas Providência Divina tem uma parte a desempenhar na batalha do Armagedom. Quando a Terra for iluminada com a glória do anjo de Apocalipse 18, os elementos religiosos, bons e maus, despertarão do sono, e os exércitos do Deus vivo pôr-se-ão em campo.” The S.D.A. Bible Commentary 7:983. {EF 251}

1 — A Linguagem dos Símbolos²

Na medida em que o Armagedom é uma batalha do futuro, só há um lugar onde encontrar informações sobre ela e que é nas Escrituras da verdade. Esta é uma batalha de profecias e ainda não da história.

Nas Escrituras da verdade, a informação sobre ela é dada em linguagem simbólica. Portanto, essa linguagem tem que ser interpretada. Por outras palavras, é necessário combinar a realidade com o símbolo para se alcançar o entendimento do que significa o símbolo. Ao fazê-lo, a pessoa pode chegar à interpretação errada ou pode obter a correcta. Obviamente, ter uma interpretação errada seria muito lamentável, porque com isso estaria enganada quanto à verdadeira natureza da luta e não conseguiria passar por ela com sucesso.

A pergunta pode muito bem ser colocada neste preciso momento sobre a razão pela qual o Senhor dos Céus decidiu apresentar esta informação de forma simbólica, quando ela poderia facilmente ter sido escrita em linguagem directa, fazendo com que ninguém interpretasse mal a verdadeira natureza e a importância dessa luta?

A resposta está na própria natureza do assunto em si mesmo. O assunto é a guerra. Ao longo de toda a Escritura, está a ser-nos dada uma visão do grande conflito entre Cristo e Satanás e, portanto, entre os seguidores de Cristo e os seguidores de Satanás também. Esta é realmente uma guerra muito real. Não é um jogo. É uma luta de vida e morte, cujas consequências são para a eternidade.

Por um lado, Deus e Cristo são os generais das Suas forças. Estas são mandadas para batalha quando e onde a estratégia melhor indica. Do outro lado, Satanás é o general das suas forças que ele manda para a batalha de acordo com a sua melhor sabedoria e a cooperação das suas forças.

Para que um exército faça o seu trabalho com sucesso, deve ser informado dos planos e propósitos do general e deve obedecer a essas ordens à letra. É igualmente importante que o inimigo seja mantido na ignorância de quais são os planos e intenções do general. É por isso que, em lutas terrenas, as comunicações enviadas do general para o exército estão em código ou linguagem simbólica. É suposto que os únicos capazes de compreender estes símbolos sejam aqueles para os quais a mensagem se destina. Isto é especialmente necessário se houver algum perigo que as comunicações caiam nas mãos do inimigo no caminho para aqueles a quem realmente se destina.

As comunicações de Deus com os seus soldados estão contidas na Bíblia. Neste livro está estabelecido o plano de batalha com as revelações do que Deus fará à medida que avançamos progressivamente até ao fim dos tempos e à consumação da batalha. Pretende-se que o Seu povo compreenda muito profunda e claramente estas comunicações, para que possam tomar o seu lugar na luta e passar por ela vitoriosamente.

Mas, como o povo de Deus não é um grupo compacto, mas está espalhado por toda a Terra, e porque, também, não é tão difícil, dadas as circunstâncias, infiltrar os seus agentes no acampamento do Senhor, as mensagens de Deus estão livremente disponíveis para todos em ambos os lados. Uma outra razão para Deus permitir que as Suas mensagens estejam disponíveis para todos, é que Ele deseja que qualquer um do campo do inimigo que queira venha para o Seu lado e seja salvo da grande destruição. Para encontrar esta salvação, eles devem, naturalmente, ter acesso às mensagens da verdade como elas se encontram na Bíblia e, assim, serem convertidos por elas.

Assim, é necessário que certas partes da Bíblia pelo menos sejam escritas em linguagem simbólica ou código. É que o povo de Deus, que aprende pela Bíblia sob a tutela do Espírito Santo os princípios

² *The Messenger of Living Righteousness*, Maio de 1975

correctos da interpretação, pode entender exactamente quais são os planos e propósitos de Deus, enquanto os inimigos da verdade verificam que todos eles são um mistério.

No entanto, a Bíblia está escrita num código de magistral competência, que para aqueles que estão sob o treino do Espírito Santo, é surpreendentemente simples, mas para o resto é indecifrável. Além disso, reunirão de toda ela uma interpretação que será bastante ampla da marca e ainda assim lhes dará satisfação acreditar que têm as respostas para o que o Senhor pretende fazer.

Quanto melhor o sistema de simbolismo profético for entendido, mais o estudante admirará a capacidade do Grande General dos exércitos do Céu em expor as mensagens da forma como Ele faz. É perfeitamente seguro dizer que não há uma única pessoa, cuja mente não seja dirigida pelo Espírito Santo, que tenha qualquer esperança de verdadeiramente compreender as profecias como o Senhor pretende que sejam compreendidas. Só o verdadeiro povo do Senhor pode entender o que essas mensagens se destinam a transmitir. Para todos os outros é impossível.

Tem havido uma tendência por parte dos filhos do Senhor para se afligirem por existirem tantas interpretações diversas das Escrituras no mundo de hoje. Sente-se que se houvesse apenas uma interpretação clara contra as afirmações do mundo pecaminoso, haveria menos ocasião para ridicularizar e criticar fazendo acusações contra o Deus do Céu. Mas temos de nos regozijar com o maravilhoso sucesso do Senhor em fornecer uma mensagem num código que leva tantos a apresentar entendimentos errados acerca das Escrituras.

Nunca se deve sentir que estas interpretações surgem porque as pessoas são induzidas em erro pela forma como os símbolos são definidos. Não é assim de maneira alguma. Elas são induzidas em erro porque estão no campo do inimigo e não têm a orientação de um Professor que poderia e tornaria todas as coisas claras para elas.

Portanto, é evidente que estamos a lidar com uma mensagem que nos foi entregue num código e, como tal, deve ser resolvida ou interpretada. Uma vez que os códigos mais inteligentemente construídos fornecem a possibilidade de várias interpretações, é essencial que encontremos a única verdadeira mensagem que este código pretende transmitir. Não há código que tenha sido mais habilmente construído do que os simbolismos proféticos. Portanto, não há código que dê mais possibilidades de interpretações erradas, e, por isso, requeira os testes mais cuidadosos para confirmar se temos a mensagem que Deus pretendia que devêssemos ter.

Para ter esta certeza é necessário começar com a apresentação dos princípios da interpretação e do teste desses princípios para ver se eles podem ser usados consistentemente em toda a Palavra de Deus.

Consistência

Nunca será demais sublinhar a importância desta palavra “consistência.” O sucesso de qualquer código secreto depende da consistência com que o seu intérprete conhece os símbolos que sempre e sem excepção representam as mesmas coisas. Assim deve ser na investigação dos códigos bíblicos, os símbolos devem sempre representar as mesmas coisas e nada mais além disso. Se for constatado que uma certa interpretação é aceite para um símbolo que mais tarde não pode ser aplicado a um determinado texto das Escrituras, então, de imediato deve suspeitar-se da interpretação e nova investigação deve ser feita até se alcançar um entendimento que seja consistente do princípio ao fim.

Em muitos casos, a própria Bíblia declara em linguagem clara o que o símbolo representa. Neste caso, não há dificuldade, desde que os símbolos sejam sempre entendidos para representar as mesmas coisas. São claros os casos seguintes. Em *Daniel 7*, o profeta recebe uma visão de quatro grandes bestas que sobem das águas para se estabelecerem sobre a terra. Obviamente, as bestas são símbolos, mas a questão é, o que simbolizam elas?

A Bíblia dá claramente a resposta. “Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra.” *Daniel 7:17* [ACF].

Voltam a aparecer bestas em *Daniel 8*, e *Apocalipse 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19* e *20*. Com uma consistência maravilhosa, ver-se-á que em todos os casos cada uma destas bestas é o símbolo de um rei, como declarado em *Daniel 7:17*.

Da mesma forma, os chifres são o símbolo de reis que fazem parte de um império maior, as águas simbolizam povos e ventos simbolizam contendidas, agitação, derramamento de sangue etc. Ver *Daniel* 7:24, *Apocalipse* 17:15 e *Apocalipse* 7:1-3.

Como estes são os simbolismos mais simples e facilmente compreendidos de *Daniel* e de *Apocalipse*, não vamos passar muito tempo com eles aqui. Onde precisamos de passar algum tempo é nas áreas que não estão tão directamente explicadas nas Escrituras, e onde é necessária uma análise cuidadosa para entender o sistema utilizado.

Uma delas é a necessidade de distinguir entre o símbolo e a explicação do símbolo. Os símbolos são revelados em visões, após as quais o Senhor envia o Seu anjo para dar a explicação dos símbolos revelados na visão já dada.

Um estudo cuidadoso das Escrituras revelará em breve que se aplicam rigorosas regras na construção destas apresentações. No primeiro caso, a visão ou a apresentação dos símbolos nunca é misturada com a explicação desses símbolos. Em primeiro lugar, o Senhor faz a apresentação simbólica até estar completa, pelo menos no que diz respeito a esta revelação particular, depois da qual Ele dá a explicação dos símbolos já revelados.

A referência aos capítulos de *Daniel* e de *Apocalipse* mostra a consistência deste padrão e método de trabalho. Em *Daniel* 2:31-35 é dada a primeira visão que é a grande imagem com suas várias partes de diferentes metais, desde o ouro até ao ferro e argila. Procurai quanto podeis, e não encontrareis qualquer explicação nestes versículos. Eles contêm apenas a apresentação da visão, tudo em forma simbólica.

Em seguida, esta explicação completa, é dada nos versículos 36-45. Semelhantemente, o estudo mais cuidadoso disto revela que não são introduzidos símbolos aqui. Em vez disso, cada um dos símbolos dados na visão anterior é explicado na sua ordem exacta.

O mesmo padrão é repetido na visão seguinte de Daniel. Em *Daniel* 7:1-4, a mensagem é dada na forma de uma visão. Símbolos de animais, águas, chifres e ventos são todos introduzidos sem qualquer tentativa de explicar qualquer deles. Nem mesmo o profeta conseguiu entendê-los como afirma em *Daniel* 7:15.

“Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi abatido dentro do corpo, e as visões da minha cabeça me perturbaram.” *Daniel* 7:15 [ACF].

Sendo assim incapaz de compreender qual era a mensagem, procurou a resposta como está registada no versículo seguinte:

“Cheguei-me a um dos que estavam perto, e pedi-lhe a verdade acerca de tudo isto. E ele me disse, e fez-me saber a interpretação das coisas. *Daniel* 7:16 [ACF].

Em resposta, foi-lhe dada a interpretação nos versículos 17-28. Mais uma vez, um estudo cuidadoso destes versículos mostra que não há símbolos introduzidos nesta explicação, mas apenas interpretações dos símbolos.

Deve ser notado com ênfase, que nenhum símbolo aparece na visão, somente há uma explicação dada para ele na interpretação e, da mesma forma, nunca há uma explicação, mas havia um símbolo para ela na visão. Isto pode parecer um ponto relativamente óbvio e talvez sem importância, mas é demasiadas vezes descurado, e é, de facto, um ponto muito importante. Ter consciência disto, e aceitar o princípio da sua interpretação, faz uma grande diferença na compreensão de *Daniel* 8 e 9 em particular. Por conseguinte, é da maior importância que este ponto seja muito claramente tido em conta.

Em *Daniel* 8, a visão ocupa os primeiros catorze versículos. A explicação ocupa o resto do capítulo, mas fica incompleta porque Daniel evidentemente não suportava a tensão física das revelações que lhe foram dadas.

A regra é que nunca pode haver um símbolo dado sem haver uma explicação para ele, portanto, deve ser esperado que, quando Daniel teve tempo para se recuperar da tribulação, o Senhor lhe enviaria o resto da explicação. É por isso que *Daniel* 9:24-27 é apenas uma explicação e cobre a parte de *Daniel* 8 não explicada. *Daniel* 11 e 12 não são visões, mas explicações e constata-se que são explicados os símbolos já dados nos capítulos anteriores.

Ao longo de *Apocalipse* mantém-se o mesmo sistema e é importante que isso seja conservado em mente para não haver engano na compreensão das mensagens nele contidas. Estes princípios são muito importantes. Desde o início, eles devem ser estabelecidos na mente e mantidos nela como um guia contínuo no estudo destes grandes livros proféticos.

2 — A Bíblia É o Seu Próprio Intérprete³—Parte 1

Até agora, na abordagem ao estudo deste assunto, temos olhado apenas para os princípios de interpretação. Para aqueles que estão ansiosos para entrar no assunto em si, isto pode parecer aborrecido e talvez desnecessário. No entanto, não é assim e não pode ser assim, pois só se os princípios correctos da interpretação bíblica forem aceites, será o assunto em si mesmo compreendido.

Queremos que se saiba, desde o início, que as posições a apresentar nos próximos capítulos desta série serão estritamente compatíveis com os princípios bíblicos de interpretação. Evitar-se-á muito cuidadosamente qualquer forma de interpretação humana porque:

“Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.”
2 Pedro 1:20.

Ao estabelecer posições a cuja conclusão se chegou pela mais cuidadosa adesão aos verdadeiros princípios bíblicos de interpretação, encontrar-nos-emos em directa oposição aos pensamentos e crenças de muitos que durante anos desenvolveram a sua própria interpretação destas Escrituras. Existem conceitos populares do que será a batalha do Armagedom, mas mostraremos como esses conceitos populares são o resultado de interpretações particulares, e não bíblicas das Escrituras.

Conhecemos muito bem, por experiência própria, o poder dos conceitos antigos. Não são fáceis de desalojar e substituir pela verdade. Há uma tendência para nos agarrarmos ao que os nossos pais ensinaram e, por sua vez, ter isso como referência do que foi ensinado e crido por muitos anos. Depois, há também outras pressões.

Há cerca de quinze anos, um proeminente evangelista procurou-me para ajudar na investigação sobre um tema que lhe tinham pedido para pregar numa conferência que se aproximava. Isto estabeleceu uma confiança entre nós. Um pouco mais tarde fui à sua reunião de campanha e ouvi-o pregar sobre a batalha do Armagedom. A sua apresentação estava em consonância com o conceito popular de que seria uma luta titânica entre as nações ocidentais e orientais nas planícies de Esdraelon, na Palestina.

Da vez seguinte que estivemos juntos, abri-lhe o assunto, delineando os princípios da interpretação, e mostrando-lhe quão contrário eram essas crenças às Escrituras acerca desta questão. Ele ouviu atentamente tudo o que eu tinha a dizer. Quando acabei, ele disse-me com toda a sinceridade: “Tens razão. O Armagedom não é como o que tenho vindo a pregar. Mas se eu mudar para as posições que apresentaste aqui, perderei o motivo de atracção mais forte para trazer as pessoas para ouvir.”

Ele seguiu o seu caminho e eu o meu, pois nunca mais tivemos contacto de trabalho um com o outro. Até hoje ele ainda está a pregar em campanhas evangélicas e a sua maior atracção continua a ser a apresentação do tema que sabe ser errado. Mas atrai as multidões e isso é mais importante para ele do que ser um pregador da verdade.

Esperamos e oramos para que cada um dos leitores desta série tenha mais nobreza de carácter do que este homem, para que cada um procure e veja se estas coisas são realmente assim e, se forem, reconheçam francamente os erros do passado e ensinem a verdade e a verdade apenas.

“E tantos quantos vos não receberem, nem vos ouvirem, saindo dali, sacudi o pó que estiver debaixo dos vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo que haverá mais tolerância no dia de juízo para Sodoma e Gomorra, do que para os daquela cidade.” *Marcos 6:11*.

Como comentário a este versículo estão escritas as palavras:

³ *The Messenger of Living Righteousness*, Junho de 1975.

“Jesus declara que há um pecado maior do que o que causou a destruição de Sodoma e Gomorra. É o pecado daqueles que têm a grande luz da verdade nestes dias e que não são levados ao arrependimento.” *Testemunhos para a Igreja* 3:380.

Sabemos dos terríveis pecados dos quais Sodoma e Gomorra foram culpados. No entanto, aqui está um pecado ainda maior que é a rejeição da luz da verdade. Por conseguinte, é muito essencial que nós, que apresentamos aquelas verdades, tenhamos a certeza de que as interpretações dadas estejam em estrita harmonia com os princípios da interpretação bíblica, e que aqueles que lêem têm o cuidado de ver que compreendem e aplicam esses princípios na sua busca pela verdade.

Pedimos que, ao estudar este tema, descubrais o que é contrário aos vossos conceitos há muito defendidos acerca da batalha do Armagedom, que não avaleis o que ledes pelo que sempre acreditastes, mas sim pelo que as Escrituras dizem quando são interpretadas de acordo com os princípios bíblicos da interpretação. Então, se aquilo que ledes não se coaduna com esses princípios, de maneira nenhuma o rejeiteis, mas se isso acontecer, então, não importa qual o custo que possa ser para vós pessoalmente, rejeitai os velhos conceitos por tanto tempo defendidos em favor da verdade como ela é em Jesus. Esta é a única maneira segura de procurar a vida eterna.

Particular ou Bíblico?

Quando se trata da interpretação da Palavra de Deus, a questão é realmente se essa interpretação deve ser particular ou humana, por um lado, ou bíblica, por outro. Quando nós, como seres humanos, usamos palavras, queremos dizer, numa dada época e numa determinada localidade, certas coisas por essas palavras. Quando lemos uma mensagem que nos é enviada, como é o caso da leitura bíblica, tendemos fortemente a interpretar as palavras que lemos com significado quando usadas por nós mesmos.

Fazê-lo é ignorar o facto que a Bíblia foi escrita ao longo de um período de vários milhares de anos, durante o qual a linguagem mudou de significado, por isso, uma expressão que transmitia um certo pensamento num dado momento no passado pode transmitir um pensamento bem diferente hoje. Um exemplo muito simples disso é encontrado em *1 Tessalonicenses* 4:15 onde a palavra “preceder” é usada na frase, “... nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não *precederemos* os que dormem.”

Hoje esta palavra tem um significado diferente do que tinha quando esta tradução foi feita. Naquela altura ela significava “preceder” o que agora significa, de modo que o verdadeiro significado do versículo é, “nós... não *precederemos* os que dormem.”

Não só a linguagem muda de uma época para outra, mas também de país para país. Assim ouvimos o inglês dizer: “Estou entusiasmado com o meu apartamento.” Do outro lado do Atlântico podemos ouvir os americanos usarem exactamente as mesmas palavras. Mas ele está a falar a sério quando usou as mesmas palavras? Certamente que não. O inglês estava entusiasmado com o seu novo apartamento, enquanto o americano estava zangado porque tinha um pneu furado no carro. Foram usadas exactamente as mesmas palavras pelas duas pessoas que falam inglês, mas quão diferente era o significado.

A coisa importante para o ouvinte é ser capaz de entender o que cada um está a dizer. Para isto, tem de compreender o que o inglês quer dizer quando usa essas palavras e, por sua vez, o que o outro quer dizer quando usa essas mesmas palavras. Se, por outro lado, ele interpretasse os dois de acordo com a forma como ele próprio usaria essas palavras, poderia acabar por ter algo que nenhum deles estava a dizer. Não era o que ele pensava que eles queriam dizer, mas o significado do que eles queriam dizer é o mais importante nesta situação.

Da mesma forma, estamos aqui para entender o que o Senhor quis dizer quando usou certas expressões na Bíblia, não o que nós mesmos significaríamos se usássemos as mesmas expressões. A questão é como vamos obter essa interpretação divina da Palavra de Deus? A resposta é muito simples. Foi a

forma descoberta e usada por Guilherme Miller na sua busca pela verdade. É o facto de a Bíblia ser o seu próprio intérprete. Se tivésseis dificuldade em entender o que o inglês acima mencionado quis dizer com o que disse, então a melhor pessoa a quem perguntar seria ao próprio. Ele explicar-vos-ia o que queria dizer quando usou aquelas palavras.

Semelhantemente, o Deus do Céu, anteendo as dificuldades que seriam sentidas pelas muitas mentes diferentes, em muitas terras diferentes, em muitos períodos diferentes da história da Terra, em compreender o que a Palavra de Deus está realmente a dizer, forneceu na própria Bíblia as explicações necessárias para mostrar o significado de certas expressões. Assim, foi escrito acerca de Guilherme Miller:

“Quando encontrava algum ponto obscuro, tinha por costume compará-lo com todos os outros textos que pareciam ter qualquer referência ao assunto em consideração. Permitia que cada palavra tivesse a relação própria com o assunto do texto e, quando harmonizava seu ponto de vista acerca dessa passagem com todas as referências da mesma, deixava de ser uma dificuldade. Assim, quando quer que encontrasse passagem difícil de entender, achava explicação em alguma outra parte das Escrituras.” *O Grande Conflito*, 320.

Por conseguinte, cada verdade na Bíblia é explicada por outra parte da Palavra de Deus. A Bíblia é o seu próprio intérprete. Não há espaço para qualquer interpretação particular que é simultaneamente a mais comum e mais perigosa. Isto é verdade tanto no estudo da batalha do Armagedom como em todas as outras verdades nas Escrituras.

Procurando o Espírito

Seria bom fazer soar aqui um aviso contra outro método de chegar ao significado de uma passagem difícil das Escrituras. Trata-se de um método que tem sido utilizado por muitas pessoas com as quais tenho entrado em contacto frequentemente em todas as partes do mundo. É o método no qual aqueles que o utilizam colocam a maior confiança, no entanto, infelizmente é enganador e confuso. É o método de ir ao Senhor em oração e pedir-Lhe que dê através do Espírito Santo, uma interpretação directa da Escritura em questão. Uma e outra vez, as pessoas têm declarado o facto que o Senhor abriu as suas mentes para entenderem o que as Escrituras significam nesta área em particular que estão a estudar. Porque acreditam que foi o Senhor que lhes falou directamente, agarram-se a essa interpretação com a maior da tenacidade, temendo que desistir dela é negar o próprio Senhor.

O que as pessoas não perceberam é que “A própria obra do Espírito Santo no coração deve ser provada pela Palavra de Deus.” *Mensagens Escolhidas* 1:43. Foi sempre o princípio do verdadeiro povo de Deus que, “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.” *Isaías* 8:20.

Portanto, qualquer mensagem que pretenda ser do Senhor como explicação de qualquer parte das Escrituras, deve ser testada pela Palavra de Deus antes que possa ser aceite como a verdade. Isto significa que se me ajoelhar e pedir ao Espírito Santo para esclarecer a Palavra de Deus para mim, e em resposta, recebo uma compreensão muito clara e definitiva do que essa Escritura significa, não posso aceitar isso como sendo a verdade a menos que, em primeiro lugar, a teste pela Palavra de Deus. Isto é essencial porque há outro espírito que virá como se fosse em resposta às nossas orações, de modo que temos a tendência de pensar que o verdadeiro Espírito nos deu a resposta, quando é obra de outro Espírito.



Podeis rejeitar que tal possibilidade esteja a acontecer porque sois um verdadeiro filho de Deus que tem protecção contra o poder do mal. É verdade que, como verdadeiro filho de Deus, tendes protecção do poder do mal, mas isso não significa que o Senhor impeça o diabo de vos trazer as suas tentações. Isso é outra coisa.

O aviso mais claro deste perigo chega até nós na experiência do maior Cristão de todos — Jesus. No monte da tentação, Ele estava muito sinceramente à procura do Senhor para obter respostas à Sua situação. Satanás ouviu as orações e veio com uma resposta antes do Senhor.

“Eis que foi ter com o Salvador, como em resposta a Suas orações, disfarçado num anjo do Céu.” *O Desejado de Todas as Nações*, 118. {DTN 73}

Se o Salvador tivesse aceitado esta mensagem aparentemente vinda do Céu, quando de facto era uma mensagem desse outro espírito, o diabo, sem a testar cuidadosamente pela Palavra de Deus, teria sido derrotado ali e naquele momento e depois todos nós estaríamos perdidos eternamente. Mas Ele de facto testou as palavras de Satanás. Testou o que parecia ser uma resposta genuína à Sua oração, desse modo, Ele e nós fomos salvos do desastre. Ele trouxe aquelas palavras de Satanás, aquela mensagem aparentemente directa do Céu, ao teste da Palavra. Satanás procurou enganá-l’O: “Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: ...” o homem viverá” “... de toda a palavra que sai da boca de Deus.” *Mateus 4:4*.

Agora deve ser bem claro que se o diabo podia trazer a Jesus Cristo aquilo que tinha toda a aparência de ser uma mensagem directamente vinda do Céu, ele certamente pode fazer o mesmo a vós. Ele virá enquanto orais com respostas que parecem ser do Céu, mas que são as suas próprias mentiras. Portanto, quando orardes para que o Espírito de Deus vos dê uma explicação do que as Escrituras têm a dizer, então testai as respostas que obtendes pela Palavra para ver se foi o Espírito de Deus que respondeu à oração, ou se foi o espírito de Satanás. Que a experiência de Cristo seja um aviso para sempre do perigo em que estamos neste contexto.

Quão bem aprendi esta lição no estrangeiro, numa terra distante, quando conheci um homem que estava determinado a proclamar que o Senhor regressaria em Outubro de 1964. Mostrei-lhe as palavras das Escrituras, avisando contra a marcação do tempo para o regresso do Senhor. Então ele solenemente me disse que o Senhor lhe tinha dito em linguagem clara respondendo à sua oração que Cristo regressaria nessa altura. Sei que um espírito lhe falou em resposta à sua oração. Esse espírito disse-lhe que o Senhor viria naquela altura. Também sei que ele não comparou as palavras desse espírito com a Palavra de Deus para testar a sua veracidade. Se o tivesse feito, teria descoberto que o que aquele espírito lhe disse não é o que está escrito, após o que teria rejeitado esta explicação das Escrituras como falsa e do diabo. Escusado será dizer que o Senhor não veio em 1964, confirmando assim para sempre a falsidade do seu método de interpretação e do espírito que lhe falava.

Prestai Atenção aos Princípios

Há os literalistas que lêem a Bíblia e assumem imediatamente que as palavras significam o que querem dizer se eles as usassem. Depois, há aqueles que compreendem os princípios subjacentes ao governo de Deus. Estes estão sempre a ler a Palavra de Deus à luz destes princípios. Se a compreensão de uma declaração bíblica está em colisão com os princípios, então o estudante sabe que deve procurar a Palavra de Deus a fim de encontrar o que o Senhor está realmente a dizer na declaração.

Aqui, por exemplo, está um excelente modelo disto. Moisés e Arão apareceram perante o Faraó. Arão lançou a vara e esta se tornou uma serpente. O registo diz o seguinte:

“Então Moisés e Arão foram a Faraó, e fizeram assim como o Senhor ordenara; e lançou Arão a sua vara diante de Faraó, e diante dos seus servos, e tornou-se em serpente.” *Êxodo 7:10*.

A linguagem é bastante clara e temos a certeza de que a vara de Arão se tornou verdadeiramente numa serpente. Não foi a aparência de um réptil o que se apresentou ao Faraó. Mas agora vamos continuar.

“... E os magos do Egito fizeram também o mesmo com os seus encantamentos.

“Porque cada um lançou sua vara, e tornaram-se em serpentes.” *Êxodo 7:11, 12*.

Pedimos neste ponto a cada leitor, como exercício de aprendizagem da verdadeira interpretação bíblica, que pergunte a si próprio ou a alguém que leia com ele, o que entende com a leitura destas palavras. O mais provável é que verifique que entende essas palavras como se os mágicos também fizessem as suas varas se tornarem em serpentes vivas, pois fizeram-no da mesma forma que Arão. Digo isto porque fiz esta experiência com audiências ao vivo e esta é a resposta que normalmente me devolveram.

Mas há um princípio que nega que o tenham feito. Este princípio contradiz qualquer ideia de que as varas dos mágicos realmente se tornaram em serpentes como este versículo parece dizer que aconteceu. Certamente, se usássemos as palavras, “as suas varas tornaram-se em serpentes,” quereríamos dizer com ela que se tornaram serpentes. Mas isso seria uma interpretação particular para interpretar as palavras desta forma.

Qual é então o princípio com o qual cada mente deve estar tão consciente de que a sua presença serviria de salvaguarda contra uma compreensão errada deste versículo? É o facto de que o diabo não tem poder para criar vida. Deus pode fazer e fez de um punhado de pó criou um ser humano vivo, Adão. Satanás não pode fazer isto e nunca o fez. Deus pode e de facto transformou uma vara de uma árvore e dela fez uma serpente viva, que respirava e rastejava. Satanás não pode fazer e não o fez. Isto é impossível.

Por isso, temos um testemunho que declara que os mágicos fizeram o mesmo que Arão. Ele lançou a sua vara e esta se tornou uma serpente, eles lançaram as suas varas e estas se tornaram serpentes. Por outro lado, temos um princípio que nega que as varas dos mágicos pudessem vir a ser serpentes. Sabemos que eles não tinham consigo o poder de Deus. O que fizeram foi pelo poder de Satanás.

A declaração, correctamente entendida, e o princípio devem dizer a mesma mensagem. Portanto, a nossa compreensão do testemunho, ou o princípio tem de mudar. Logo que reconhecemos que o princípio não pode mudar, porque é uma verdade eterna que só Deus pode criar vida. Nada pode mudar isso. Por conseguinte, como é habitual, conclui-se que a nossa compreensão do testemunho tem que mudar.

O que deve orientar essa mudança para que se obtenha o entendimento correcto? Devemos nós sentar-nos e tentar descobri-lo por nós mesmos? Fazê-lo seria apenas fornecer mais uma interpretação particular que seria uma variação da primeira interpretação particular dos versículos. Só há uma maneira segura e essa é procurar na Palavra de Deus até a resposta ser encontrada. Por outras palavras, temos que encontrar a interpretação bíblica destas palavras.

Isto não é difícil de encontrar. Em toda a Bíblia é revelado que o diabo é um mestre falsificador. Ele é capaz de aparecer em qualquer forma que escolher como dito nas Escrituras; “E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.” 2 *Coríntios* 11:14. Satanás não é um anjo da luz nem jamais poderá ser. No entanto, ele é capaz de aparecer como tal, para que todos os que o vejam concluam que ele é um anjo de luz, a menos que compreendam os princípios divinos pelos quais ele é exposto pelo que é na realidade.

Ele é capaz de fazer parecer que pode fazer as obras de Deus porque “a ação de Satanás” é “como todo o poder, com sinais e com maravilhas ilusórias.” 2 *Tessalonicenses* 2:9 [KJA]. Portanto, na corte do Faraó, as varas dos mágicos tornaram-se de facto em serpentes exactamente como a Bíblia diz, mas não eram serpentes vivas. Eram ilusórias e que pareciam reais, e moviam-se como verdadeiras, mas não tinham vida em si mesmas. Não respiravam, nem eram de carne e osso.

A confirmação disso é dada em *Testemunhos para a Igreja* 5:696, 697. Recomenda-se seja lido todo o testemunho, embora citemos apenas uma parte aqui. “Moisés, pelo poder de Deus, transformara sua vara em uma serpente viva. Satanás, através dos mágicos, *contrafez* esse milagre. Ele não podia criar serpentes vivas, pois não possui o poder de criar ou conceder vida. Esse poder pertence somente a Deus. Mas tudo o que Satanás podia fazer, ele fez — produzir uma *imitação fraudulenta*. Seu poder, operando através dos magos, produziu varas com a aparência de serpentes.” [Vede testemunho completo no final do capítulo.]

“A afirmação de que elas se tornaram serpentes simplesmente quer dizer que as aparentaram. Assim creram Faraó e sua corte. Nada havia em sua aparência para distingui-las da serpente produzida por Moisés e Arão. Mas enquanto uma era real, as outras eram imitação. E o Senhor fez com que a serpente viva engolisse as falsas.”

Assim, temos um testemunho que parece ler de uma determinada forma. Depois, temos o princípio que nega a nossa compreensão do testemunho. Em seguida, na própria Palavra de Deus está a explicação do que realmente aconteceu naquela época. Esta é a forma como a Palavra de Deus é o intérprete da Palavra de Deus e este é o método de interpretação que seguiremos rigorosamente em todo o estudo desta grande questão do Armagedom.

Poderíamos dar uma série de outras ilustrações da palavra de Deus para estabelecer este ponto, mas o espaço limita isso.^[4]

Como exercício, poderíamos recomendar a leitura de *Lucas* 14:23 e a palavra “força-os” neste versículo e seja dado o significado que pretendeis transmitir se a usásseis na conversação diária. É evidente que estaria claramente envolvida a ideia de forçar.

Considerai então os princípios demarcados na Palavra de Deus que negam esta interpretação. É o princípio de livre arbítrio como exposto em *João* 3:16, *Isaiás* 55:1, *Apocalipse* 22:17 e *O Desejado de todas as Nações*, 466, {DTN 537}. “Não há constrangimento [compulsão] na obra da redenção.”

Em seguida, procurai as Escrituras para encontrar a resposta para este problema, para descobrir onde, nas Escrituras, a explicação é dada ao que o Senhor quis dizer com essas palavras quando as disse há muito tempo.

Um lugar onde essa explicação se encontra será *Parábolas de Jesus*, 235 {PJ 123}.

Em seguida há a Escritura dizendo que Deus endureceu o coração do Faraó. *Êxodo* 7:13. Mais uma vez, deixemos o leitor interpretar estas palavras de acordo com a forma como ele as usaria. Essa interpretação roubaria ao rei qualquer escolha nesta matéria. Os grandes princípios do evangelho negam este tipo de interpretação. Uma vez mais, as Escrituras devem ser examinadas para encontrar a interpretação bíblica deste testemunho. Nessas Escrituras, verificar-se-á que o verdadeiro esforço de Deus era abrandar o coração do Faraó, mas o efeito foi endurecê-lo.

Portanto,

No início desta série de estudos então, é da maior importância que estes princípios de pesquisa e descoberta sejam aplicados de forma rígida em toda a investigação para que as conclusões a que chegamos, em todos os momentos, sejam interpretações bíblicas da Bíblia, e não interpretações humanas da mesma. “Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.” *2 Pedro* 1:20.

Quem não se firmar nestes princípios, verificará que está claramente em desacordo com as posições definidas nos próximos capítulos. Isto é certo e lamentável. Por isso, apelamos a todos para que compreendam e aceitem a única forma segura de estudar a Bíblia para que entendamos o que Deus está a tentar dizer-nos e não o que pensamos que Ele está a dizer.

Testemunhos para a Igreja 5:696, 697.

Capítulo 83 — Falso milagre

“Alguns tiveram dificuldade em conciliar a declaração feita em *Testemunhos Para a Igreja* 1:292, com outra registrada em *O Grande Conflito* 184. Essas passagens referem-se à ação dos feiticeiros para contrafazer o milagre realizado por Arão, transformando sua vara em serpente. O Testemunho diz: “Os magos não podiam efetuar todos os milagres que Deus operara através de Moisés. Poucos deles poderiam fazer isso. As varas dos magos tornaram-se em serpentes, mas a de Arão as tragou.” A última sentença, tornada uma das questões, é substancialmente a mesma feita pela Bíblia: “Pois lançaram cada um a sua vara, e elas se tornaram em serpentes, mas a vara de Arão devorou as varas deles.” A afirmação no volume 1 do *Conflito* é: “Os magos, através de seus encantamentos, aparentavam fazer as mesmas coisas que Deus operara por meio de Moisés e Arão. Eles não fizeram realmente suas varas tornarem-se em serpentes, mas pela mágica e auxiliados

⁴ Consultai as publicações *Eis Aqui o Vosso Deus* e *A Ordem dos Acontecimentos do Últimos Dias*, do mesmo autor.

pelo grande enganador, fê-las parecer como serpentes para contrafazer a obra de Deus.” Essa declaração, em lugar de contradizer a primeira, é-lhe simplesmente explanatória.

“Não há, no Testemunho, a plena expressão do pensamento que eu desejava transmitir. Na pág. 293 há uma frase que torna claro esse significado: “Os magos não agiram por sua própria conta e ciência, mas pelo poder de seu deus, o diabo, que engenhosamente realizou sua obra de engano para contrafazer a obra de Deus.” Moisés, pelo poder de Deus, transformara sua vara em uma serpente viva. Satanás, através dos mágicos, contrafez esse milagre. Ele não podia criar serpentes vivas, pois não possui o poder de criar ou conceder vida. Esse poder pertence somente a Deus. Mas tudo o que Satanás podia fazer, ele fez — produzir uma imitação fraudulenta. Seu poder, operando através dos magos, produziu varas com a aparência de serpentes.

“A afirmação de que elas se tornaram serpentes simplesmente quer dizer que as aparentaram. Assim creram Faraó e sua corte. Nada havia em sua aparência para distingui-las da serpente produzida por Moisés e Arão. Mas enquanto uma era real, as outras eram imitação. E o Senhor fez com que a serpente viva engolisse as falsas.

“Faraó queria justificar sua obstinação resistindo à ordem divina. Ele estava buscando alguma desculpa para desprezar o milagre que Deus operara através de Moisés. Satanás deu-lhe justamente aquilo que ele queria. Agindo através dos magos, Satanás fez parecer que Moisés e Arão eram apenas mágicos e feiticeiros; por isso, eles não eram portadores de uma mensagem vinda de um ser superior.

“Mesmo a ação de engolir as falsas serpentes não foi vista por Faraó como uma obra especial do poder de Deus, mas realizada por uma espécie de magia superior à de seus servos. Assim, a contrafação encorajou-o em sua rebelião, induzindo-o a resistir à convicção.

“Foi pela exibição de poder sobrenatural, ao fazer da serpente seu médium, que Satanás ocasionou a queda de Adão e Eva no Éden. Antes do fim do tempo, ele operará maravilhas ainda maiores. Ao ampliar seu poder, ele há de realizar verdadeiros milagres. Dizem as Escrituras: “E engana os que habitam na Terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse” (Apocalipse 13:14), não meramente os que ele pretende fazer. Esse texto apresenta alguma coisa mais que simples ilusões. Há, porém, um limite além do qual Satanás não pode ir; e aí ele chama em seu auxílio o engano, e falsifica a obra que não tem realmente o poder de efetuar. Nos últimos dias ele se apresentará de tal maneira que faça os homens crerem que ele é Cristo vindo pela segunda vez ao mundo. Ele se transformará na verdade em anjo de luz. Mas ao passo que ostentará em todos os sentidos a aparência de Cristo, até aonde possa chegar a simples aparência, isso não enganará a ninguém senão aos que, como Faraó, estão procurando resistir à verdade.”

3 — A Bíblia—É O Seu Próprio Intérprete,⁵—Parte 2

Só há um lugar em toda a Escritura onde aparece a palavra “Armagedom”. É em *Apocalipse* 16:16 que ela aparece. Significa isto que esta é a única fonte de informação de que dispomos sobre este importante assunto? Não! Certamente que não! Descobriremos que há uma enorme quantidade de informação sobre este tema ao longo das Escrituras. Não vamos encontrar um rótulo afixado a cada lugar onde este material é dado, mas se entendermos os princípios correctos da interpretação, ficaremos surpresos com o quão cheia a Bíblia está da luta dos séculos que se aproxima.

O lugar natural para começar é com a referência em que aparece a palavra “Armagedom”, que, como mencionado acima, é *Apocalipse* 16:16. Este é o versículo final na descrição da sexta praga. Portanto, fazemos bem em ler toda esta descrição como contexto.

“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente.

“E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs.

“Porque são espíritos de demónios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis da terra e de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.

“Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas roupas, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas.

“E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.” *Apocalipse* 16:12-16.

A questão com que todos são agora confrontados é esta: Qual é a mensagem de Deus para nós nestes versículos? Não se trata do que pensamos que esses versículos significam, nem do que estaríamos a tentar transmitir se tivéssemos dito essas palavras. É apenas uma questão de compreender o que Deus está a dizer quando inspirou o Seu profeta a escrever na linguagem humana o que viu na visão.

Sem dúvida que é possível tirar daqui mais do que uma conclusão. Há quem tenha concluído que o próprio rio literal seria seco para permitir a passagem dos reis do oriente. Outros, entendendo que um mero rio não é uma barreira para os exércitos modernos, têm rejeitado esta conclusão preferindo que as águas do rio sejam simbólicas das nações que rodeiam o rio. Eles têm visto na seca do rio a diminuição do poder de tais nações para que as potências orientais possam avançar para o ocidente sem entraves.

Ambas são interpretações particulares, pois baseiam-se na compreensão das palavras com o significado que teriam se as usássemos. Por exemplo, se falássemos dos reis do oriente, estaríamos definitivamente a referir-nos à China, ao Japão entre outros. Portanto, é assim que o leitor em geral desta passagem simplesmente assume que esta expressão, juntamente com a referência ao rio Eufrates e ao lugar chamado Armagedom, a interpreta como se as usasse. Então, sem qualquer verificação dos princípios da interpretação bíblica, ele prossegue construindo a sua teologia da batalha do Armagedom.

Nós tornamos muito claro que não interpretaremos as Escrituras de acordo com essa interpretação particular. Em vez disso, procuraremos os princípios divinos. Descobriremos a partir da própria Bíblia o que o Senhor pretendia dizer quando estas palavras foram escritas e assim acreditaremos.

Geográfica

O sistema de interpretação que leva o estudante a compreender a expressão, “os reis do oriente” como indicação dos poderes das nações orientais da China, Japão, Índia, e outras, é um sistema

⁵ *The Messenger of Living Righteousness*, Julho de 1975.

geográfico de interpretação. Neste sistema, os reis do oriente são aqueles que estão geograficamente a leste do rio Eufrates. O próprio rio refere-se à área geográfica que o rodeia e o “lugar que em hebreu se chama Armagedom”, é uma localização geográfica que é normalmente identificada no mapa como sendo as planícies de Esdraelona na Palestina.

Ora, embora tenhamos dito acima que não interpretaremos as Escrituras de acordo com qualquer interpretação particular, e apesar de termos dito acima que as conclusões que designam a batalha do Armagedom a ser travada numa localização geográfica são o resultado de uma interpretação particular, não descartamos a possibilidade de que a conclusão possa ser verdadeira. O que preferimos fazer é aplicar o teste das Escrituras a estas posições. É verdade que parecem lógicos o suficiente. Há aqueles que insistirão em que devemos tomar a Bíblia exactamente como ela se lê para que, quando fala dos reis do oriente, signifique os reis do oriente, de maneira que mesmo uma criança em idade escolar saiba quem são os reis do oriente, e o assunto está resolvido. Por isso, alguns argumentarão que, quando insistimos que o sistema de interpretação bíblico seja aplicado antes de aceitarmos tais teorias, nos acusarão de fazer as Escrituras dizerem que não dizem.

Mas por muito inflexivelmente que as acusações sejam apresentadas, continuaremos a insistir em submeter todas as interpretações que nos são apresentadas à lei e ao testemunho e, se não falarem de acordo com esta palavra, rejeitá-las-emos como não tendo qualquer luz nelas.

Assim, temos diante de nós a declaração das Escrituras a falar-nos sobre a seca do Eufrates e a vinda dos reis do oriente e a congregação dos reis no lugar chamado Armagedom.

Aí está a declaração.

O próximo passo é encontrar o princípio básico aplicado a toda a questão.

Para encontrar esse princípio, há a necessidade, em primeiro lugar, de estabelecer um determinado facto e é que todo o livro do *Apocalipse* é a apresentação do evangelho de Jesus Cristo. A confirmação disto está indicado no primeiro versículo do livro. Aqui nos é dito que o *Apocalipse*, é “a Revelação de Jesus Cristo...” Jesus Cristo é o evangelho, o poder vivo de Deus para salvar do pecado. Portanto, o livro do *Apocalipse* é uma apresentação do evangelho de Jesus Cristo.

Esta verdade é ainda confirmada por este testemunho: “A nossa lição para o tempo presente é, como podemos compreender e apresentar mais claramente o evangelho que Cristo veio pessoalmente revelar a João na ilha de Patmos — o evangelho denominado: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer.” *Counsels to Writers and Editors*, 175.

Este testemunho não diz que o evangelho deve ser encontrado no *Apocalipse*. Tivesse ele dito isso, poderíamos ter justificação para concluir que uma parte do livro contém o evangelho, e o resto é dedicado à história das lutas aqui nesta Terra. Mas quando ele afirma em linguagem tão clara que o livro do *Apocalipse* é a apresentação do evangelho de Cristo, então podemos saber que cada palavra nesse livro é a apresentação desse evangelho. Portanto, quando estamos a ler a descrição da sexta praga, em que o Eufrates é seco, o caminho dos reis do oriente preparado e a congregação no lugar chamado Armagedom para a batalha do grande dia de Deus Todo-Poderoso, então estamos a ler a história do evangelho tão seguramente como quando lemos a história da cruz, ou o livro de *Romanos*.

Aqueles que então viram pouco ou nada do evangelho no *Apocalipse*, e, ao mesmo tempo, têm a certeza que a batalha do Armagedom é uma luta política a ser travada num campo de batalha geográfico na Palestina, precisam de reconhecer que ficaram muito aquém de ver o que é o *Apocalipse*. Eles viram algo diferente naquele livro do que o Senhor do Céu tem procurado dizer-lhes.

Tendo deste modo estabelecido o facto claro das Escrituras de que o livro do *Apocalipse* é o evangelho de Jesus Cristo, estamos preparados para estabelecer os princípios de interpretação que negam inteiramente o método geográfico.

Na interpretação geográfica, a identificação depende do lugar onde estais. No evangelho, este princípio não tem lugar. Não é uma questão *de quem* sois, ou de onde estais, mas *do que* sois. A geografia não conta para nada. Não é isto que muda o homem ou a nação. Pensai nisso em relação a vós mesmos. Quando estais num certo lugar em dado momento e sois um certo tipo de pessoa, se saísseis desse

lugar e viajásseis para o outro lado do mundo, de modo que a vossa localização geográfica fosse outra tanto quanto possível, isso por si só mudar-vos-ia para ou outro tipo de pessoa? Com certeza que não. Continuaríeis a ser vós mesmos.

Semelhantemente, temos em *Apocalipse* uma declaração que, como geralmente compreendida de acordo com o sistema de interpretação humana, aplica o princípio da identificação de acordo com o local onde o sujeito está.

Temos também o princípio do evangelho de que, onde estais, não é um factor de identificação. A identificação deve ser de acordo *com o que sois*, não onde estais.

Estes dois, a declaração e o princípio, estão em oposição entre si. Cada um insiste em compreender a sexta praga, contrariando a compreensão da outra.

Portanto, um dos dois tem que mudar. Mas o princípio do evangelho não pode mudar. Nunca! Por conseguinte, a compreensão do significado das expressões, “reis do oriente”, “Eufrates” e “lugar que é chamado Armagedom” tem que mudar. Como vai isto mudar? Só procurando nas próprias Escrituras a explicação destas coisas.

Consistência

Antes de irmos mais longe para encontrar as explicações bíblicas do que aparentemente significam as expressões geográficas, seria aconselhável apresentar mais provas para mostrar a falsidade da interpretação geográfica, de modo a que seja totalmente apagada da mente qualquer outra tendência para interpretar as Escrituras de acordo com este método.

Qualquer que seja o método de interpretação utilizado, ele deve ser consistente. Isto quer dizer que não deve ser aquele método que funciona para uma parte da Palavra de Deus, mas impossível de aplicar noutra parte das Escrituras. Se se constatar que é, portanto, inconsistente, então deve ser abandonado como um método de interpretação decididamente errado.

Mostraremos agora que o método geográfico é inconsistente. Mostraremos que ele de facto permite uma interpretação numa parte das Escrituras, mas é impossível aplicá-lo noutras partes. Além disso, as mesmas pessoas que o usam, vêm-se obrigadas a usar outros princípios noutras partes da Palavra de Deus.

Aqui está um bom exemplo disto.

No seu livro, *Considerações Sobre Daniel e Apocalipse*, Uriah Smith chega ao ponto onde está à procura de identificar o rei do norte em *Daniel* 11:40. A sua abordagem ao assunto indica que o seu método de identificação é olhar para ver que poder no seu tempo ocupava o mesmo território geográfico ocupado pelo rei do norte quando este apareceu anteriormente na profecia. Ninguém, ao ler as seguintes citações, terá menos dificuldade em ver que este método de interpretação é geográfico.

“Versículo 40: No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará.

“Novo conflito entre os reis do sul e do norte — Após longo intervalo o rei do sul e o rei do norte voltam a aparecer no cenário da ação. Até aqui nada encontramos a indicar que devamos procurar em outros territórios essas potências senão as que, pouco depois da morte de Alexandre, constituíram respectivamente as divisões setentrional e meridional de seu império. O rei do sul era nesse tempo o Egito e o rei do norte era a Síria, incluindo a Trácia e a Ásia Menor. O Egito continuou regendo o território designado como pertencente ao rei do sul; e Turquia durante mais de quatrocentos anos governou o território que constituiu a princípio o domínio do reino do norte....

“Mas se a Turquia, agora ocupando o território que constituiu a divisão setentrional do império de Alexandre, não é o rei do norte desta profecia, então ficamos sem qualquer princípio para nos guiar na interpretação.” *Considerações Sobre Daniel e Apocalipse*, 181, 184.

O argumento aqui utilizado é simplesmente este. Para identificar quem são os reis do norte e do sul neste momento, temos apenas que olhar para quaisquer poderes que hoje ocupem o território onde se encontravam os reis do norte e do sul quando apareceram antes na profecia. Se isso não for verdade, “então ficamos sem qualquer princípio para nos guiar na interpretação.”

É esse o argumento e é claramente o método geográfico de interpretação. Não seria assim tão mau se o mesmo autor seguisse este método ao longo de todo o livro, mas não o fez. A simples razão pela qual não o fez é porque não podia.

Voltamos novamente ao livro para ler desta vez algo dos seus comentários sobre o *Apocalipse* 14:8 que fala da queda de Babilónia. Ele escreve o seguinte:

“Portanto, convém perguntar: Que significa o termo Babilônia? Que é a sua queda? Como se produz? Quanto à etimologia da palavra, algumas coisas sabemos pelas notas marginais de Gênesis 10:10 e 11:9. O começo do reino de Ninrode foi Babel, ou Babilônia. Esse nome significa ‘confusão’, porque Deus ali confundiu a língua dos construtores da torre. A palavra é aqui usada em sentido figurado para designar a grande cidade simbólica do Apocalipse, provavelmente com referência especial ao significado do termo e às circunstâncias em que nasceu. Aplica-se a alguma coisa em que se pode escrever a palavra ‘confusão.’” *Considerações Sobre Daniel e Apocalipse*, 413.

Ele continua depois a mostrar como o grande sistema religioso apóstata, incluindo o papado e as igrejas protestantes caídas, têm estas características e são, portanto, a Babilónia destes últimos dias. Agora, a pergunta que ele fez e respondeu na identificação de Babilónia, não foi onde ela está geograficamente, mas o que ela é no carácter.

Notareis que nem uma palavra foi dita sobre olhar para a localização geográfica do antigo reino de Babilónia para ver que poderes possam estar a reinar ali neste momento. Este método de identificação é totalmente ignorado nesta parte da profecia. No entanto, em *Daniel* 11:40, ele afirmou que o único princípio possível de interpretação era ver que poderes ocupam hoje o território anteriormente ocupado pelos reis do norte e do sul.

Isto é inconsistência. Aqui estão dois métodos diferentes e, na verdade, opostos de interpretação. Isto que não pode ser, um ou outro tem que ser rejeitado.

Aquele que deve ser abandonado será o método geográfico porque o outro é aquele que está em harmonia com o evangelho.

Por que motivo Uriah Smith não aplicou consistentemente a interpretação geográfica à situação? É porque não podia.

Se ele tivesse feito a pergunta: que poder ocupa hoje o território outrora ocupado pelo rei de Babilónia, ele teria de responder, nenhum, pois a cidade está destruída até hoje e o reino está vazio. Não há ninguém ali na localização geográfica uma vez ocupada por aquele rei. Aquele sistema de interpretação tê-lo-ia deixado sem Babilónia nestes últimos dias. Por isso, foi obrigado a aplicar outros meios de identificação a fim de descobrir quem é a Babilónia que desempenhará um papel tão importante nos eventos finais.

Assim, o método geográfico não passa o teste da coerência, e por essa razão deve ser completamente rejeitado. Toda a tendência para o usar deve ser erradicado da mente e novos processos de pensamento tomarem o seu lugar. Não há outra maneira segura de encontrar e seguir um método do evangelho consistente para entender o que Deus nos está a dizer na Sua palavra.

Confirmação Inspirada

Se o método geográfico tem alguma validade, então podemos esperar que o Espírito de Profecia o utilize. Se isso não acontecer, podemos esperar o contrário. Assim, quando Deus, através do Seu último profeta, nos explicou quem era o rei do sul no momento em que Uriah Smith identificava esse poder como sendo ainda a nação do Egito, estava a dar-nos uma identificação muito diferente, com base num método de interpretação muito diferente.

A identificação de Uriah do rei do sul em comentário sobre *Daniel* 11:40, é do poder por volta de 1798. A identificação do Espírito de Profecia é dada em comentário sobre a Escritura paralela em *Apocalipse* 11:8, onde é feita referência ao rei do sul sob os termos de Sodoma e Egito, bem como quem era esse poder também em 1798. Deste modo, se o método de interpretação utilizado por Uriah Smith pelo qual ele chegou à conclusão de que a Turquia era o rei do norte e do Egito o rei do sul em 1798, está certo, então descobriremos isso suportado pelo Espírito de Profecia que também identifica

o Egito nacional como sendo o Egito, ou o rei do sul de *Apocalipse* 11. Aqui está a explicação dada em *O Grande Conflito*, 269. Leiam-no com cuidado para ver quanto de interpretação geográfica, se houver, é usado.

“A ‘grande cidade’ em cujas ruas as testemunhas foram mortas, e onde seus corpos mortos jazeram, é ‘espiritualmente’ o Egito. De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fez o rei do Egito. Quando, em nome do Senhor, a mensagem lhe fora levada por Moisés, Faraó orgulhosamente, respondeu: ‘Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel.’ Êxodo 5:2. Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egito daria expressão a uma negação idêntica às reivindicações do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio. A ‘grande cidade’ é também comparada ‘espiritualmente’ com Sodoma. A corrupção de Sodoma na violação da lei de Deus, manifestou-se especialmente na licenciosidade. E este pecado também deveria ser característico preeminente da nação que cumpriria as especificações deste texto.

“Segundo as palavras do profeta, pois, um pouco antes do ano 1798, algum poder de origem e caráter satânico se levantaria para fazer guerra à Escritura Sagrada. E na terra em que o testemunho das duas testemunhas de Deus deveria assim ser silenciado, manifestar-se-ia o ateísmo de Faraó e a licenciosidade de Sodoma.

“Esta profecia teve exatíssimo e preciso cumprimento na história da França.”

Tão claramente como Uriah Smith usou o método geográfico de interpretação, também aqui o princípio do evangelho é usado. Enquanto o primeiro perguntava onde? o segundo perguntou O quê? Ao aplicar o método geográfico, Uriah Smith chegou à conclusão de que, em 1798, o Egito político era o poder designado pelo rei do sul na profecia, enquanto, usando o método do evangelho, o Espírito de Profecia chegou a uma conclusão completamente diferente.

Em vez disso, o Egito é identificado como sendo um poder espiritual, nomeadamente o ateísmo. A localização geográfica deste poder estava longe do local onde estava nos dias ilustrados no início de *Daniel* 11. O ateísmo tinha encontrado um novo centro, mas era, e é, ateísmo ainda. A sua mudança de localização geográfica não mudou, em nenhum sentido, o seu caráter. O ateísmo no novo local ainda era o mesmo ateísmo que havia sido na localização anterior.

Assim, dois métodos de interpretação diferentes conduzem a duas conclusões diferentes. Só um pode estar certo.

Evidência Conclusiva

Tudo isto é uma prova clara e conclusiva de que o método de interpretação geográfica é o caminho da interpretação particular e, portanto, de uma interpretação muito errada. Não está de acordo com a lei e o testemunho, e por isso não há nenhuma luz nele. Por conseguinte, rejeitamos este princípio total e completamente. Ele não encontrará lugar nas apresentações que se seguem. Pelo contrário, seguiremos o princípio do evangelho de que a identificação de um poder deve ser encontrada, *não por onde está, mas pelo que é*. Ao fazê-lo, estaremos em terreno seguro, no entanto, descobriremos que temos uma visão muito diferente do Armagedom daquela que são as teorias populares de hoje.

4 — O Rei do Norte⁶

Ao mostrar o erro do método de interpretação geográfico, foram apresentadas citações a partir dos escritos de Uriah Smith como uma ilustração da inconsistência deste método de interpretação. Fizemos isto sem maldade em relação a Uriah Smith. Acreditamos que era inteiramente sincero nas suas crenças. Quando escreveu aquele livro, ainda não estava a viver, como nós estamos hoje, à luz da quarta e última mensagem angélica. O que ele escreveu foi o melhor que sabia e o seu livro tem servido, de modo geral, um propósito maravilhoso, na educação do povo do advento quanto às profecias de *Daniel* e do *Apocalipse*.

Poderíamos, da mesma forma, usar os argumentos de Lutero para continuar a observância do domingo com o propósito de mostrar a falsidade desses argumentos, sem de alguma forma despromover Lutero do seu lugar divinamente ordenado na história. Pregou, ensinou e viveu o melhor que sabia na altura. Se tivéssemos vivido nessa altura, não teríamos feito melhor do que ele.

Pedimos-vos então que esqueçais Uriah Smith como pessoa, enquanto debatemos em busca de uma maior clareza, da aplicação dos falsos e dos verdadeiros princípios de interpretação.

Vimos no último artigo que o argumento usado na identificação do Rei do Norte era que qualquer poder hoje que ocupe o mesmo território que o Rei do Norte anteriormente, deve ser agora o Rei do Norte.

À partida, isto não representa nenhum problema. Embora pareça uma conclusão muito razoável e lógica a tirar, um segundo e mais cuidadoso olhar por alguém que conhece a Palavra de Deus, mostra que há alguns problemas sérios decorrentes desta posição. A primeira questão que deve ser levantada é a seguinte:

Se queremos olhar para o actual ocupante das terras do Rei do Norte, então que terras devemos procurar?

Perguntamos isto porque, antes de 1798, quando este método de interpretação era utilizado, o Rei do Norte já tinha sido encontrado em mais de um lugar geográfico. Uriah Smith parece ter pensado apenas no único lugar geográfico, a Síria, a Trácia e a Ásia Menor, as terras onde os turcos agora habitam.

É verdade que se tivermos a visão limitada de que o livro de *Daniel* é um livro com pouca ou nenhuma ligação com o resto das Escrituras, veremos apenas um lugar onde o Rei do Norte seria encontrado antes de 1798. Há uma tendência para ver *Daniel* como tal. Há aqueles que sentem que aqui está um livro de profecias situado num certo cenário histórico, inserido entre os outros livros da Bíblia. Esta ideia é tão errada quanto limitada e infeliz.

As Escrituras da Verdade

Porque é mais importante que *Daniel* seja visto na sua relação certa e adequada com o resto da Palavra de Deus, um pouco de tempo e espaço será dado aqui ao assunto.

O livro de *Daniel* em si é uma revelação progressiva da verdade do evangelho. O seu quadro é a grande luta entre o reino das trevas e o reino da luz. À medida que ele se abre, os poderes de Satanás na forma da antiga Babilónia estão em ascensão. Israel está em escravidão tanto ao pecado interior como ao poder de Satanás por fora. Para Nabucodonosor parece que os métodos de Satanás e do homem na construção de um império universal é o caminho do sucesso e tem triunfado sobre a forma como Deus faz as coisas.

⁶ *The Messenger of Living Righteousness*, Agosto de 1975.

À luz destas condições, o Deus do Céu veio revelar ao rei o resultado final do seu método e do método de Deus. O método de Satanás, será apenas desfeito em pó, enquanto o de Deus resultará na criação de um reino eterno de justiça. Em *Daniel* 7:13 e 9, é dada mais luz em visões e explicações subsequentes.

Depois chegamos a *Daniel* 10, que é o preâmbulo das explicações dadas em *Daniel* 11. Cada vez que o Senhor vinha a Daniel com uma revelação da verdade, Daniel datava o acontecimento. Assim, as revelações registadas em *Daniel* 7 vieram no primeiro ano de Belsazar. *Daniel* 8, no terceiro ano do mesmo rei, enquanto em *Daniel* 9 veio no primeiro ano de Dario. A próxima grande revelação da verdade foi-lhe dada como registada em *Daniel* 11. *Daniel* 10:1 diz-nos que isto aconteceu no terceiro ano de Ciro. Todo o *Daniel* 10 nos diz as circunstâncias em que as explicações de *Daniel* 11 foram dadas juntamente com certos anúncios sobre o que seria essa revelação.

Assim, lemos que as últimas palavras do anjo antes da explicação ter começado foram: “Mas eu te declararei o que está registado na escritura da verdade; e ninguém há que me anime contra aqueles, senão Miguel, vosso príncipe.” *Daniel* 10:21.

Deve ter-se muito cuidado para ver o que o anjo disse aqui. Ele disse a Daniel que lhe mostraria o que estava “registado na escritura da verdade”. Por outras palavras, o que foi mostrado a Daniel e a nós em *Daniel* 11, não é algo à parte do resto da Bíblia, mas é uma explicação adicional de tudo. Para Daniel, as Escrituras da verdade seriam toda a Bíblia até onde tinha sido escrita na época, assim como as Escrituras são para todos nós o que foi escrito pelos profetas de Deus até ao nosso ponto de tempo.

Ora, qual é o significado desta explicação? É isto. Se foi mostrado a Daniel o que já estava registado nas Escrituras da verdade, então todos os poderes e princípios falados em *Daniel* 11 já serão encontrados nas Escrituras do seu tempo. Ou seja, que o Rei do Norte e o Rei do Sul não são mostrados pela primeira vez nas lutas dos séculos nos dias cobertos pelos versículos anteriores a *Daniel* 11.

Quando eles ali aparecem, têm localização geográfica na Ásia Menor e no Egipto, respectivamente. Este é o local a que Uriah Smith se refere quando procura por meios geográficos identificar o moderno Rei do Norte. Ao fazer isto, ignora o facto de que a referência ao Rei do Norte e ao Rei do Sul é uma revelação daquilo que já fora revelado nas Escrituras da verdade. Qualquer falha em reconhecer isto levará o estudante a acreditar que a única localização geográfica destes dois reis antes dos últimos dias é na Ásia Menor e no Egipto.

Porém, aqueles que referem este facto e procuram nas Escrituras para encontrar o Rei do Norte e o Rei do Sul descobrirão que, enquanto o Rei do Sul permaneceu no mesmo lugar geográfico por muito tempo, o Rei do Norte não. Ver-se-á que, antes do tempo referido nos primeiros versículos de *Daniel* 11, ele estava numa situação geográfica muito diferente do que tinha nessa altura.

Tão certo como isto é assim, então deve feita a pergunta quanto à área geográfica onde procurar para encontrar o moderno Rei do Norte se este método de identificação for utilizado? A verdadeira conclusão tirada disto é que, na medida em que a localização geográfica deste Rei muda de vez em quando, essa localização geográfica não pode ser usada para identificar este poder ou qualquer outro poder profético. Já foi demonstrado que, embora desde os tempos de Moisés a Daniel, pelo menos, o Rei do Sul ou o Egipto, estivesse geograficamente localizado na terra na margem do Nilo, onde a nação política chamada Egipto ainda lá pode ser encontrada, o Espírito de Profecia encontrou o Egipto numa localização muito diferente em 1798. Nessa altura foi encontrado na França ateuista. A localização geográfica tinha mudado, mas o carácter continuava o mesmo.

A Localização Geográfica Anterior

Para aprender algo sobre as fronteiras geográficas anteriores do Rei do Norte, temos apenas que recorrer às próprias Escrituras da verdade a que o anjo se referiu ao falar com Daniel. Isto é também o que Daniel deve ter feito quando o anjo falou com ele para que, quando o anjo falasse do Rei do Norte, Daniel pensasse onde, nas Escrituras da verdade, já tinha lido acerca deste poder. Ele saberia que não estava a aprender sobre um novo poder, mas mais de um poder que já lhe era familiar.

Neste ponto do estudo, não tentaremos esgotar todas as referências ao Rei do Norte, como se nota nas Escrituras da verdade antes do tempo de Daniel. Nesta fase concentrar-nos-emos na demonstração do engano do sistema geográfico de interpretação e, para isso, temos de mostrar que o Rei do Norte tinha uma localização geográfica diferente da normalmente utilizada para identificar o Rei do Norte moderno.

Na profecia de *Jeremias*, que é um livro de profecias tanto quanto *Daniel*, é feita referência frequente ao Rei do Norte.

“E veio a mim a palavra do Senhor segunda vez, dizendo: Que é que vês? E eu disse: Vejo uma panela a ferver, cuja face está para o lado do norte.

“E disse-me o Senhor: Do norte se descobrirá o mal sobre todos os habitantes da terra.

“Porque eis que eu convoco todas as famílias dos reinos do norte, diz o Senhor; e virão, e cada um porá o seu trono à entrada das portas de Jerusalém, e contra todos os seus muros em redor, e contra todas as cidades de Judá.” *Jeremias* 1:13-15.

Jeremias foi o profeta através do quem o Senhor revelou as invasões da Babilónia e através de quem Deus aconselhou os israelitas a comportarem-se em relação aos seus conquistadores “tornando sua servidão tão agradável quanto possível.” *Profetas e Reis*, 441. {PR 224}

Esta referência em *Jeremias* 1:13-15, é a primeira profecia feita por Jeremias sob inspiração de Deus. Nela se refere a vinda dos babilônios, não com esse nome, mas pelo nome, “os reinos do norte”. Com uma consistência maravilhosa ao longo do livro, ele continua a referir-se a eles desta forma e a Nabucodonosor como sendo o Rei do Norte.

“Arvorai a bandeira rumo a Sião, fugi, não vos detenhais; porque eu trago do norte um mal, e uma grande destruição.” *Jeremias* 4:6.

“Fugi para salvação vossa, filhos de Benjamim, do meio de Jerusalém; e tocai a buzina em Tecoá, e levantai um sinal de fogo sobre Bete-Haquerém; porque do lado norte surge um mal e uma grande destruição.” *Jeremias* 6:1.

“Assim diz o Senhor: Eis que um povo vem da terra do norte, e uma grande nação se levantará das extremidades da terra.

“Arco e lança trarão; são cruéis, e não usarão de misericórdia; a sua voz rugirá como o mar, e em cavalos virão montados, dispostos como homens de guerra contra ti, ó filha de Sião.” *Jeremias* 6:22, 23.

“Eis que vem uma voz de fama, grande tumulto da terra do Norte, para fazer das cidades de Judá uma assolção, uma morada de dragões.” *Jeremias* 10:22. [JFA 1948]

Estas são algumas das referências em que encontramos Babilónia a ser referida como terra do norte. Se é a terra do norte, então é o reino do norte e o seu rei é o Rei do Norte.

A menos que haja alguma dúvida, a terra do norte aqui referida é Babilónia, vamos recorrer a *Jeremias* 46, onde o profeta deixa este ponto muito claro. A profecia em particular começa em *Jeremias* 46:13, onde se explica o que a profecia trata. Trata-se da destruição do Egipto por Nabucodonosor, o rei de Babilónia.

Ao descrever essa destruição pela mão de Nabucodonosor, o profeta escreve: “Bezerra mui formosa é o Egipto; mas já vem a destruição, vem do norte.” *Jeremias* 46:20.

Então, finalmente, para que não haja falha em ver que os babilônios eram realmente o povo ou o reino do norte, em *Jeremias* 46:26, está declarado que esta destruição até agora referida como estando nas mãos do povo do norte, estará nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilónia. “E os entregarei na mão dos que procuram a sua morte, na mão de Nabucodonosor, rei de Babilónia, e na mão dos seus servos; mas depois será habitada, como nos dias antigos, diz o Senhor.”

Um Título Significativo

Não pode haver dúvidas que para Jeremias, o profeta, Babilónia era o reino do norte, e, como tal, era o grande inimigo e destruidor do povo de Deus. Porque Daniel compreendeu as Escrituras da verdade, então ele entenderia com Jeremias que Babilónia era o Rei do Norte, de modo que o anjo estava

a falar-lhe mais em *Daniel* 11 sobre aquele grande sistema apóstata de rebelião contra Deus. Não foi introdução de um novo poder.

Este título, O Rei do Norte, é um título muito significativo. Há a tendência geral de pensar que foi adquirido porque Babilónia estava, como é suposto, a norte de Jerusalém. Mas se olhardes o mapa do Médio Oriente, vereis que Babilónia está para o lado a leste de Jerusalém. É verdade que os babilónios viajavam geralmente para noroeste ao longo do rio Eufrates e depois desciam do norte sobre os israelitas de modo que para eles, vinham do norte, mas isso não muda o facto que geograficamente, Babilónia não se localizava a norte da Palestina. Era um reino a leste de Jerusalém. Portanto, dificilmente poderia ter sido o Rei do Norte do ponto de vista da direcção geográfica de Jerusalém, ou da Palestina em geral.

De onde veio então esta designação, O Rei do Norte?

Para descobrir a resposta a isto temos apenas que ir às Escrituras da verdade. Jeremias, tal como Daniel, não escreveram nada, excepto o que lhes fora mostrado e que estava registado na Escritura da verdade. Cada parte da Bíblia é apenas a revelação do que já está escrito. Não existe coisa como grandes conflitos ou mesmo controvérsias. Há apenas um único grande conflito entre o bem e o mal. Cada página das Escrituras está escrita para registar o desdobramento desta luta, quer seja escrita sobre coisas no passado, ou do que ainda está por vir.

O Anjo Caído

O grande conflito, do qual os livros de *Daniel* e de *Apocalipse*, juntamente com todos os outros livros da Bíblia, é o relato da história, começada no Céu antes mesmo de este mundo ser criado. Lúcifer aspirava ao lugar do Filho de Deus. Para conseguir isto, colocou todos os poderes da sua mente superior e acção, mas não conseguiu fazer isto. Caiu do Céu para nunca mais entrar no recinto sagrado.

Dessa queda está escrito nas Escrituras da verdade. “Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!”

Pergunta-se aqui como é que tudo isto aconteceu. A resposta vem nos versículos seguintes.

“E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte.

“Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo.” *Isaías* 14:12-14.

Jesus Cristo é Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ao aspirar a tomar o Seu lugar, Lúcifer procurou ascender aos lados do norte. Se o tivesse feito, tornar-se-ia o Rei do Norte no Céu, no lugar de Cristo, que é o verdadeiro Rei do Norte.

Por que Cristo como Rei deveria estar nos lados do norte ainda não sabemos. Mas a Bíblia di-lo claramente no versículo anterior. Não só está descrito aí, mas também em outros lugares nas Escrituras da verdade.

“Grande é o Senhor e mui digno de louvor, na cidade do nosso Deus, no seu monte santo.

“Formoso de sítio, e alegria de toda a terra é o monte Sião sobre os lados do norte, a cidade do grande Rei.” *Salmos* 48:1, 2.

Então é claro que a Capital de Deus é designada como estando nos lados do norte, e o que Lúcifer aspirava era ser o rei desta capital. O que ele não conseguiu alcançar no Céu, tem procurado desde então alcançar aqui em baixo nesta Terra. Ele não podia substituir Cristo no Céu, tem trabalhado para O substituir na Terra. Ele não podia sentar-se no trono de Deus no Céu, por isso procurou sentar-se no trono de Deus nesta Terra. Não podia ser o Rei do Norte no Céu, por isso procurou ser o Rei do Norte aqui em baixo, na Terra.

Babilónia, em primeiro lugar e principalmente, tem sido o agente através do qual ele tem trabalhado para chegar a estes objectivos. Essa cidade foi e ainda é inteira e completamente do seu carácter, do seu espírito e dos seus desejos. Ela tem sido a exemplificação da sua forma de trabalhar, dos seus princípios de governo e da sua decidida rebelião contra o governo do Céu.

É uma pequena maravilha então que Babilónia se tornasse conhecida nas Escrituras como o Rei do Norte. É uma revelação apenas naquelas poucas palavras do carácter do grande enganador como sendo o usurpador daquilo que não lhe pertence.

Originalmente, esse falso Rei do Norte estava localizado geograficamente longe desta Terra. Ele estava no Céu a semear as suas sementes de rebelião e confusão entre os anjos. Depois a sua localização geográfica mudou muito radicalmente quando foi lançado nas trevas da separação de Deus e do Seu Céu. Em seguida vemo-lo no coração e no espírito de Caim o primeiro assassino.

Após o dilúvio, Ninrode foi nesta Terra a personificação do Rei do Norte. Mais tarde a grande cidade de Babilónia é construída. Agora a localização é nas margens do rio Eufrates. A geografia mudou, é verdade, mas o carácter mudou? Não houve a menor mudança. Nas margens do Eufrates, o diabo continua o mesmo. Aqui ele está a desenvolver o seu carácter, o seu espírito, os seus objectivos e os seus princípios rigorosamente como fez no Céu. A geografia não fez qualquer diferença. Exactamente o Rei do Norte que Satanás lutou para ser no Céu, Babilónia procurou ser sobre esta Terra. Portanto, esse grande poder nesta Terra chama-se o Rei do Norte.

Havia também sobre o grande rio Eufrates uma cidade política chamada Babilónia. O poder militar daquela cidade era dedicado aos objectivos e propósitos da própria Babilónia. Chegou a altura em que os exércitos foram submetidos pelos Medos e pelos Persas. A própria cidade foi destruída para nunca mais ser reconstruída. O poder que tinha sustentado o Rei do Norte tinha desaparecido no que respeita à localização geográfica. Mas Babilónia não morreu, nem o Rei do Norte deixou de existir. Simplesmente mudou-se para uma nova localização geográfica e recrutou o apoio de novos exércitos enquanto se envolvia dentro dos limites de uma nova cidade.

Quando Babilónia foi derrubada pelos Medos e pelos Persas, os sacerdotes tentaram inicialmente manter a religião de Babilónia, mas não tiveram sucesso. “Os caldeus derrotados fugiram para a Ásia Menor, e fixaram o seu colégio central em Pérgamo, e levaram o paládio de Babilónia, a pedra cúbica, com eles. Aqui, dependentes do controlo do Estado, continuaram os ritos da sua religião, e conspiraram contra a paz do Império Persa, conspirando com os gregos para esse fim.” *Lares e Penates*, por William B. Barker, 232, 233.

Foi assim que Babilónia foi transferida para Pérgamo. Anteriormente, o centro da guerra de Satanás contra Deus estava geograficamente localizado no rio Eufrates. Em seguida, foi localizado em Pérgamo, na Ásia Menor. Quando estava no antigo lugar, aí era onde estava o trono de Satanás, mas, quando se mudou para Pérgamo, então este tornou-se o lugar de Satanás como está escrito: “E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois fios: Conheço as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás...” “Satanás é o príncipe deste mundo,” *João 12:31; João 14:30; João 16:11*. Portanto, ele senta-se num trono. Onde ele se senta, ou o seu trono, é o centro do seu reino. Esse reino é a sua tentativa de substituir o verdadeiro reino do norte. Por conseguinte, tão seguramente quando este reino estava estabelecido sobre o rio Eufrates, Babilónia era o Rei do Norte, assim quando o seu trono se mudou para Pérgamo na terra da Ásia Menor, era então o território no qual Babilónia, o Rei do Norte, se encontrava a seguir.

A geografia muda, mas o Rei do Norte não muda. O seu carácter continua o mesmo e os seus propósitos não conhecem variação.

Satanás também encontrou o seu lugar em Roma no rio Tibre. Ali, a religião de Babilónia também foi estabelecida e é digno de nota saber que quando os romanos marcharam para o oeste encontraram em Pérgamo um amigo e aliado muito firme. Vede Enciclopédia Britânica, 17:507, edição de 1963.

Foi então que o poder exercido em nome de Satanás pelos habitantes da Ásia Menor foi passado para os romanos. Roma substituiu então Pérgamo na Ásia Menor como trono de Satanás, e Roma tornou-se então a Babilónia da Idade Média e o Rei do Norte.

Nestes últimos dias, Babilónia ainda vive. Ela continua a ser o grande instrumento nas mãos de Satanás, pelo qual ele procura estabelecer-se como o Rei do Norte no lugar de Jesus Cristo, o verdadeiro Rei do Norte. Ao longo dos séculos, a geografia tem mudado uma e outra vez, mas o carácter

nunca mudou. Babilónia ainda é Babilónia. O falso Rei do Norte ainda é o Rei do Norte falso onde quer que seja encontrado.

Sempre na história do passado e do presente ele esteve e está em guerra com Deus e com o Seu Filho. Em breve chegará o confronto final. Este confronto é conhecido como a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso — a Batalha do Armagedom.

5 — Tipo e Antítipo⁷

Devia agora ser claro para todos os que estudaram atentamente, cuidadosamente e com oração os capítulos anteriores desta série, que o método geográfico de interpretação dos símbolos proféticos não tem lugar na palavra de Deus.

Por conseguinte, ao identificar o Grande Rio Eufrates o que será aquele rio no tempo da sexta praga, certamente não olhamos para a região do Médio Oriente, nem olhamos para os reis do oriente como sendo as nações do Japão, da China, da Índia, e assim por diante. Finalmente, não procuramos o Armagedom como um lugar geográfico com esse nome em qualquer parte do mundo.

Tudo isto pode ser e será identificado à medida que avançamos neste estudo para as Escrituras, deixando bem claro como eles devem ser compreendidos. Lamentavelmente, há alguns que afirmaram que o Espírito de Profecia tem tão pouco a dizer sobre a batalha do Armagedom e a Bíblia ainda menos. O que eles estão realmente a dizer é que o Espírito de Profecia e a Bíblia têm tão pouco a dizer sobre a batalha do Armagedom do modo como eles a entendem. À medida que avançarmos com este estudo, será surpreendente para muitos o quão amplamente tanto a Bíblia como o Espírito de Profecia falam deste último e final conflito. Há tanta coisa sobre o assunto que, por vezes, é difícil àquele que escreva acerca dele saber onde introduzir os vários elementos da informação.

A nossa tarefa é compreender o que é a seca do rio Eufrates, o que é a vinda dos reis do oriente e o que é o lugar chamado Armagedom e onde se situa. Até agora, nesta busca, temos estudado o firme e correcto método de estudo e interpretação bíblica. É tempo de introduzir ainda mais um princípio muito importante. E esse é o princípio do:

Tipo e Antítipo

Este é o princípio de que não há nada no Novo Testamento que não tenha acontecido já no Antigo. Na verdade, o Antigo Testamento é o grande livro dos tipos ao passo que o Novo Testamento é o grande livro de antítipos. Esta não é uma ideia imaginária, mas um facto declarado na própria Palavra de Deus. Muitas referências o confirmam.

Salomão reconheceu essa verdade já no seu tempo. “O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos passados ... e Deus pede conta do que passou.” *Eclesiastes* 1:9, 10; *Eclesiastes* 3:15.

Seria um erro interpretar isto como significando que havia aviões a jacto algures no passado. Não é disto que ele está a falar. Estas invenções e outras são apenas veículos ou meios de comunicação através dos quais aquilo que foi tem sido repetido. O que foi feito no passado pelas espadas, será feito com armamento mais sofisticado à medida que o tempo passa.

O que Salomão escreveu foi o tema da Bíblia, que é o grande conflito entre Cristo e Satanás. O que aconteceu no âmbito deste conflito é o que se repetirá de maneira que, para todos os acontecimentos ou lutas do futuro, haverá um igual no passado. Isto é tornado muito claro no seguinte testemunho.

“A obra de Deus na Terra apresenta, século após século, uma surpreendente semelhança, em todas as grandes reformas ou movimentos religiosos. Os princípios envolvidos no trato de Deus com os homens são sempre os mesmos. Os movimentos importantes do presente têm seu paralelo nos do

⁷ *The Messenger of Living Righteousness*, Setembro de 1975.

passado, e a experiência da igreja nos séculos antigos encerra lições de grande valor para o nosso tempo.” *O Grande Conflito*, 343.

Há alguns que se opõem fortemente a paralelos. À luz do referido testemunho, esta objecção é vista como sem fundamento. Temos verificado que aqueles que se opõem mais fortemente, são os que não têm vontade de aceitar e permitir que as suas vidas sejam transformadas pela verdade presente. O facto é que ninguém pode entender as grandes verdades da Bíblia e muito menos as de *Apocalipse*, a menos que o princípio do tipo e antítipo seja aceite e estudado. O que foi, isso é o que há de ser. Nada há de novo debaixo do sol. Os mecanismos pelos quais estas coisas são feitas podem ser novos e nunca se ouviram falar no passado, mas as coisas em si não são novas.

Aqui estão mais testemunhos para adicionar o seu testemunho a esta verdade.

“Esta história (de Neemias) foi registada para nosso benefício. O que foi, isso é o que há de ser, e precisamos olhar para Deus em busca de conselhos. *The Review and Herald*, 2 de Maio de 1899.

“Temos de ter cuidado para não sofrermos o mesmo destino que o antigo Israel. A história da sua desobediência e queda foi registada para a nossa instrução, para podermos evitar fazer o que eles fizeram. Foi escrito ‘como advertência para nós sobre quem o final dos tempos já chegou’ Se passarmos por estas advertências e avisos, desenvolvendo os mesmos traços de carácter desenvolvidos pelos israelitas, que desculpa podemos invocar?” *Review and Herald* 10 de Julho de 1900.

A força total do aviso contido neste testemunho é revelada no próximo, onde se afirma que “Estamos repetindo a história desse povo”, dando assim um exemplo em que aquilo que foi será novamente.

“As armadilhas de Satanás estão preparadas para você assim como o foram para os filhos de Israel justo antes de sua entrada na terra de Canaã. Estamos repetindo a história desse povo.” *Testemunhos para a Igreja* 5:160.

“Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a se cumprir em rápida sucessão. Cada elemento de energia está prestes a ser posto em ação. Repetir-se-á a história passada. Antigas controvérsias serão revivescidas, e perigos rodearão de todos os lados o povo de Deus. A tensão está se apoderando da família humana. Está permeando tudo na Terra...” *Testemunhos de Ministros e Obreiros Evangélicos*, 116.

Tão certo como a história passada será repetida; também não há nada de novo sob o sol; tão seguramente como o que foi será novamente; assim quanto melhor compreendermos a história do passado, melhor saberemos o que nos espera no futuro e estaremos preparados para o enfrentar.

No Apocalipse

O princípio do tipo e do antítipo ou do facto que os acontecimentos do futuro encontram o seu paralelo nos do passado é tão verdadeiro em *Apocalipse* como de qualquer outro livro na Bíblia. “No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem.” *Atos dos Apóstolos*, 585. {AA 301}

Já vimos que *Daniel* era apenas mais um desenrolar do que já tinha sido registado nas Escrituras da verdade. Por sua vez, é verdade que “O livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra.” *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 115.

Portanto, se o *Apocalipse* é a abertura de *Daniel*, então é a revelação do que está escrito em *Daniel*, que por sua vez é o desenrolar do que está nas Escrituras da verdade, como se lê no testemunho, “No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem.” É absolutamente um erro supor que o *Apocalipse* simplesmente trata com um certo período da história, enquanto outros livros da Bíblia tratam com os seus temas particulares por sua vez. Nenhum livro da Bíblia pode ser estudado como um elemento isolado. Todos têm a sua estreita relação entre si e todos desvendam a única coisa, o grande conflito entre Cristo e Satanás.

Portanto, se queremos compreender a Babilónia do *Apocalipse*, temos de voltar ao estudo da Babilónia do Antigo Testamento começando tão atrás quanto o início, mesmo no coração de Lúcifer, no próprio Céu. Esse estudo não será confinado apenas a *Daniel*, mas irá abranger todo o Antigo

Testamento. Encontrar-se-ão as mais surpreendentes revelações dos acontecimentos passados em histórias que antes víamos como sendo apenas narrativas simples dos homens e mulheres do passado.

Para dar uma ideia de até que ponto as revelações do último livro na Bíblia são um desdobramento do que está registado nas Escrituras da Verdade, descrevemos de *The S.D.A Bible Commentary* 7:867-869, as comparações de textos apenas sobre o tema de Babilónia. À medida que estes sejam lidos lado a lado, ver-se-á como o *Apocalypse* se baseia na própria linguagem do Antigo Testamento, pois lida com Babilónia como e onde ela então estava, para descrever o carácter, os propósitos, as práticas e o fim de Babilónia como e onde ela estivesse nos últimos dias.

A Babilónia do Antigo Testamento era o tipo. A Babilónia do Novo Testamento é o antítipo. Estas Escrituras, comparadas entre si como estão aqui, provam que esta é, de uma forma impressionante, a verdade disto.

Deste modo, então, à medida que formos estudando a seca do rio Eufrates, a vinda dos reis do oriente e a grande batalha do Armagedom, olharemos em primeiro lugar para o Antigo Testamento para perceber como no tipo foi travada a última grande batalha.

É inteiramente lógico que isso seja feito porque o Armagedom é apenas a última batalha do longo conflito. Os mesmos princípios pelos quais Babilónia subiu ao poder no passado são aqueles pelos quais ela ascenderá ao poder no futuro. O rio Eufrates desempenha o mesmo papel em cada caso e a queda de Babilónia acontece da mesma forma, porque essa queda é o resultado do trabalho dos próprios princípios da Babilónia.

A — A Sua Identidade e o Seu Carácter

Babilónia Mística em <i>Apocalipse</i>	Paralelo do Antigo Testamento
<p>1. Significado do nome. “E na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilónia.” <i>(Apocalipse 17:5; cf. Apocalipse 17:7; ver Apocalipse 14:8).</i></p> <p>“Que cidade é semelhante a esta grande cidade?” <i>(Apocalipse 18:18; cf. Apocalipse 14:8; Apocalipse 16:19; Apocalipse 17:5, 18; Apocalipse 18:2, 10, 16, 21; ver em Apocalipse 17:18).</i></p>	<p>1. “Por isso se chamou o seu nome Babel” <i>(Génesis 11:9; Génesis 10:9, 10; Génesis 11:1-9; ver em Génesis 11:4-9).</i></p> <p>“A Grande Babilónia” <i>(Daniel 4:30; Isaías 13:19; Isaías 14:4).</i></p> <p>“[O seu] parecer era mais robusto [literalmente, “maior”] do que o dos seus companheiros” <i>Daniel 7:20.</i></p> <p>Compare <i>Isaías 23:8; Ezequiel 26:17; Ezequiel 27:32.</i></p>
<p>2. Uma organização apostatada. “A grande prostituta”; “fornicação”; “uma mulher”; “mãe das prostituições e abominações da Terra”. <i>(Apocalipse 17:1, 2, 3, 5; cf. Apocalipse 14:8; Apocalipse 17: 6, 7, 18; Apocalipse 18:4; Apocalipse 19:2).</i></p>	<p>2. “Senhora de reinos” <i>Isaías 47:5.</i> “Os filhos de Babilónia... a contaminaram com as suas impudicícias.” <i>(Ezequiel 23:17; cf. Isaías 23:15; Ezequiel 16:15, 38, 44; Ezequiel 23:2- 3; Naum 3:4).</i></p>
<p>3. Totalmente corrupta no carácter. “Caiu, caiu a grande Babilónia, e se tornou morada de demónios, e coito de todo espírito imundo, e coito de toda ave imunda e odiável.” <i>(Apocalipse 18:2; cf. Apocalipse 14:8).</i></p> <p>“Os seus pecados se acumularam até ao céu.” <i>(Apocalipse 18:5).</i></p>	<p>3. “Caída é Babilónia, caída é!” <i>(Isaías 21:9; cf. Jeremias 51:8).</i></p> <p>“Babilónia... Pecou contra o Senhor.” <i>(Jeremias 50:14; cf. Jeremias 50:24, 29, 31, 32; Jeremias 51:6).</i></p> <p>“O seu juízo chegou até ao céu.” <i>(Jeremias 51:9).</i></p> <p>“Mas as feras do deserto repousarão ali.” <i>(Isaías 13:21).</i></p>
<p>4. Marcada pelo luxo e orgulho. “Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve,” “estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata; e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas!” <i>(Apocalipse 18:7, 16; cf. Apocalipse 17:4).</i></p>	<p>4. “E babilónia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus.” <i>(Isaías 13:19).</i></p> <p>“Elegante e delicada!” “dada aos prazeres... cogitas em tua sensação de segurança.” <i>(Isaías 47:1, 8) [KJA].</i></p> <p>“A cidade dourada!” <i>(Isaías 14:4).</i> “rica de tesouros” <i>(Jeremias 51:13).</i> Compare <i>Ezequiel 27:7, 16, 25; Ezequiel 28:2, 5, 13, 17.</i></p>
<p>5. A sua congénere. “a grande cidade, a santa Jerusalém”. <i>(Apocalipse 21:10).</i></p>	<p>5. O Senhor... “escolherá a Jerusalém.” <i>(Zacarias 2:12).</i></p> <p>“Chamarão Jerusalém o trono do Senhor” <i>(Jeremias 3:17).</i></p>

B — As Suas Ambições e os Seus Objectivos

Babilónia Mística em *Apocalipse*

Paralelo do Antigo Testamento

<p>6. Governar o Mundo. “Porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto.” (<i>Apocalipse</i> 18:7).</p> <p>Ela reina “sobre os reis da Terra” e induze-os a “combater contra o Cordeiro.” (<i>Apocalipse</i> 17:18, 14; cf. <i>Apocalipse</i> 12:17; <i>Apocalipse</i> 13:7; <i>Apocalipse</i> 18:6; <i>Apocalipse</i> 19:19).</p>	<p>6. “E disseste: Eu serei senhora para sempre.” Tu “dizes no teu coração: Eu o sou, e fora de mim não há outra; não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos.” (<i>Isaías</i> 47:7, 8; cf. <i>Isaías</i> 47:10).</p> <p>“O rei de Babilónia... o opressor.” Que “enfurecidos subjugaram as nações.” (<i>Isaías</i> 14:4, 6).</p>
<p>7. Aniquilar os santos. “E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus.” (<i>Apocalipse</i> 17:6).</p> <p>“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra.” (<i>Apocalipse</i> 18:24).</p>	<p>7. “Babilónia fez cair mortos os de Israel.” (<i>Jeremias</i> 51:49).</p> <p>“Nabucodonosor, rei de Babilónia, lhe quebrou os ossos [de Israel].” (<i>Jeremias</i> 50:17).</p> <p>“Porém não usaste com eles de misericórdia.” (<i>Isaías</i> 47:6).</p> <p>Comparar <i>Esdras</i> 5:12; <i>Isaías</i> 14:4, 6; <i>Jeremias</i> 50:11; <i>Jeremias</i> 51:25; <i>Daniel</i> 7:21, 25; <i>Daniel</i> 8:24.</p>

C — O Seus Apoiantes

Babilónia Mística em *Apocalipse*

Paralelo do Antigo Testamento

<p>8. Espíritos de demónios. “Babilónia... se tornou morada de demónios.” <i>(Apocalipse 18:2).</i> “Três espíritos imundos” “Espíritos de demónios.” <i>(Apocalipse 16:13-14).</i></p>	<p>8. “O rei de Babilónia” “Lúcifer” <i>(Isaiás 14:4, 12; ver em Ezequiel 28:12).</i></p>
<p>9. Os grandes poderes da Terra. “Uma besta cor de escarlata.” <i>(Apocalipse 17:3; cf. Apocalipse 19:19, 20).</i> “A besta que viste foi e já não é, e há-de subir” “é ela também o oitavo” “[quando] “subir do abismo.” <i>(Apocalipse 17:8, 11).</i> “Sete cabeças” “sete montes” “sete reis” <i>(Apocalipse 17:9, 10).</i></p>	<p>9. “Como leão... [com] asas de águia.” <i>(Daniel 7:4) Compare Daniel 7:7, 19.</i> “Eis-me aqui contra ti [Babilónia], ó monte destruidor, ... e farei de ti um monte de queima.” <i>(Jeremias 51:25; ver em Isaiás 2:2).</i></p>
<p>10. Todas as nações. “Os dez chifres... são dez reis, que... receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a besta.” <i>(Apocalipse 17:12; cf. Apocalipse 17:3, 7, 16).</i> “Os reis da terra” <i>(Apocalipse 16:14; cf. Apocalipse 17:2; Apocalipse 18:3, 9).</i></p>	<p>10. “Os dez chifres.” <i>(Daniel 7; cf. Daniel 7:24). Compare Daniel 2:43; ver em Apocalipse 17:12.</i> “Têm um mesmo intento” [e] “têm a mesma ideia.” <i>(Apocalipse 17:13, 17).</i></p>
<p>11. Outras religiões ou organizações apóstatas. “Prostitutas” <i>(Apocalipse 15:5).</i> “O falso profeta.” <i>(Apocalipse 19:20; Apocalipse 20:10).</i> “Uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia” <i>(Apocalipse 13:14).</i></p>	<p>11. Ver Nº 2.</p>
<p>12. Os grandes da Terra. “Os teus mercadores eram os grandes da terra.” <i>(Apocalipse 18:23; cf. Apocalipse 18:13, 11, 15).</i> “E todo piloto, e todo o que navega em naus, e todo marinheiro, e todos os que negociam no mar.” <i>(Apocalipse 18:17; cf. Apocalipse 18:19).</i></p>	<p>12. “Os agoureiros dos céus, os que contemplavam os astros, os prognosticadores das luas novas.” “Aqueles com quem [Babilónia]trabalhaste, os teus negociantes.” <i>(Isaiás 47:13, 15).</i> “Tiro... cujos mercadores são príncipes... os mais nobres da terra”. <i>(Isaiás 23:8).</i> “Todos os navios do mar e os marinheiros” “os teus remadores” “os teus marinheiros, e os teus pilotos,” “com toda a tua companhia” <i>(Ezequiel 27:9, 26, 27).</i></p>
<p>13. Os povos da Terra. “Todas as nações”, <i>(Apocalipse 14:8; Apocalipse 18:3); “os que habitam na Terra”</i> <i>(Apocalipse 17:2; Apocalipse 17:18; Apocalipse 17:8).</i></p>	<p>13. “Todos os reinos que há sobre a face da terra.” <i>(Isaiás 23:17; cf. Jeremias 51:49).</i></p>

D — As Suas Estratégias

Babilónia Mística em *Apocalipse*

Paralelo do Antigo Testamento

<p>14. União religiosa e política universal. “Assentada sobre uma besta de cor de escarlata,” a “besta que a traz,” “tem sete cabeças,” “sobre os quais a mulher está assentada.” (<i>Apocalipse</i> 17:3, 7, 9). “E os reis da terra, ... fornicaram com ela, e viveram em delícias.” (<i>Apocalipse</i> 18:9; Cf. <i>Apocalipse</i> 17:2, 4; <i>Apocalipse</i> 18:3). “Receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a besta.” “Estes... entregarão o seu poder e autoridade à besta.” (<i>Apocalipse</i> 17:12, 13).</p>	<p>14. [Tiro] “tornará à sua ganância de prostituta, e prostituir-se-á com todos os reinos que há sobre a face da terra.” (<i>Isaiás</i> 23:17). Ver N° 2</p>
<p>15. As suas políticas e ensinamentos. “Tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua fornicação.” (<i>Apocalipse</i> 17:4). “A todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua fornicação.” (<i>Apocalipse</i> 14:8; cf. <i>Apocalipse</i> 17:2; <i>Apocalipse</i> 18:3). “Havia corrompido a terra com a sua fornicação.” (<i>Apocalipse</i> 19:2).</p>	<p>15. “Babilónia era um copo de ouro na mão do Senhor, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações; por isso as nações enlouqueceram.” (<i>Jeremias</i> 51:7).</p>
<p>16. Milagres satânicos: Enganos. “São espíritos de demónios, que fazem prodígios.” (<i>Apocalipse</i> 16:14; cf. <i>Apocalipse</i> 13:13, 14; <i>Apocalipse</i> 19:20). “Porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias.” (<i>Apocalipse</i> 18:23). “Grandes sinais,” “milagres”, (<i>Apocalipse</i> 13:13, 14); “mercadores” (<i>Apocalipse</i> 18:11).</p>	<p>16. “Da multidão das tuas [de Babilónia] feitiçarias, e da grande abundância dos teus muitos encantamentos.” (<i>Isaiás</i> 47:9; cf. <i>Isaiás</i> 47:12, 13). Com poucas exceções a longa lista de <i>Apocalipse</i> 18:12, 13 é duplicada em <i>Ezequiel</i> 27.</p>
<p>17. Absoluto controlo das mentes dos homens. “Está assentada sobre muitas águas,” que “são povos, e multidões, e nações, e línguas.” (<i>Apocalipse</i> 17:1, 15). E os que habitam na terra...se admirarão, vendo a besta.” (<i>Apocalipse</i> 17:8; cf. <i>Apocalipse</i> 13:13, 14).</p>	<p>17. “Que habitas sobre muitas águas.” (<i>Jeremias</i> 51:13; cf. <i>Ezequiel</i> 28:2). “Todos os povos, nações e línguas tremiam e temiam diante dele.” (<i>Daniel</i> 5:19).</p>

E — O Seu Destino

Babilónia Mística em Apocalipse

Paralelo do Antigo Testamento

<p>18. Deus denuncia a Babilónia. “Está feito.” “Da grande Babilónia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira.” (<i>Apocalipse</i> 16:17-19; cf. <i>Apocalipse</i> 18:5). “A condenação da grande prostituta.” (<i>Apocalipse</i> 17:1; cf. <i>Apocalipse</i> 19:2). “Porque é forte o Senhor Deus que a julga.” (<i>Apocalipse</i> 18:8).</p>	<p>18. “Eis que eu tomo [Israel] da tua mão o cálice do atordoamento, os sedimentos do cálice do meu furor, nunca mais dele beberás. Porém, pô-lo-ei nas mãos dos que te entristeceram.” (<i>Isaiás</i> 51:22, 23). “Castigarei o rei da Babilónia e toda a sua terra, ... por causa de suas próprias iniquidades.” “Em verdade bebereis [Babilónia]; ... podereis ficar impunes?; ... O Senhor ruge do alto e da sua santa morada.” (<i>Jeremias</i> 25:12, 28-30; cf. <i>Jeremias</i> 50:18, 31). “Deus avaliou e contou os dias do teu reinado e decretou o seu fim... Foste pesado na balança e achado em falta.” (<i>Daniel</i> 5:26, 27).</p>
<p>19. Os seus apoiantes voltam-se contra ela. “Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.” (<i>Apocalipse</i> 17:17); “Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta.” (<i>Apocalipse</i> 17:13); Congregou os reis da Terra “para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.” (<i>Apocalipse</i> 16:14); “Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá,” (<i>Apocalipse</i> 17:14); “Os dez chifres” e a “besta [ver em 17:16]... são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.” (<i>Apocalipse</i> 17:16; cf. <i>Apocalipse</i> 18:19; <i>Apocalipse</i> 19:20); “As suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo.” (<i>Apocalipse</i> 18:8).</p>	<p>19. “E trarei sobre aquela terra [Babilónia] todas as minhas palavras, que disse contra ela, a saber, tudo quanto está escrito.” (<i>Jeremias</i> 25:13). “Tocai a buzina entre as nações, preparai as nações contra ela, convocai contra ela os reinos.” “Porque cada um dos designios do Senhor está firme contra Babilónia.” (<i>Jeremias</i> 51:27, 29). “Porque eis que eu suscitarei e farei subir contra Babilónia uma congregação de grandes nações.” (<i>Jeremias</i> 50:9). “Som do rebuliço de reinos e de nações congregados [contra Babilónia]. O Senhor dos Exércitos passa em revista o exército de guerra.” (<i>Isaiás</i> 13:4). “E porei fogo nas suas cidades.” (<i>Jeremias</i> 50:32). “Os poderosos de Babilónia... incendiaram as suas moradas.” (<i>Jeremias</i> 51:30).</p>
<p>20. A sua destruição é absoluta. “Um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilónia, aquela grande cidade, e não será jamais achada.” (<i>Apocalipse</i> 18:21). “Fendeu-se em três partes” (<i>Apocalipse</i> 16:19; cf. <i>Apocalipse</i> 13:2, 4, 11-15; <i>Apocalipse</i> 16:13; <i>Apocalipse</i> 19:20). “A voz de harpistas, e de músicos, e de flautistas, e de trombeteiros, ... em ti não se ouvirá mais.” (<i>Apocalipse</i> 18:22-23). “Num dia virão as suas pragas” “em uma hora veio o seu juízo.” (<i>Apocalipse</i> 18:8, 10; cf. <i>Apocalipse</i> 18:17, 19).</p>	<p>20. “O mar subiu sobre Babilónia; com a multidão das suas ondas se cobriu.” “Atar-lhe-ás uma pedra [um documento predizendo a condenação de Babilónia], e lança-lo-ás no meio do Eufrates. E dirás: Assim será afundada Babilónia, e não se levantará, por causa do mal que eu hei de trazer sobre ela.” (<i>Jeremias</i> 51:42, 63, 64; cf. <i>Ezequiel</i> 26:3, 19; <i>Ezequiel</i> 27:32, 34). “Porém ambas estas coisas virão sobre ti num momento, no mesmo dia, perda de filhos e viuvez;” “Portanto sobre ti [Babilónia] virá o mal, sem que saibas a sua origem, e tal destruição cairá sobre ti, sem que a possas evitar; e virá sobre ti de repente desolação que não poderás conhecer... ninguém te salvará.” (<i>Isaiás</i> 47:9, 11, 15; cf. <i>Jeremias</i> 50:32; <i>Jeremias</i> 51:8, 13, 26, 29). “Dividido foi o teu reino.” (<i>Daniel</i> 5:28; cf. <i>Zacarias</i> 10:3; <i>Zacarias</i> 11:8). “Tomada está Babilónia,” “fará da sua terra uma solidão, e não haverá quem nela habite.” “Não será habitada, antes se tornará em total assolação.” “Assim ninguém habitará ali, nem morará nela filho de homem.” (<i>Jeremias</i> 50:2, 3, 13, 40). “E farei cessar o ruído [de Tiro] das tuas cantigas, e o som das tuas harpas não se ouvirá mais.” (<i>Ezequiel</i> 26:13; cf. <i>Ezequiel</i> 26:3, 19, 21; <i>Ezequiel</i> 27:32, 34, 36; <i>Ezequiel</i> 28:19).</p>

E — O Seu Destino (Cont.)

Babilónia Mística em *Apocalipse*

Paralelo do Antigo Testamento

<p>21. A sua punição é adequada aos seus crimes. “Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribui-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber, dai-lhe a ela em dobro. Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto.” (<i>Apocalipse</i> 18:6, 7).</p>	<p>21. “Assim lhes retribuirei segundo os seus feitos, e segundo as obras das suas mãos.” (<i>Jeremias</i> 25:14). “E pagarei a Babilónia, ... toda a maldade que fizeram em Sião.” (<i>Jeremias</i> 51:24). “Como ela fez, assim lhe fazei.” “Pagai-lhe conforme a sua obra, conforme tudo o que fez, fazei-lhe.” (<i>Jeremias</i> 50:15, 29).</p>
<p>22. Os seus apoiantes choram por ela. “E os reis da terra, ... a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio; estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande cidade de Babilónia.” (<i>Apocalipse</i> 18:9-10). “Os mercadores da terra” “estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando e lamentando, e dizendo: Ai, ai.” “E lançaram pó sobre as suas cabeças.” “E, vendo a fumaça do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é semelhante a esta grande cidade?” (<i>Apocalipse</i> 18:11, 15, 16, 19, 18).</p>	<p>22. “Lamentai por ela [Babilónia],” (<i>Jeremias</i> 51:8). “Levantem-se pois agora os agoueiros dos céus, os que contemplavam os astros, os prognosticadores das luas novas, e salvem-te [Babilónia] do que há de vir sobre ti, ... o fogo os queimará; não poderão salvar a sua vida do poder das chamas; ... Assim serão para contigo aqueles com quem trabalhaste, os teus negociantes ... cada qual irá vagueando pelo seu caminho.” (<i>Isaiás</i> 47:13-15). “Qualquer que passar por Babilónia se espantará, assobiará por todas as suas pragas.” (<i>Jeremias</i> 50:13). Compare (<i>Ezequiel</i> 26:16, 17; <i>Ezequiel</i> 27:29-32; <i>Ezequiel</i> 28:19).</p>
<p>23. Os seus apoiantes destroem-na. “E as cidades das nações caíram.” (<i>Apocalipse</i> 16:19). “E a besta ... vai à perdição.” (<i>Apocalipse</i> 17:11). “Estes dois [a besta e o falso profeta] foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.” (<i>Apocalipse</i> 19:20; cf. <i>Apocalipse</i> 20:10).</p>	<p>23. “Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém.” (<i>Zacarias</i> 14:2; cf. <i>Joel</i> 3:2). “O Senhor tem contenda com as nações, ... e serão os mortos do Senhor, naquele dia, desde uma extremidade da terra até à outra.” (<i>Jeremias</i> 25:31, 33). “Em Babilónia cairão os mortos de toda a terra.” (<i>Jeremias</i> 51:49).</p>
<p>24. Um cântico de vitória sobre Babilónia. “E das mãos dela vingou o sangue dos seus servos.” (<i>Apocalipse</i> 19:2; cf. <i>Apocalipse</i> 18:20). “Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas.” (<i>Apocalipse</i> 18:20).</p>	<p>24. “Este é o tempo da vingança do Senhor [sobre Babilónia]; que lhe dará a sua recompensa. “Porque o Senhor tem destruído Babilónia.” (<i>Jeremias</i> 51:55; cf. <i>Isaiás</i> 47:3; <i>Jeremias</i> 51:6, 55). “E os céus e a terra, com tudo quanto neles há, jubilarão sobre Babilónia; porque ... lhe virão os destruidores, diz o Senhor.” (<i>Jeremias</i> 51:48; cf. <i>Isaiás</i> 44:23; 49:13).</p>

F — A Advertência de Deus aos Seus Filhos

Babilónia Mística em *Apocalipse*

Paralelo do Antigo Testamento

<p>25. Saiam de Babilónia. Desceu “do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz.” (<i>Apocalipse</i> 18:1-2). “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.” (<i>Apocalipse</i> 18:4).</p>	<p>25. “Ah! Sião! Escapa, tu, que habitas com a filha de Babilónia.” (<i>Zacarias</i> 2:7). “Fugi do meio de Babilónia, e livrai cada um a sua alma, e não vos destruais na sua maldade.” “Sai do meio dela, ó povo meu, e livrai cada um a sua alma do ardor da ira do Senhor.” (<i>Jeremias</i> 51:6, 45; cf. <i>Isaiás</i> 48:20; <i>Isaiás</i> 52:11; <i>Jeremias</i> 50:8; <i>Jeremias</i> 51:9).</p>
--	--

6 — O Verdadeiro Rei do Norte⁸

Foi estabelecida a questão que só quando observamos o passado será possível compreender o futuro. Diante de nós está a grande batalha do Armagedom. É a batalha do grande dia de Deus e é o final e último conflito a ser travado sobre a Terra antes que Cristo apareça novamente. “Todo o mundo estará em um ou no outro lado da questão.” *Mensagens Escolhidas* 3:426.

Por causa disto, é uma batalha em que estaremos pessoalmente envolvidos. Nessa batalha estaremos de um lado ou do outro. Por conseguinte, é da maior importância que compreendamos o que será a batalha, as questões sobre as quais ela será travada, os princípios que norteiam cada lado e o rumo que devemos seguir.

Por isso, voltaremos, como devemos, ao início de tudo a fim de obter a descrição do propósito do Rei de Babilónia na sua rebelião contra Deus. Não tentaremos abrir este tema completamente. A.T. Jones fez isto por nós de uma forma maravilhosa na sua publicação *The Spirit of the Papacy (O Espírito do Papado)* disponível na nossa casa publicadora. Este é um estudo que toda a pessoa, que deseja assegurar e ter certeza da obra da salvação, deve estudar com intensidade profunda e oração. Juntamente com ele, estudai o capítulo em *Patriarcas e Profetas*, “Por que foi permitido o pecado” e em *O Grande Conflito* “Por que existe o sofrimento”. Não há uma área mais proveitosa das Escrituras na qual todos devem passar muito tempo. Isto não pode ser exagerado e gostaríamos de encontrar palavras para exortar todos ao estudo mais intensivo desta parte da Palavra de Deus.

Embora, à luz do material já disponível, não vamos entrar aqui no assunto em grande profundidade, necessitando apenas de estabelecer certos pontos para avançarmos para uma clara compreensão da grande batalha do Armagedom.

Entre Cristo e Satanás

A natureza exacta do reino que Satanás procurou estabelecer no Céu é a natureza exacta do reino que ele tem tentado estabelecer na Terra. A batalha do Armagedom representa o seu último esforço para o conseguir antes da segunda vinda de Cristo.

Qual era a natureza exacta do reino que Satanás tentou estabelecer no Céu?

Antes do tempo em que a rebelião contra o governo e os caminhos de Deus apareceram no Céu, a ordem de Deus previa que Jesus Cristo ocupasse um papel muito especial para preencher uma necessidade muito particular. Essa necessidade era que a aberta comunicação com Deus estivesse disponível para todos os seres criados desde o querubim que cobria o propiciatório aos seres do planeta mais distante de toda a vasta criação.

Não era uma coisa simples preencher essa necessidade, pois os problemas eram bastante imensos. Temos apenas que considerar a natureza infinita de Deus para perceber de alguma forma o vasto abismo que deve existir entre as mentes da criação finita e o Criador infinito.

A fim de fazer a comunicação entre a criatura e o poderoso Criador aberta e livre, Deus e Cristo colocaram em prática um plano perfeito pelo qual Cristo se tornou o canal de acesso da criatura ao Criador. Assim está escrito:

“O Céu é um contínuo aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo.” *O Desejado de todas as Nações*, 331. {DTN 230}

Para Que Cristo fizesse isto, Ele, por necessidade, tinha que ser o Deus Criador e a criatura. Era exactamente como Ele era quando desceu a esta Terra. Então, para que os homens pudessem mais uma

⁸ *The Messenger of Living Righteousness*, Outubro de 1975.

vez comunicar com o eterno Pai no Céu, Jesus desceu para ser, ao mesmo tempo, o Criador e a criatura. A identificação tinha que ser completa de ambos os lados. Para elevar o homem a Deus, Jesus tinha que ser de facto Deus. Para chegar ao homem onde este estava, para o erguer a Deus, Jesus tinha que ser homem, como o homem estava, em carne caída e pecadora.

Portanto, para que no Céu, a identificação também fosse completa Jesus tinha que ter, de facto, a mesma natureza que os anjos. Ele era um anjo e era Deus naquela posição que ocupava como canal de comunicação entre o Pai e as Suas criaturas. É por esta razão que em todo o Antigo Testamento Jesus é chamado de Anjo, assim como em todo o Novo Testamento, Ele aparece como homem e como o Filho do homem.

Quando o orgulho entrou no coração de Lúcifer ao ponto de ele começar a avaliar-se como estando muito acima do que realmente era, então olhou para o Anjo Jesus, e viu o Filho de Deus como sendo um anjo menor do que ele próprio. Então esperava que o Deus do Céu o promovesse para a posição da qual, na sua própria mente, se considerava digno. Uma vez que tal promoção não acontecia porque Deus avaliou Lúcifer com justeza e o tinha colocado numa posição em conformidade com essa avaliação, então Lúcifer decidiu que o Pai e o Filho tinham entrado num acordo para o manter sob sujeição em benefício de Cristo.

Quando Lúcifer decidiu isto, então determinou que Deus era injusto e mentiroso e por isso o governo de Deus precisava de ser reformado. É verdade que se as conclusões de Lúcifer em relação ao carácter de Deus fossem verdadeiras, então o Céu precisava mesmo de ser reformado, mas certamente não eram verdadeiras. Pelo contrário, elas eram o produto de uma mente que se obscureceu com o mal do orgulho e da auto-suficiência.

Foi assim que Satanás, tal como agora se tornou, iniciou a sua automeada missão e serviço a si próprio de reorganizar o governo de Deus para que lhe fosse concedida nesse governo a posição que acreditava ser sua por direito.

É preciso sublinhar isto aqui, pois é um ponto muito importante em todo o estudo que não era a posição de Deus, o Pai, que estava em causa. A posição desafiada era a posição de Cristo e era essa que Satanás queria usurpar para si mesmo.

“Ele (Satanás) declara que não pode submeter-se a estar sob o comando de Cristo, que só às ordens de Deus obedeceria.” *Spiritual Gifts* 3:38.

O problema para Satanás era que, tendo perdido o poder da visão espiritual, já não podia ver Deus no Anjo que era Cristo. Ele só via outro anjo como ele, e porque aquele Anjo era o mais modesto e despretensioso de todos os anjos, Ele parecia, aos olhos de Lúcifer, muito menor do que ele via a si próprio ser. Por isso, questionou porque é que o Anjo, Cristo, deveria ter a preeminência sobre este anjo, Lúcifer. O problema repetiu-se na experiência dos judeus nos tempos de Cristo que O viam como sendo apenas um homem como nós. Não podiam ver e não viam Deus no homem, porque viam-se como muito superiores na educação, riqueza, prestígio e autoridade.

Por isso, questionaram-se sobre o porquê de Ele ter a honra e o poder acima deles. Porque não conseguiam compreender estas coisas, e porque rejeitaram o poder pelo qual poderiam ter sido abrandados à semelhança de Cristo, ridicularizaram as Suas pretensões e decidiram privá-l’O da Sua própria vida para que pudessem, como imaginavam, recuperar as suas posições perdidas.

Foi a repetição do grande conflito nos mais exactos pormenores. Como Satanás no Céu cobiçou a posição de Cristo e decidiu despojar Cristo dessa posição, então os guias religiosos nos dias de Cristo cobiçaram a Sua posição e decidiram livrar-se d’Ele.

Cristo tinha sido e sempre será o porta-voz de Deus para as criaturas. Nesta Terra, os fariseus tinham-se colocado como porta-vozes de Deus para o povo e quando Jesus chegou para cumprir a Sua comissão divinamente nomeada para tal, recusaram-se a abandonar o cargo que tão injustamente usurparam. Todo conflito entre eles e Cristo foi sobre este mesmo problema em que Satanás tinha contestado as coisas no Céu.

O próprio rumo prosseguido pelos fariseus que eram do seu pai, o diabo, é uma clara revelação dos propósitos de Satanás. Ele deseja tomar o lugar de Cristo e ser o porta-voz de Deus. Ele queria ficar

entre Deus e o povo em vez de Cristo. Esta é a imagem que, essencialmente, deve ser mantida em mente à medida que estudemos agora o que é realmente a batalha do Armagedom.

O Rei do Norte

É importante que esta imagem seja mantida em mente, pois é a ilustração do reino de Satanás onde quer que seja construída nesta Terra. Ele falhou completamente em colocar-se no lugar de Cristo no Céu. Não podia fazê-lo, pois não era ao mesmo tempo Deus e criatura. Só Cristo poderia ocupar esta posição. Não era que Deus não lhe desse a posição que ele procurava, mas porque era impossível ele ocupá-la.

É assim que chegamos à história da Babilónia no rio Eufrates no Antigo Testamento. Do profeta Jeremias, viu-se que este é o poder designado como Reino do Norte. Fomos ao início para ver o significado desse título, uma vez que está ligado a esse poder.

Mas agora, à medida que se lê mais em Jeremias, descobre-se que existe outro poder chamado pelo nome de Rei do Norte e que não é Babilónia, mas sim o poder que a destrói.

Em *Jeremias* 50 são profetizados os juízos sobre aquela grande cidade. Estes revelam que Babilónia, a qual vimos ser o Rei do Norte, é destruída pelo Rei do Norte.

“A palavra que falou o Senhor contra a Babilónia, contra a terra dos caldeus, por intermédio de Jeremias, o profeta.

“Anunciai entre as nações; e fazei ouvir, e arvorai um estandarte, fazei ouvir, não encubrais; dizei: Tomada está Babilónia, confundido está Bel, espatifado está Merodaque, confundidos estão os seus ídolos, e quebradas estão as suas imagens.

“Porque subiu contra ela uma nação do norte, que fará da sua terra uma solidão, e não haverá quem nela habite; tanto os homens como os animais fugiram, e se foram...

“Fugi do meio de Babilónia, e saí da terra dos caldeus, e sede como os bodes diante do rebanho.

“Porque eis que eu suscitarei e farei subir contra a Babilónia uma congregação de grandes nações da terra do norte, e se prepararão contra ela; dali será tomada; as suas flechas serão como as de valente herói, nenhuma tornará sem efeito.

“Eis que um povo vem do norte; uma grande nação e muitos reis se levantarão dos extremos da terra.

“Armam-se de arco e lança; eles são cruéis, e não têm piedade; a sua voz bramará como o mar, e sobre cavalos cavalgarão, todos postos em ordem como um homem para a batalha, contra ti, ó filha de Babilónia.

“O rei de Babilónia ouviu a sua fama, e desfaleceram as suas mãos; a angústia se apoderou dele, como da que está de parto.

“Eis que ele como leão subirá da enchente do Jordão, contra a morada forte, porque num momento o farei correr dali; e quem é o escolhido que porei sobre ela? porque quem é semelhante a mim, e quem me fixará o tempo? É quem é o pastor que poderá permanecer perante mim?

“Portanto ouvi o conselho do Senhor, que ele decretou contra Babilónia, e os seus desígnios que intentou contra a terra dos caldeus: certamente os pequenos do rebanho serão arrastados; certamente ele assolará as suas moradas sobre eles.

“Ao estrondo da tomada de Babilónia estremeceu a terra; e o grito se ouviu entre as nações.” *Jeremias* 50:1, 2, 3, 8, 9, 41-46.

Este Outro Rei do Norte

Tão facilmente como vimos que Babilónia era o poder referido anteriormente no livro de *Jeremias* como sendo o Rei do Norte, podemos agora ver que os Medo-Persas são o Rei do Norte aqui referido.

Há várias conclusões que podem ser retiradas do facto de que tanto Babilónia como os poderes que a destroem são chamados pelo mesmo nome, o Rei do Norte. Alguns podem concluir que há apenas a coincidência de ambos terem vindo do norte geograficamente e a Bíblia está simplesmente a reconhecer este facto.



No entanto, já foi notado que Babilónia não se situa a norte, mas a leste de Jerusalém e da Palestina. É de notar agora que o mapa mostra que, embora os Medos estivessem muito a norte de Babilónia, os persas, que comandados por Ciro foram os principais conquistadores da Babilónia, uma vez mais estavam a leste de Babilónia. Na verdade, em *Isaías*, Ciro é referido como o rei do oriente.

Não podemos ignorar o termo “O Rei do Norte”, como sendo insignificante quando é usado na Profecia bíblica. Ele é realmente muito significativo. A sua utilização faz parte da mensagem do capítulo.

A nossa pesquisa centrar-se-á agora na descoberta da importância desse título, tal como aplicado à Medo-Pérsia.

Já vimos que existe o verdadeiro Rei do Norte original, Jesus Cristo. Babilónia era e é o falso ou pseudo-rei do Norte. Portanto, o grande conflito é a luta entre o verdadeiro Rei do Norte, Jesus Cristo, e o falso Rei do Norte, Satanás.

Esse conflito que foi travado entre a Pessoa, Cristo, e a pessoa, Satanás, no Céu, é continuado na Terra através dos representantes de cada um deles. Assim, se havia dois reis do Norte no Céu, deve haver dois em baixo. Um será o verdadeiro, e o outro o falso. Um será o agente de Cristo e o outro será o agente de Satanás.

Sem dúvida, Babilónia, como agente de Satanás, era o falso Rei do Norte. Agora deve ser visto que Ciro, o Rei dos Persas, representou o papel de Cristo como o verdadeiro Rei do Norte que provocará a destruição final e total de Babilónia.

É de salientar aqui que, como Ciro era um monarca terrestre dedicado aos caminhos dos governantes terrenos, a sua representação de Cristo como o verdadeiro Rei do Norte não é perfeita e completa.

Por exemplo, o método de Ciro como destruidor de Babilónia é muito diferente do método de Cristo para trazer o fim total de Babilónia. Enquanto Ciro enfrentou Babilónia com armas de destruição nas mãos, Cristo, no final, simplesmente deixa Babilónia colher o que ela semeou. Não pretendemos, nesta série, desviar-nos para o tema da forma como Deus faz as coisas a este respeito. Queremos deixar claro que o que aqui se diz sobre Ciro ser um tipo de Cristo não contradiz, por um momento, as grandes verdades já ensinadas em relação ao carácter de Deus.

O Tipo do Verdadeiro Rei do Norte

O Rei Ciro recebeu uma menção muito especial nas Escrituras da Verdade. Tudo o que se diz sobre ele é muito o oposto do que se diz sobre Babilónia.

“Quem suscitou do oriente o justo? e o chamou para o pé de si? Quem deu as nações à sua face e o fez dominar sobre reis? Ele os entregou à sua espada como o pó, e como praga arrebatada pelo vento ao seu arco.

“Suscito a um do norte, e ele há de vir; desde o nascimento do sol invocará o meu nome; e virá sobre os magistrados, como sobre o lodo, e, como o oleiro pisa o barro, assim ele os pisará.” *Isaías* 41:2, 25.

Nestes versículos, Ciro não é nomeado directamente como sendo a pessoa referida, mas é nomeado directamente sob os mesmos termos um pouco mais tarde na profecia.

“Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações diante de sua face, eu soltarei os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão.

“Eu irei diante de ti, e endireitarei os caminhos tortos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro.

“E te darei os tesouros das escuridades, e as riquezas encobertas, para que possas saber que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome.

“Por amor de meu servo Jacó, e de Israel, meu eleito, eu a ti te chamei pelo teu nome, pus-te o teu sobrenome, ainda que não me conhecesses.” *Isaías* 45:1-4.

Aqui Ciro é nomeado directamente como aquele a quem o Senhor tinha chamado para efectuar a destruição de Babilónia.

Dele, o Senhor tem ainda mais a dizer nestas palavras:

“...Ciro: É meu pastor, e cumprirá tudo o que me apraz, dizendo também a Jerusalém: Sê edificada; e ao templo: Funda-te.” “Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei: ele edificará a minha cidade, e soltará os meus cativos, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos.” *Isaías* 44:28; *Isaías* 45:13. A referência a *Profetas e Reis*, 552, 557, {PR 280} confirmará que a segunda destas Escrituras se aplica a Ciro tanto quanto a primeira.

Considerai a extensa lista de registos sobre este rei do norte e do oriente, para ver como nenhum deles se aplicaria ou poderia aplicar-se a Babilónia, o destruidor.

- É o homem justo do oriente.
- É o pastor de Deus.
- É ungido por Deus.
- É chamado em justiça.
- Todos os seus caminhos são dirigidos a Deus.
- Construirá a cidade de Deus, Jerusalém.
- Libertará os cativos.
- Destruirá Babilónia para que ela nunca mais volte a erguer-se.

Embora nenhum dos registos acima enumerados possa aplicar-se a Babilónia como o falso Rei do Norte, cada um deles pode ser aplicado e aplica-se a Cristo como o verdadeiro Rei do Norte.

- Cristo é o justo de Deus. Ele vem do oriente naquele dia em que finalmente vier contra Babilónia.
- Cristo é o pastor de Deus. “Eu sou o bom pastor”, diz Ele. *João* 10:14.
- Cristo é ungido por Deus. “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres...” *Lucas* 4:18.
- Cristo é levantado em justiça. Ele é “O Senhor, Justiça nossa”. *Jeremias* 23:6.
- Todos os caminhos de Cristo são dirigidos a Deus. “Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente.” *João* 5:19.

- Cristo construirá a cidade de Deus que é a Igreja de Deus. Na verdade, não há mais ninguém a não ser Ele quem pode fazer isto. “E eu digo também a ti, que tu és Pedro, e sobre esta Rocha eu construirei a Minha igreja; e os portões do inferno não prevalecerão contra ela.” *Mateus* 16:18.
- Cristo libertará os cativos. Só Ele pode libertar os cativos na prisão do pecado e da morte. “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” *João* 8:36.
- Só Cristo tem o poder de trazer o fim definitivo a Babilónia. Esse poder é a Sua justiça, que é uma obediência perfeita à lei de Jeová. “Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, eleitos, e fiéis.” *Apocalipse* 17:14.

Por isso, é tão claro que tudo o que a Palavra de Deus disse profeticamente sobre Ciro no Antigo Testamento, também afirma em relação a Cristo no Novo Testamento. Todos os que entendem o princípio do tipo e do antítipo não terão dificuldade em ver que Ciro é então um tipo claro de Jesus Cristo. Isto significa que, ao estudar a queda de Babilónia, os passos prosseguidos por Ciro revelar-nos-á o papel de Cristo na batalha do Armagedom.

Aqueles que pensam que o Armagedom é uma batalha política entre as nações orientais e ocidentais não terão pensado em Cristo no desempenho de qualquer papel nessa grande luta. Mas Ele vai desempenhar um papel muito importante. Ele será, de facto, o comandante de um lado enquanto Satanás é o chefe do outro, pois “A Providência Divina tem uma parte a desempenhar na batalha do Armagedom.” “Dois grandes poderes opostos são revelados na última grande batalha. De um lado está o Criador do Céu e da Terra. Todos os que se encontram do Seu lado têm o Seu selo. Eles são obedientes a Suas ordens. Do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião.” *Manuscript Releases* 19:160.1; *The Review and Herald*, 7 de Maio de 1901. (Vede *Eventos Finais*, 249.)

7 — A Seca do Rio Eufrates,

Deve estar agora claro o princípio que a batalha do grande dia de Deus, chamada a Batalha do Armagedom, não será algo novo, mas a repetição daquilo que aconteceu antes. Será a batalha final do longo conflito entre o bem e o mal.

A batalha final envolve a seca do rio Eufrates para que o caminho dos reis do oriente possa ser preparado. Foi assim na queda da antiga Babilónia. Ela sentava-se no grande rio Eufrates exactamente como a última Babilónia, a Grande, se sentará sobre o Eufrates. Contra a cidade antiga vieram os Reis do Oriente, que encontraram o caminho de entrada para a cidade barrado pelas águas do rio. Então eles secaram o rio para que o seu caminho fosse preparado.

O resultado foi que Babilónia foi derrubada como cidade e como nação tão totalmente que nunca mais voltou a erguer-se. O resultado para Babilónia, a Grande, será precisamente o mesmo.

“E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilónia, aquela grande cidade, e não será jamais achada.” *Apocalipse* 18:21.

Na altura da sua queda, o povo de Deus, que era a igreja de Deus, estava em cativeiro na terra de Babilónia. Deve ser visto que, enquanto estavam em cativeiro físico, os verdadeiros não estavam em cativeiro espiritual. Daniel era tão livre como algum homem poderia ser a este respeito. Tinham sido dados a Babilónia os últimos convites ao arrependimento e ela havia feito as suas rejeições finais. Apesar disso, e em desafio os apelos da misericórdia, Belsazar mandou buscar os próprios vasos do santuário e bebeu neles o vinho de Babilónia. Foi uma acção da sua parte declarando a sua elevada exaltação própria. Foi da sua parte uma declaração do nível de exaltação própria a que se elevou. Foi uma acção desafiando o Céu. Foi a chegada ao ponto máximo de orgulho no qual estava confiante que ele e o seu senhor, o diabo, tinham sido bem-sucedidos em estabelecer o reino rebelde das trevas numa base tão forte que nem mesmo o Deus do Céu poderia derrubá-lo.

Com um abastecimento de água incessante no grande rio que fluía pela cidade; com terra de cultivo suficiente dentro dos muros para lhes assegurar um fornecimento perpétuo de alimentos; com muros tão espessos que era possível realizar corridas de carros à volta no seu topo; o rei sentiu-se seguro de que a cidade era invencível e certamente permaneceria para sempre. Que necessidade havia para temer os reis do oriente de cuja aproximação tinha ouvido notícias? Estava a salvo e Babilónia duraria para sempre. O seu grande antepassado, Nabucodonosor, tinha razão quando construiu a imagem toda em ouro. Babilónia era eterna.

Mas este mesmo tempo e lugar onde ele se julgava finalmente ter chegado, como rei dos reis e senhor dos senhores, foi o mesmo tempo e lugar onde chegou ao seu fim repentino e absoluto sem ninguém para o ajudar. Da ruína infligida naquela noite, Babilónia caiu, para nunca mais se levantar.

Assim será na última vez. Mais uma vez, Babilónia terá o controlo de todo o mundo e terá a ascendência física sobre o povo de Deus. Mais uma vez, ela terá tomado as próprias coisas de Deus para usar no seu próprio serviço e engrandecimento. Ela terá chegado ao auge da suprema auto-exaltação. O mundo inteiro estará aos seus pés. Ela ver-se-á a si mesma como rei dos reis e senhor dos senhores, e, como o decreto de morte está pronto para ser executado, restará, então, apenas um instante de tempo antes da aniquilação total do povo de Deus. Se ela conseguisse isto, sairia vencedora na batalha. Satanás seria o triunfante no grande conflito, pois: “Se (neste momento) ele os pudesse eliminar (o povo de Deus) da Terra, seu triunfo seria completo.” *O Grande Conflito*, 618.

⁹ *The Messenger of Living Righteousness*, Novembro de 1975.

Será neste momento que ela se verá como estando em total comando. O mundo inteiro estará aos seus pés e cumprirá as suas ordens e o povo de Deus está prestes a ser destruído. É então que ela orgulhosamente dirá:

“Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto.” *Apocalipse* 18:7.

Mas, precisamente como foi nos tempos da antiga Babilónia, o momento de maior segurança aparente e triunfo é o momento de destruição total e súbita. Será uma destruição tão absoluta da qual nunca mais se levantará. A mudança de posição será do extremo do poder, da glória e do apoio unânime, ao extremo oposto da vergonha, da derrota e da total deserção de todos aqueles que momentos antes eram tão leais a ela. Nunca haverá uma queda tão grande e tão terrível como a queda de Babilónia nos últimos dias.

A história do passado está a receber um cumprimento tão marcante nos acontecimentos do futuro que será essencial manter estas coisas em mente à medida que entramos agora num estudo detalhado dos versículos na Escritura que descrevem a batalha do grande dia de Deus Todo-Poderoso que se aproxima.

A Sexta Praga

“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente.

“E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs.

“Porque são espíritos de demónios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis da terra e de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.

“Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas roupas, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas.

“E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.” *Apocalipse* 16:12-16.

Tendo demonstrado que a interpretação geográfica não conta para a identificação dos poderes descritos nestes versículos, não consideraremos este método de interpretação, uma vez que avançamos agora para a investigação da mensagem que nos foi aqui dada.

O primeiro acto no drama da sexta praga é a seca do rio Eufrates para que o caminho dos reis do oriente possa ser preparado. Não se faz referência directa a Babilónia nesta passagem, mas há pouca necessidade, pois a imagem é tão claramente uma repetição do que aconteceu na queda daquela cidade antiga, que é por si mesmo evidente. A sexta e a sétima pragas são expressamente a descrição da queda e destruição da moderna Babilónia. Não entender isto é perder toda a mensagem contida nestes versículos.

Sabemos o que foi o rio Eufrates na queda da primeira Babilónia. Era um rio físico de água literal que corria sob as muralhas e atravessava a cidade de Babilónia. Coloca-se a questão de saber o que será o Rio nas cenas finais.

Para encontrar a resposta temos apenas que recorrer ao capítulo seguinte de *Apocalipse*. Aqui João relata o que viu.

“E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas.” *Apocalipse* 17:1.

É de notar que aquilo que João estava a ver não era apenas a prostituta, mas a condenação da prostituta. Esta condenação é trazida sobre ela nas sete últimas pragas, em particular na sexta e na sétima. Portanto, todo o capítulo dezassete de *Apocalipse* é mais uma explicação do que vai acontecer no derramamento dessas pragas. É uma imagem ainda mais clara do destino de Babilónia, a Grande.

Para levar a sua declaração ao profeta, o anjo levou-o “em espírito a um deserto, e [ele] viu uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfémia, e tinha sete cabeças e dez chifres.” *Apocalipse* 17:3.

É evidente que a promessa do anjo de lhe mostrar a condenação da grande prostituta que se sentava sobre muitas águas, começou a ser cumprida quando lhe foi mostrada a mulher sentada sobre a besta.

Portanto, a prostituta e a mulher são uma, e as águas e a besta são uma só. Alguns podem perguntar como as águas e a besta podem ser a mesma coisa. Não são a mesma coisa, mas simbolizam, cada uma à sua maneira, a mesma coisa.

O facto de isto ser assim é tornado muito claro pela explicação dada no mesmo capítulo do que cada uma simboliza.

“As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas.” *Apocalipse 17:15*.

Por conseguinte, as águas simbolizam as pessoas da Terra que estão por baixo da mulher ou prostituta.

Na besta há sete cabeças cada uma das quais se diz ser um rei ou melhor um reino.

“As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.” *Apocalipse 17:9*.

A Bíblia declara claramente que em profecia um monte simboliza um reino que preenche o mundo inteiro. *Daniel 2:35, 44, 45*, deixa isto muito claro. No versículo 35, o símbolo de um monte é introduzido nestas palavras:

“A pedra, que feriu a estátua, se tornou grande monte, e encheu toda a terra.”

No versículo 44, é-nos dito:

“Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído...”

O versículo 45 diz-nos que fazer isto, que é o levantamento deste reino eterno, seria o cumprimento daquilo que foi simbolizado pela pedra que se tornou um grande monte que encheu toda a Terra. Portanto, é claro que um monte simboliza um reino na profecia bíblica.

Aqui, evidentemente, é o símbolo de um reino bom, nomeadamente o reino de Deus, mas também pode simbolizar um reino mau. Assim, Babilónia é descrita como sendo um “monte destruidor”. *Jeremias 51:25*.

Assim, logo depois de ser feita referência às sete cabeças como sendo sete montes, afirma-se que também são “sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo.” *Apocalipse 17:10*. Assim, é evidente que a besta que tem sete cabeças cada uma das quais representa um reino consecutivo de dimensões mundiais, ele próprio representa, como as bestas de *Daniel* e de *Apocalipse*, um reino mundial que aparece através da história sob sete cabeças diferentes. Como os reinos do mundo são as pessoas do mundo, então é claro que a besta e as águas, embora em si mesmas sejam símbolos diferentes, representam a mesma coisa — os povos de todo o mundo.

Desta maneira, a representação clara dada em *Apocalipse* dezassete é que a mulher, que é a prostituta, e cujo nome é “MISTÉRIO, A GRANDE BABILÓNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA”, *Apocalipse 17:5*, montada no apoio e protecção que lhe é dado pelos povos de todo o mundo à medida que se aproxima do dia da sua condenação.

Agora temos o facto que o nome da prostituta ou da mulher assentada sobre as muitas águas é Babilónia, a Grande. Se o nome da mulher, então, é Babilónia, qual deverá ser o nome das águas? Na medida em que não há diferença entre a Babilónia do Antigo Testamento e a Babilónia do Novo, com excepção da localização geográfica, então temos apenas que perguntar qual era o nome do rio sobre o qual se sentava a antiga Babilónia, para encontrar o nome das águas sobre as quais se senta a moderna Babilónia. Esse nome é Rio Eufrates. Ele tem a mesma relação com a Babilónia dos últimos dias, como o antigo rio tinha com a Babilónia do passado.

Um Rio da Vida

Para Babilónia, Eufrates era, de facto, o rio da vida. Fluía com uma certeza infalível durante todo o ano, trazendo-lhes toda a água que precisavam para a vegetação, para beber, para tomar banho e para os seus animais. A cidade dependia daquele rio não só para a continuação dos processos de vida, mas também como uma protecção dos seus inimigos, pois mantinha o fosso em torno das muralhas da cidade continuamente cheio. Enquanto o rio corria, a cidade estava segura e não podia cair. As paredes

eram impenetráveis e impossíveis de escalar, e o abastecimento de água assegurava que nunca poderiam ser levados à fome até à submissão.

Assim será com a moderna Babilónia. O povo Terra será o Eufrates moderno que fornece o suporte de vida para aquela grande cidade. Chegará o momento em que esta Escritura será cumprida, e todo o mundo se maravilhará com a besta.

“... E toda a terra se maravilhou após a besta.

“E [eles, todo o mundo] adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?...”

“E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.” *Apocalipse* 13:3, 4, 8.

Nesse dia haverá apenas as duas classes de pessoas. Haverá os reis da Terra e os povos sob o seu comando que darão a sua total fidelidade à mulher que é Babilónia, a Grande, e haverá os poucos fiéis que serão leais ao Deus do Céu e estarão do Seu lado no conflito.



Das grandes multidões da Terra, a Babilónia final receberá o seu vasto apoio financeiro e material. Ela alimentar-se-á deste rio da vida para ela. Além disso, fornecer-lhe-ão a protecção que ela precisa contra possíveis inimigos, pois, uma vez que o mundo inteiro está a seus pés, somente podem ser os poderes do Céu. As grandes multidões não só serão a sua suposta protecção contra os poderes do Céu, como se juntarão a ela na sua guerra directa contra o Deus do Céu.

Assim está escrito:

“Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis.” *Apocalipse* 17:14.

Estes dez reis são simbolizados pelos dez chifres sobre a cabeça da besta. Como tal, então, eles compõem a soma dos povos que são simbolizados pela besta no momento em que a mulher se assenta sobre ela nos últimos tempos. Estas pessoas, dão individualmente os seus poderes à mulher na sua luta contra o Cordeiro, mas serão derrotadas total e inteiramente.

Um Rio de Morte

O rio Eufrates era aquele rio que os babilônios consideravam ser o seu rio de vida, e era tão até um dado momento. Então as próprias águas que tinham sido, até então, um suporte de vida para eles tornaram-se o meio pelo qual o inimigo entrou na cidade e causou a sua completa, final e eterna destruição. Numa noite, o papel do rio mudou da vida para a morte.

Assim será nos últimos dias em que a última Babilónia chega ao seu derradeiro e eterno fim. Em *Apocalipse 17*, é tão claramente revelado que os próprios poderes da Terra que tinham dado o seu apoio à mulher e ao reino dela e é simbolizado pela besta, viram-se contra a prostituta e a destroem. Desse modo, eles ocupam, em primeiro lugar, o papel de apoiante e suporte de vida, e depois voltam-se para o papel oposto de destruidor do próprio poder que antes defenderam.

Portanto está escrito:

“E os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.

“Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.” *Apocalipse 17:16, 17*.

Por conseguinte, será assim que Babilónia cairá pelas mãos dos seus apoiantes. Eles virar-se-ão uns contra os outros, como fizeram os inimigos de Israel sempre que os filhos de Israel saíram com fé para permitir que o Senhor ganhasse a vitória para eles. Quando Gideão e o seu pequeno grupo apareceram diante dos midianitas, quando Jonatas e o seu pajem de amas saíram contra os filisteus e quando Josafá saiu contra os edomitas, os seus inimigos viraram as suas armas um contra o outro e destruíram-se a si mesmos de modo que quando o povo de Deus chegou ao local, a batalha estava terminada.

O Outro Entendimento

Na medida em que as ideias antigas são difíceis de arrancar, é bom dedicar um pouco de espaço aqui comparando a velha visão com a verdade aqui expressa. Na visão errada do Armagedom, que depende tanto da interpretação geográfica, o panorama é que as nações do oriente, Japão, China e outras, se reúnem contra as nações ocidentais nas planícies de Esdraelon, na Palestina.

Como as nações ocidentais são os defensores do papado, o dia da condenação de Babilónia é realizado pelo ataque feito contra ela e seus apoiantes pelos poderes do oriente. Eles são, argumenta-se, o instrumento nas mãos de Deus para destruir Babilónia, a Grande, e os seus apoiantes.

Lembro-me bem de um debate mais intenso que tive uma vez com um evangelista a quem há muito preguei esta teoria. Ele afirmava fortemente que o fim de Babilónia seria provocado da maneira descrita acima.

Em resposta, direcionei a sua atenção para *Apocalipse 17:12-17*, onde está tão claramente escrito que os poderes de todo o mundo, que em primeiro lugar dão o seu apoio a Babilónia, a Grande, são os mesmos que de repente invertem a sua lealdade e se voltam contra ela e a destroem. Assim, não é destruída por aqueles *contra quem* vai para a guerra, mas por aqueles *com quem* vai para a guerra.

Esta viragem dos inimigos de Deus uns contra os outros é a obra do Cordeiro. Ele fá-lo não com as armas de guerra carnais, mas pela apresentação da justiça no seu melhor através da vida dos cento e quarenta e quatro mil. Haverá mais a dizer acerca disto à medida que a série avance.

Fica assim claro pela palavra de Deus sobre o que é o grande rio Eufrates nos últimos dias.

O nome é muito significativo e haverá mais a aprender sobre este rio no próximo capítulo da série.

8 — Os Dois Rios Eufrates¹⁰

Do estudo de *Apocalipse* 16 e 17, é de se ver com grande clareza que o rio Eufrates, como aquele rio é visto em relação aos acontecimentos dos últimos dias, é simbólico do povo de toda a Terra que dá o seu apoio a Babilónia, a Grande.

Mas para ganhar algo do significado total do simbolismo deste rio, é necessário encontrar o primeiro rio chamado por esse nome. Ele é encontrado em *Génese* 2:10-14.

“E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços.

“O nome do primeiro é Pison; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro.

“E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio, e a pedra sardónica.

“E o nome do segundo rio é Giom; este é o que rodeia toda a terra de Cuse.

“E o nome do terceiro rio é Hidéqel; este é o que vai para a banda do oriente da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates.”

O Jardim do Éden original deve encontrar o seu equivalente no Éden restaurado na eternidade ainda por vir. No Éden ainda por vir, haverá a árvore da vida, a mesma árvore da vida que estava no Jardim original do Éden, porque “Depois da entrada do pecado, o Cultivador celestial transplantou a árvore da vida para o Paraíso celestial” *Testemunhos para a Igreja* 8:288.

Não só a árvore da vida foi transplantada para o Céu, mas também todo o Jardim. “Quando a onda de iniquidade se propagou pelo mundo, e a impiedade dos homens determinou sua destruição por meio de um dilúvio de água, a mão que plantara o Éden o retirou da Terra. Mas, na restauração final de todas as coisas, quando houver ‘um novo céu e uma nova Terra’ (*Apocalipse* 21:1), será restabelecido, mais gloriosamente adornado do que no princípio.” *Patriarcas e Profetas*, 62. {PP 32}

Assim como a árvore da vida é uma parte inseparável do Jardim do Éden, o rio da vida também. No Éden restaurado, fluirá do trono de Deus para regar o mundo com vida. A árvore da vida estará nas suas margens para produzir o seu fruto dador de vida.

Então tinha que haver um rio da vida no Jardim original e havia. Embora não fosse directamente chamado de rio da vida lá, é, no entanto, claro que isto é realmente o que ele era, pois, este rio é uma parte inseparável do Jardim do Éden. O novo Éden é apenas uma restauração do original.

Tal como esse rio fluía como uma única corrente do Jardim original, dividia-se em quatro braços para que a sua vida pudesse ser distribuída pelos quatro cantos da Terra. Este rio da vida tinha a sua fonte em Deus, que é a única Fonte da vida e, portanto, o Único que pode dar vida. Um dos quatro braços do rio chamava-se Eufrates.

Mas não era sobre este rio Eufrates que a cidade de Babilónia foi construída. Este era outro Eufrates que não tinha a sua nascente no Jardim do Éden, e, embora fosse um rio de vida do género e era certamente considerado pelos babilónios como tal, não era, de facto, o rio da vida. Pelo contrário, provou ser um rio de morte.

A Mudança

Na construção da cidade de Babilónia, no outro rio Eufrates, há uma mensagem muito definida a ser vista. É a revelação de um grande princípio de vida em relação ao grande conflito em si.

Originalmente, o Senhor do Céus providenciou o único verdadeiro rio da vida do qual todos deveriam depender como fonte de vida do eterno e imortal Deus. Mas, quando o pecado entrou, o homem

¹⁰ *The Messenger of Living Righteousness*, Dezembro de 1975.

perdeu o acesso à árvore da vida e ao rio da vida. O Jardim do Éden já não está entre nós, e o grande rio Eufrates original, como um rio literal da vida de Deus para o homem, já não corre.

Mas isto não significa que a vida já não esteja disponível para a humanidade perdida. Através da morte de Cristo sobre a árvore, o fluxo de vida do trono de Deus está novamente disponível para a humanidade.

“Depois da entrada do pecado, o Cultivador celestial transplantou a árvore da vida para o Paraíso celestial; mas seus ramos pendem sobre o muro, em direção ao mundo aqui de baixo. Através da redenção adquirida pelo sangue de Cristo, ainda podemos apanhar de seu fruto doador de vida.” *Testemunhos para a Igreja* 8:288.

“Está escrito a respeito de Cristo: ‘NEle, estava a vida e a vida era a luz dos homens.’ João 1:4. Ele é a fonte de vida. Obediência a Ele é o poder outorgador de vida que alegra a alma.” *Testemunhos para a Igreja* 8:288.

“Para nós a Palavra de Deus é a árvore da vida.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:989.

“Cristo é a fonte da nossa vida, a fonte da imortalidade. Ele é a árvore da vida, e a todos os que vêm a Ele dá vida espiritual.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:989.

Mas quando os homens se afastam desta fonte de vida como os primeiros habitantes do mundo se afastaram do Jardim do Éden, da árvore da vida e do rio da vida, verificaram que a destituição do poder e da vida espiritual, é em seu lugar, uma fonte de morte e destruição, embora no início possa parecer uma fonte de vida e força. O fim e certo resultado final de tomar a outra e alternativa fonte de poder e vida, é uma queda na morte total e eterna.

Assim, há duas quedas para aqueles que vão para a perdição. Em primeiro lugar, a queda espiritual, que é seguida pelo recurso a fontes alternativas de vida e poder no final da qual está a segunda queda, que não é espiritual, mas física.

Folhas de Figueira em Substituição da Luz

Há inúmeros exemplos deste procedimento. No Jardim do Éden antes de pecarem, Adão e Eva estavam vestidos com uma bela peça de luz viva fornecida pela Fonte da luz e do poder.

“Esse casal, que não tinha pecados, não fazia uso de vestes artificiais; estavam revestidos de uma cobertura de luz e glória, tal como a usam os anjos. Enquanto viveram em obediência a Deus, esta veste de luz continuou a envolvê-los.” *Patriarcas e Profetas*, 45. {PP 18}

Depois caíram espiritualmente pelo que podia dizer-se deles: “caíram, caíram, Adão e Eva.” Esta queda foi espiritual e não física, privando-os do poder de Deus e da vida de Deus, com o resultado de terem perdido a sua veste de luz. “Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.” *Gênesis* 3:7.

Logo que perderam a veste de luz que receberam de Deus, mas que tinha sido perdida porque se afastaram desta fonte de luz e poder, substituíram-na por outra veste no lugar dela. Mas, enquanto a primeira era uma veste viva, a segunda era morta, sendo, por assim dizer, composta de folhas de figueira separadas da sua fonte de vida e força.

Esta é uma veste do engenho humano, mas não tem qualquer ligação com a fonte de vida e poder. Da mesma maneira como as folhas dessas vestes foram separadas dos ramos e, portanto, das raízes da árvore, assim é certamente a vida do homem sem Deus, separada da Fonte da Vida.

Na grande e terrível história do dilúvio, Deus revelou novamente que a arca dada por Ele era o único lugar onde a vida podia ser sustentada no meio da terrível destruição que o pecado tinha trazido sobre a Terra. No entanto, apenas pouco tempo passado e os homens, muito conscientes de que chegaria o momento em que a destruição voltaria a atingir a Terra, decidiram construir o caminho de fuga da sua própria invenção. Assim, a Torre de Babel surgiu acima da terra alcançando uma altura cada vez mais alta em direção aos céus no alto. O homem voltou a substituir o seu modo de vida eterna no lugar do caminho de Deus. No acto de substituição podemos ler a sua queda espiritual. Na destruição da própria torre vemos a queda física e definitiva. A torre nunca foi reparada e assim continua. Manteve-se para sempre um monte de ruínas.

Aqui está o princípio. Em primeiro lugar, vem a queda espiritual como os homens rejeitam e se afastam da única fonte de poder e luz. Então segue a substituição de outro poder no lugar do poder de Deus. Depois vem a queda final no esquecimento material e físico.

A Queda de Babilónia

Isto explica muito claramente o porquê de em *Apocalipse* se declarar duas vezes que Babilónia caiu. Em primeiro lugar, é profetizado em *Apocalipse* 14:8.

“E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua fornicção.”

Sabemos que esta queda ocorreu em 1844, quando as igrejas caíram devido à sua rejeição da luz da verdade do Céu. Mas aquela queda foi uma queda moral ou espiritual. Essas igrejas, com o seu grande passado de reforma e herança protestante, ainda eram o povo de Deus, apesar de terem entrado num grave estado de apostasia. A eles foi enviada a luz da mensagem do advento. Foi um apelo de Deus para que se ligassem ao rio da vida, o grande rio Eufrates que flui do Jardim de Deus e que comessem da árvore da vida. Isto eles recusaram-se a fazer e o resultado foi uma queda moral ou espiritual.

O resultado dessa queda foi a perda imediata da presença, da vida e do poder de Deus. O grande rio Eufrates tinha secado para eles. Mas este não foi o rio Eufrates, simbolicamente falando, sobre o qual Babilónia se sentava na época em que Daniel estava cativo no meio dela. Em vez disso, simbolicamente falando, era o rio original do Jardim de Deus. Quando aquele rio secou, então a queda espiritual dos povos aconteceu.

Assim foi com a antiga Babilónia. Aquela nação não começou a ser construída enquanto o povo daquela nação não tivesse rejeitado o poder e a vida de Deus. Depois construíram sobre este outro rio. Era para eles o próprio rio da vida. Não confiaram no Deus do Céu para lhes dar vida, mas no rio que lhes trazia infalivelmente a sua água e os protegeu da incursão dos seus inimigos. Estavam à procura de outro poder no lugar do poder de Deus para a sua protecção e sustento. Assim foi construída a poderosa Babilónia do passado — não sobre os princípios da justiça que são o único modo de vida, mas sobre os princípios da força e da compulsão, que são os garantidos caminhos da morte e da destruição. O reino construído pela espada parecerá prosperar por algum tempo, criando assim a ilusão de que é o caminho da vida, mas no final perecerá pelos mesmos meios.

Assim como Babilónia foi construída para que o papado fosse construído. A igreja apostólica entrou na era após a cruz com todas as promessas e perspectivas de poderosos triunfos espirituais. Equipada com a verdade de Deus e o poder de Deus, ela avançou de vitória em vitória. A sua ligação com o grande rio Eufrates que fluía do trono de Deus era próxima e muito real.

Mas veio uma mudança. O Espírito e o poder de Deus começaram a sair dela. O formalismo tomou o lugar da experiência viva. Os homens perderam Deus de vista e a Sua justiça até que o Senhor não mais caminhava no seu meio dela, e ela viu-se sem poder para chegar aos povos do mundo. O grande rio da vida, o original e único Eufrates válido tinha secado e a igreja tinha caído. Babilónia tinha caído espiritualmente.

Tão seguramente como ela tinha caído, desprovida, então, do poder de Deus, virou-se para outra fonte de poder, o poder da espada tal como é detida pelo Estado. Estavam agora a construir sobre esse outro Eufrates sobre o qual a Babilónia espiritualmente caída sempre constrói. A.T. Jones dá ênfase a isto muito claramente no seu estudo sobre a história do passado.

“1. A igreja estava plenamente consciente da sua perda do poder de Deus antes de procurar o poder do Estado. Se não estivesse, nunca teria feito qualquer abertura à autoridade imperial, nem recebido com favor qualquer avanço dela. Há um poder que pertence ao evangelho de Cristo, e é inseparável da verdade do evangelho; esse é o poder de Deus. Na verdade, o evangelho é apenas a manifestação desse poder; porque o evangelho ‘é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.’ Portanto, enquanto qualquer ordem ou organização de pessoas que professam o evangelho de Cristo mantém na sinceridade o princípio desse evangelho, enquanto o poder de Deus estiver com eles, e eles não precisarem de qualquer outro poder para fazer sentir a sua influência para o bem onde quer que sejam

conhecidos. Mas assim que qualquer pessoa ou associação que professa o evangelho perde o seu espírito, rapidamente o poder desaparece também. Então, e só então, essa organização procura outro tipo de poder para suprir o lugar do que está perdido.

Os Dois Rios Eufrates



O rio no Jardim de Deus era um rio de vida

“2. Assim foi com a igreja neste tempo. Ela tinha caído, lamentavelmente caído, da pureza e da verdade, e, portanto, do poder do evangelho. E tendo perdido o poder de Deus e da divindade, ela agarrou-se gananciosamente ao poder do Estado e da impiedade. E para garantir leis através das quais pudesse impor a sua disciplina e dogmas àqueles sobre quem tinha perdido o poder, quer para convencer ou persuadir, foi o claro propósito que o bispado tinha em vista quando fez aquele acordo com Constantino e lhe emprestou a influência da igreja nas suas aspirações imperiais.” *Great Empires of Prophecy*, 472.

Foi assim que a antiga Babilónia estava construída sobre um rio que simbolizava a confiança do homem nos seus próprios poderes. O resultado final foi uma segunda e última queda em ruínas. Da mesma forma, o papado foi construído nas margens deste outro rio, uma vez que tinha caído espiritualmente. O resultado para ela foi também uma queda na ruína material que ocorreu em 1798.

Semelhantemente, desenvolver-se-á a imagem da besta nos últimos tempos, e da mesma forma o grande rio Eufrates, que o homem na sua cegueira procura, seca para provocar a queda final daquela grande cidade que reina sobre os reis da Terra.

“Foi a apostasia que levou a igreja primitiva a procurar o auxílio do governo civil, e isto preparou o caminho para o desenvolvimento do papado — a besta. Disse Paulo que havia de vir ‘a apostasia’, e manifestar-se ‘o homem do pecado.’ II Tess. 2:3. Assim a apostasia na igreja preparará o caminho para a imagem à besta.” *O Grande Conflito*, 443, 444.

O desenvolvimento disto está diante dos nossos olhos neste momento. Conscientes da sua perda de poder espiritual, as igrejas estão a ficar cada vez mais firmes no poder do braço de carne em que se mantêm a palavra da força e da compulsão. Enquanto todas as forças do crime, da agitação política e das catástrofes naturais estão a corroer cada vez mais a vida da sociedade humana. Tanto o Estado

como a Igreja encontram-se cada vez mais impotentes para responder a estes problemas para restaurar a estabilidade moral e material e da segurança.

Pouco percebendo que o próprio crime que destrói a Terra é o resultado directo da sua própria rejeição da lei de Deus e do poder de Deus, continuam a afastar-se cada vez mais do grande rio da vida para construir cada vez mais sobre o espúrio. Isto serve para aumentar a maldade na Terra com o resultado que o Espírito de Deus está a ser cada vez mais retirado da Terra. A presença do Espírito de Deus é uma protecção muito segura das forças arrasadoras à espera de submergir o mundo em ruína total. À medida que o Espírito de Deus se afasta, Satanás fica com cada vez mais controlo da Terra.



O rio que flui através da Babilónia era inicialmente um rio temporário de vida. Depois tornou-se um rio de morte eterna.

Não perde a oportunidade de exercer o poder que pode no campo moral humano e no mundo da natureza. O resultado é uma taxa de criminalidade cada vez maior, e um registo crescente de devastação como tempestades, conflagrações, terremotos, inundações, tornados e erupções vulcânicas a destruírem as obras do homem e negando-lhe o fruto das suas colheitas. Ele tem um conhecimento surpreendente dos segredos da natureza e usa isto para trazer o mundo a um ponto de desespero.

As Igrejas e o Estado verão nisto a necessidade de se unirem como um só corpo para combater estas emergências. Esta será a motivação que conduzirá as igrejas, em primeiro lugar, a unirem-se umas com as outras. Quando isto estiver feito, procurarão a unidade com o Estado, para que, à medida que esta união seja formada, será aclamada como anunciando finalmente o milénio de paz e prosperidade universal há muito esperado.

Mas, à medida que Satanás através destes meios conduz o mundo a uma dependência total e completa dos princípios do seu reino, ele tornar-se-á o mestre arquitecto na construção da Babilónia moderna no grande rio Eufrates do humano poder e sabedoria. Será a mais grandiosa e universal de todas as substituições do poder divino pelo poder humano. Será, assim, a maior demonstração de confiança no errado rio Eufrates — o rio da morte.

Mas firmes no caminho do sucesso total neste grande esquema para construir esta grande Babilónia estará o pequeno grupo do povo de Deus que se manterá na luz e dependendo completamente do outro rio, o verdadeiro rio da vida que flui do trono de Deus. Satanás arregimentará o mundo inteiro para destruir o povo de Deus. Como uma poderosa torrente de destruição, os povos da Terra, o último grande Eufrates, arremeterão na enchente onda em direcção aos santos aparentemente indefesos.

Será um solene momento inspirador, à medida que todo este poder se aproxima com aparente invencibilidade. Em toda a sua glória, Babilónia cavalgará na crista da onda. Será o momento de maior treva sobre as mentes dos homens, e apropriadamente nesse mesmo momento a quinta praga mergulhará todo o mundo na escuridão de tal densidade que desafiará qualquer penetração visual.

O poderoso rio da morte cessará o seu próprio fluxo e, em seguida, com uma crueldade ilimitada voltar-se-á contra a própria Babilónia que um momento antes estava a ser levada ao triunfo. A queda de Babilónia neste momento não será uma queda espiritual. Isso já aconteceu há muito tempo, como descrito em *Apocalipse* 14:8. Esta é a sua queda física e material. Esta é a sua destruição. Este é o seu fim. É isto que está descrito em *Apocalipse* 18:1-4. Este clamor, embora venha mesmo antes da queda física real como um aviso para todos fugirem do meio de Babilónia, é o anúncio tanto da queda

espiritual total de Babilónia como um aviso profético da iminência da sua queda em completa e irreparável ruína.

É pela compreensão do papel simbólico dos dois rios que Deus é capaz de retratar diante dos nossos olhos o resultado da rejeição do verdadeiro rio da vida pela substituição do rio da morte. O testemunho dos rios é claro. Que cada um então construa sobre as margens do rio da vida que corre do trono de Deus e não faz parte do grande rio da morte, com as suas ilusórias promessas de vida, sobre as margens das quais Babilónia, a Grande, está a construir com tanto orgulho hoje, como o prelúdio da sua queda e a queda de todos aqueles que com ela constroem, no dia seguinte. A partir dessa queda nunca mais se levantarão para sempre, enquanto aqueles que estão firmados nas margens do verdadeiro rio da vida erguer-se-ão para ficar em pé diante de Deus para sempre.

9 — A Tempestade em Formação¹¹

Os que de nós nasceram na mensagem do advento ou entraram nela no início da vida passaram as vidas à espera do início dos acontecimentos dos últimos dias e do culminar deles na segunda vinda de Cristo. Houve um atraso muito longo, provocado por nada mais do que pela incapacidade dos adventistas em aceitar a mensagem através da qual o fim poderia vir. Agora, há um povo em todo o mundo que tem aceite a luz e mantido o passo com o avanço da sua glória. Há todas as razões para acreditar que a mensagem está presentemente completa, embora ainda haja maiores profundidades para ver na que já nos foi dada. Com a certeza que estas coisas são assim, chegou a altura da libertação dos quatro ventos da contenda. Os acontecimentos que hoje ocorrem no mundo dão a mais forte indicação de que essas restrições estão a ser retiradas e as forças religiosas e políticas da Terra estão a alinhar-se para a luta fulcral.

Dois acontecimentos especialmente significativos são a deposição do Xá do Irão e a visita do Papa à Polónia. O primeiro foi alcançado por um poderoso ressurgimento da religião islâmica; um poderoso movimento opositor desencadeado pelas tentativas de ocidentalizar a sociedade islâmica.

“Há um ano, ao que parece, o Xá do Irão Mohammed Reza Pahlavi dificilmente poderia estar mais seguro no seu trono de 2.500 anos. Um monarca absoluto, controlava uma das forças militares mais fortes do Médio Oriente, uma polícia secreta omnipresente e 20.000 milhões de dólares de receitas anuais em petróleo. O seu principal inimigo, um líder religioso muçulmano de 78 anos, Aiatolá Ruhollah Khomeini, estava no exílio há 15 anos. No entanto, em Janeiro passado, o Xá foi forçado a fugir, e Khomeini regressou vitorioso. Pois, como se viu, Khomeini e os seus seguidores estavam armados com algo ainda mais formidável do que o sofisticado hardware militar do Xá: um ideal religioso.

“O Irão foi apanhado no reavivamento militante do fundamentalismo islâmico que varreu os 600 milhões de muçulmanos do mundo, de Marrocos no Atlântico à Indonésia na orla do Pacífico.

“Embora as circunstâncias sejam diferentes de país para país, o reavivamento islâmico em geral é uma reacção às tentativas de modernização das nações muçulmanas segundo os padrões ocidentais. Há anos que os reformadores muçulmanos procuram imitar o poder e a afluência do Ocidente, promovendo a industrialização e a educação em massa ao estilo ocidental. Mas o Islão é profundamente conservador e fortemente resistente à mudança. O que quer que tenha ocorrido a ocidentalização tem sido em grande parte profunda, afectando principalmente a elite da classe alta. Os conservadores religiosos queixam-se de que as tentativas de modernização dos seus países servem apenas para enfraquecer os valores islâmicos, não oferecendo nada no seu lugar. E eles têm convencido um número crescente de muçulmanos de que está na hora de voltar aos costumes islâmicos familiares do passado.” *The Reader's Digest*, Julho de 1979, 31, 32.

Assim, os islâmicos vêem o Ocidente como um inimigo e estão a demonstrar a determinação de minar a sua economia, reduzindo o fornecimento de petróleo enquanto, ao mesmo tempo, aumentam os preços ao ponto de resultarem graves perturbações. O Ocidente, por sua vez, reconhece isto como um ataque directo contra si. *A Revista Time*, por exemplo, lançou a legenda na capa da edição de 9 de Julho de 1979, “O Mundo Sobre um Barril—OPEP Reduz Produção de Petróleo”. O artigo principal do mesmo número é dedicado a este tema, com previsões sombrias de aumento de inflação novamente, o aumento do desemprego e uma recessão que atinge todas as nações ocidentais. A estimativa para um possível aumento do desemprego nos Estados Unidos é de 1,4 milhões. Isto certamente conduzirá a graves consequências, uma vez que a população descontente expressa o seu desagrado em reacções como motins e saques. Isto já eclodiu em alguns lugares com ladrões usando todo o tipo de truques

¹¹ *The Messenger and News Review*, Julho de 1979.

engenhosos para roubar gasolina de outros carros e postos de abastecimento. “Disse o chefe da polícia de Bristol Township, Richard Templeton: ‘Estamos sentados num barril de pólvora.’” *Revista Time*, 9 de Julho de 1979, página 15. Assim, os islâmicos estão a impor um futuro muito sombrio às nações desenvolvidas, um futuro que trará as suas próprias reacções drásticas.

Mas o que pode ser feito para resolver o problema? É hábito os homens recorrerem à força das armas quando todas as outras possibilidades falham. No entanto, os Estados Unidos e a Europa não o fizeram quando o Xá do Irão foi forçado a partir. Quando todos os outros meios falharam, simplesmente deixaram-no ir em vez de montarem uma missão militar para o salvar e a si próprios. Porque é que uma organização tão poderosa como a NATO se absteve do uso da força? O assunto envolvia mais do que simplesmente atacar os inimigos do Xá no Irão. Ao norte estavam os poderosos exércitos russos que não ficariam de braços cruzados deixando o petróleo para as potências ocidentais. Este foi um factor que os Estados Unidos e a Europa não puderam e não ignoraram. Alguns podem argumentar que os islâmicos não são amigos dos comunistas e isso é verdade. A motivação russa não teria sido proteger o mundo muçulmano, mas assegurar-se da maior fatia da tarte ou de toda ela, se possível.

Qual seria, então, o resultado?

O artigo da *Reader's Digest* fecha com estas projecções.

“O que devem as nações não islâmicas fazer perante o reavivamento islâmico? Ajustar-se a isso e, esperemos, aprendam uma lição: que mesmo nesta era das sondas espaciais, uma religião nascida no deserto há séculos possa ser capaz de derrubar o mais poderoso dos monarcas.” *The Reader's Digest*, Julho de 1979, página 35.

Mas não será o Islão a derrubar as grandes potências tecnológicas dos tempos presentes. A profecia bíblica é muito clara neste ponto. Temos sorte de não sermos filhos das trevas. Somos filhos da luz, tendo “a mui firme, a palavra dos profetas” que ilumina o futuro como uma luz ilumina o caminho à nossa frente.

Os Reis do Norte e do Sul

Em *Daniel* 11:40-45; *Daniel* 12:4, são reveladas as lutas finais dos reis do norte e do sul.

“Ora, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele; e o rei do norte virá como turbilhão contra ele, com carros e cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nos países, e os inundará, e passará para adiante.

“Entrará na terra gloriosa, e dezenas de milhares cairão; mas da sua mão escaparão estes: Edom e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom.

“E estenderá a sua mão contra os países; e a terra do Egito não escapará.

“Apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata, e de todas as coisas preciosas do Egito; os líbios e os etíopes o seguirão.

“Mas os rumores do oriente e do norte o espantarão; e ele sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.

“E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o glorioso monte santo; contudo virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.”

“Tu, porém, Daniel, cerra as palavras e sela o livro, até o fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará.”

A interpretação correcta destas palavras depende da identificação dos reis do norte e do sul estar certa.

A abordagem habitual é considerar Israel como o ponto de referência e, em seguida, decidir quem são os reis do norte e do sul, localizando os poderes que se encontram nessas localizações, respectivamente. Chamamos a isto o método de interpretação geográfica, mas rejeitamo-lo por uma boa razão. Este sistema baseia-se na ideia de que *onde estais determina quem sois*. Não é aqui o caso, uma vez que uma mudança de geografia não afecta uma mudança de carácter. Se o fizesse, a solução para o problema do pecado seria simplesmente ser transferido para um ambiente ideal.

O outro método de interpretação é o método do evangelho que reconhece que não é *onde estais*, mas o que sois, que determina quem sois. O *Apocalipse* é tanto a revelação de *Daniel* como o evangelho de Jesus Cristo. Estes dois testemunhos provam que:

“Nossa lição para o tempo presente é: Como podemos compreender mais claramente e apresentar o evangelho que Cristo veio revelar pessoalmente a João na ilha de Patmos — o evangelho que é denominado ‘Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer’. *Apocalipse* 1:3.” *Conselhos aos Escritores e Editores*, 175. {OP 115}

“Os livros de *Daniel* e *Apocalipse* são um. Um é a profecia; o outro, a revelação; um é o livro selado, o outro, o livro aberto.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:971. {CT 380}

Portanto, *Daniel* também deve ser a revelação do evangelho. Assim sendo, o princípio de interpretação sobre o qual depende a correcta compreensão de ambos, é o princípio do evangelho de que o carácter é determinado *pelo que sois e não onde estais*.

Consequentemente, a situação geográfica da terra de Israel nada tem a ver com quem é o moderno rei do norte. Originalmente, Cristo era o rei do norte e voltará a ser quando Ele receber o Seu reino outra vez. Quando Satanás aspirou ao trono de Cristo, procurou ascender aos “lados do norte”. *Isaías* 14:13.

O que ele não conseguiu fazer no Céu, lutou para alcançar nesta Terra. No sistema babilónico, criou esta forma falsa de governo, o rei do qual é apropriadamente chamado de rei do norte. É por esta razão que, ao longo da profecia de Jeremias, Babilónia é consistentemente referida como o rei do norte. Nessa altura, este poder tinha uma situação geográfica limitada, mas, com o ataque vitorioso de Ciro, esse espaço geográfico já não estava disponível para eles. Os sacerdotes de Mithra, em seguida, mudaram-se para o oeste para dois novos locais. Um era Pérgamo, o outro Roma. Isto não os mudou no mínimo. Simplesmente continuaram a mesma religião e princípios que tinham nas margens do Eufra-tes. O rei do norte continuava a ser o rei do norte.

Essa não foi o fim da sua expansão. Hoje, a mesma religião cobre o mundo sob a forma do catolicismo romano e do protestantismo apóstata. O rei do norte ainda é o rei do norte. Este é o principal instrumento de rebelião de Satanás. Ele reproduz exactamente o seu plano.

No entanto, há outra força que ele usa em momentos quando Babilónia cai temporariamente em decadência, e esse é o ateísmo. Este é o rei do sul. A prova disso é encontrada em *O Grande Conflito*, 269, onde o Egipto, o outro nome para o rei do sul, é positivamente identificado como sendo ateísmo.

“A ‘grande cidade’ em cujas ruas as testemunhas foram mortas, e onde seus corpos mortos jazeram, é ‘espiritualmente’ o Egipto. De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egipto, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fez o rei do Egipto. Quando, em nome do Senhor, a mensagem Lhe fora levada por Moisés, Faraó orgulhosamente, respondeu: ‘Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel.’ Êxodo 5:2. Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egipto daria expressão a uma negação idêntica às reivindicações do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio. A ‘grande cidade’ é também comparada ‘espiritualmente’ com Sodoma. A corrupção de Sodoma na violação da lei de Deus, manifestou-se especialmente na licenciosidade. E este pecado também deveria ser característico preeminente da nação que cumpriria as especificações deste texto.” *O Grande Conflito*, 269.

É importante observar que, quando se procura o poder representado pelo Egipto, o rei do sul, em 1798, não foi feita qualquer referência à localização geográfica. Em vez disso, a França revolucionária foi denominada como o rei do sul.

“Esta profecia teve exatíssimo e preciso cumprimento na história da França.” *O Grande Conflito*, 269.

“Ora, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele.” *Daniel* 11:40.

O fim do tempo começou em 1798. Neste tempo, então, é de esperar que o ateísmo tenha feito um ataque ou uma investida contra o papado. Isto foi cumprido com a prisão e exílio do Papa pelo General

Francês Berthier. O Papa morreu no exílio, e geralmente pensava-se que o poder do papado estava permanentemente quebrado. Pelo contrário, isso foi a aplicação da chaga mortal, mencionada em *Apocalipse* 13:3, da qual ele se recuperaria em devido tempo.

“... E o rei do Norte o acometerá com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará, e passará.” *Daniel* 11:40.

Desde 1798, já se passaram 181 anos e ainda não houve qualquer acontecimento que respondesse a esta descrição. Entretanto, o papado, apoiado pelo mundo ocidental, tem dado passos gigantescos na recuperação do poder perdido pelo rei do norte, mas o ateísmo, apoiado pelas potências comunistas da Rússia e da China, e pelas potências islâmicas do Médio Oriente, manteve um equilíbrio de poder no qual nem o rei do norte nem o rei do sul conseguiram manter o domínio mundial. Para o povo de Deus, este é um equilíbrio feliz, porque enquanto as superpotências estão preocupadas umas com as outras, não têm tempo nem interesse em nós. Mas como os livros de história testemunham, quando um ou outro tem o domínio exclusivo, o povo de Deus sofre terrivelmente.

Um Longo Intervalo

Alguns podem opor-se a que cento e oitenta e um anos é muito tempo quando a profecia parece exigir uma rápida sucessão de acontecimentos. Este problema é respondido comparando a profecia paralela de *Apocalipse* 13:1-3.

“E eu pus-me sobre a areia do mar e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, um nome de blasfémia.

“E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.

“E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta.”

A chaga mortal foi administrada em 1798, mas a parte seguinte do versículo ainda está por cumprir. Só quando o papado voltar a governar o mundo inteiro estará a chaga curada. Isto será realizado no momento em que o rei do norte vier contra o rei do sul como um turbilhão e o vence. Assim, é claro que o intervalo de tempo presente em *Daniel* 11:40, também está em *Apocalipse* 13:3. Uma vez que este último é a explicação do primeiro, não há qualquer problema em ver que existe esse intervalo.

Nenhuma menção aos acontecimentos durante este longo período é feita pela simples razão de que não ocorrem alterações significativas no equilíbrio de poder até que o rei do norte regresse. A ordem dos acontecimentos exigia então que o rei do sul ferisse o outro em 1798, seguido de um período durante o qual existe um equilíbrio de poder entre os dois. O intervalo encerra com uma súbita e avassaladora investida do rei do norte contra o rei do sul, através da qual o primeiro obtém a posse completa do território e das riquezas deste último.

Os observadores modernos dos jogos de poder entre as superpotências podem especular quanto ao resultado, mas a Bíblia não deixa dúvidas sobre isso. O mundo comunista e islâmico vai afundar-se. Roma tornar-se-á o supremo governante do mundo com o apoio do protestantismo apostatado.

“E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas desejáveis do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão.” *Daniel* 11:43.

A Rússia, a China e o Médio Oriente são áreas onde o ouro e a prata, como tal, não são abundantes. No entanto, estes são termos que se aplicam às riquezas independentemente da forma que elas possam assumir. O ouro e a prata destas áreas são petróleo. Isto é o que as nações ocidentais precisam muito mais do que ouro e prata. A profecia declara que eles vão ficar na sua posse.

Já não é difícil ver como isto vai acontecer. O outro acontecimento de grande importância é a visita do Papa à Polónia. Desde a tomada de posse comunista desta parte da Europa, todos os esforços têm sido feitos para acabar com a religião. A visita do Papa provou o fracasso que têm tido. Tudo o que é necessário é algum factor para pôr em marcha forças poderosas de mudança na Rússia e na China, o que resultaria no derrube do actual governo e no regresso ao catolicismo. Pode e vai acontecer muito rapidamente. Quando isto acontecer, o equilíbrio de poder no mundo mudará drasticamente. Um povo

católico obedecerá às instruções do papado. De repente, o Islão descobrirá que já não é capaz de operar no pressuposto de que as superpotências não se atrevem a atacá-lo por medo umas das outras, porque ter-se-ão tornado uma.

Então o rei do norte mover-se-á para garantir para si os tesouros de ouro e prata, o petróleo do Médio Oriente, sem poder para detê-lo. “Grandes mudanças estão prestes a ocorrer no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos.” *Testemunhos para a Igreja* 9:11.

Daniel 11 não é o único a predizer esta supremacia absoluta de Babilónia, o rei do norte. Em *Apocalipse* 13:3 está escrito que depois da chaga mortal ser curada “... toda a terra se maravilhou após a besta.”

Tão grande é a maravilha que “... (Todo o mundo) adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?”

“E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda tribo, e língua, e nação.

“E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.” *Apocalipse* 13:4, 7, 8.

É porque o domínio mundial do papado impõe a sua vontade que o aviso contra este sistema vai para todas as tribos, e línguas, e nações. Se a sua governação fosse confinada a apenas uma parte do globo, então, o aviso iria apenas para essa parte. Por outras palavras, o facto de que a advertência vai para todo o mundo prova que o problema estará presente em todo o mundo.

“Quando os Estados Unidos, o país da liberdade religiosa, se aliar com o papado, a fim de dominar as consciências e obrigar os homens a reverenciar o falso sábado, os povos de todos os demais países do mundo hão de ser induzidos a imitar-lhe o exemplo.” *Testemunhos para a Igreja* 6:18.

“As nações estrangeiras seguirão o seu [dos Estados Unidos] exemplo. Embora ela seja a líder, a mesma crise atingirá todo o nosso povo em toda parte do mundo.” *Testemunhos para a Igreja* 6:395.

“‘Têm estes um só pensamento.’ Haverá um laço de união universal, uma grande harmonia, uma confederação de forças satânicas. ‘E oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem.’” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983; *Mensagens Escolhidas* 3:392.

O rei do norte possuirá as riquezas e o domínio do mundo. Os dias do comunismo e do ateísmo aproximam-se rapidamente do fim. Já aparecem divisões sérias nas fileiras do lado ateu na estrutura do poder mundial. Os chineses e os russos são cada vez mais hostis entre si. Os vietnamitas e os chineses têm estado em guerra uns com os outros. Os islâmicos estão a virar as costas aos russos. As nações africanas estão a cortar ligações com os comunistas. Há uma unidade muito melhor entre as nações ocidentais.

Estas agitações por parte dos islâmicos, em que estão a usar todo o poder ao seu dispor para desconforto do rei do norte, são um positivo acto de agressão que irá iniciar contramedidas do Ocidente. Cada acção tem a sua reacção oposta. Isto, por sua vez, fará com que as nações petrolíferas intensifiquem a sua campanha para derrubar os seus rivais, gerando uma reacção ainda mais positiva por parte do Ocidente. Assim, as coisas desenvolver-se-ão rapidamente ao ponto de ser preciso uma decisão total. A partir daqui o rei do norte emergirá como governante de todos.

Este é o próximo desenvolvimento que se espera nas lutas dos séculos. Durante anos, aqueles de nós neste movimento que compreenderam *Daniel* 11, têm esperado que este seja o próximo passo. É evidente que está agora a aproximar-se mais do que nunca.

O Alto Clamor

“Mas os rumores do oriente e do norte o espantarão; e ele sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.” *Daniel* 11:44.

Uma vez estabelecida a supremacia de Babilónia, não haverá insurreições dentro das suas próprias fileiras. O mundo inteiro terá a certeza de que a dourada era da paz e da prosperidade chegou e que nada deve ficar no caminho dela.

Mas haverá a voz da dissensão vinda daqueles que conhecem mais do que confiar neste sistema anticristão. O povo de Deus, equipados com o poder do Seu Espírito, surge para expor as corrupções ocultas e as deficiências do sistema papal. Embora inicialmente, os sacerdotes, ministros e governantes desprezem esta oposição, logo ficam alarmados quando vêem o poder que acompanha a mensagem. Reagem impondo perseguições, prisões, exílios, o decreto de compra e venda e por fim o decreto de morte.

É então que Satanás através do sistema babilónico plantará os tabernáculos do seu palácio entre os mares, que são os povos da Terra, e o glorioso monte santo, que é o reino de Deus. Ele exigirá que Deus aceite o seu reino como um domínio legítimo.

Mas não será necessário que Deus tome qualquer decisão, pois no preciso momento em que Satanás afirma que tem um reino, ele desmoronar-se-á completamente e de repente descobrirá que nenhum súbdito permanece nele. Isto resolverá a questão. Cristo regressará então para reunir os seus súbditos tanto da sepultura como dos vivos da Terra, deixando Satanás a meditar durante mil anos sobre a confusão que fez.

Há muito tempo que esperamos por estas coisas. O atraso deveu-se, em grande parte, ao fracasso dos filhos de Deus em se apropriarem totalmente da luz que Ele lhes ofereceu. Mas podemos louvar ao Senhor por haver um grupo de pessoas em todo o mundo que hoje entesouram a luz e que estão a avançar nela. Há que ter o cuidado de estudar mais seriamente a mensagem para que saibamos qual é a nossa posição e não sejamos apanhados desprevenidos ou não preparados para o teste vindouro.

10 — Não É a Batalha do Armagedom¹²

Mais uma vez, uma guerra terrível eclodiu neste ponto de contínuos problemas — o Médio Oriente. Um estudo da geografia da região mostra a poderosa nação do Iraque espalhanda pelo Eufrates à medida que este corre na direcção Noroeste para o mar. Uma vez compreendido este facto, as mentes daqueles que não entendem correctamente os princípios de interpretação profética recorrem à referência em *Apocalipse* predizendo a seca do grande rio Eufrates para que o caminho dos reis do oriente possa ser preparado.

“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente.

“E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi saírem três espíritos imundos, semelhantes a rãs,

“Porque são espíritos de demónios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-poderoso.

“(Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas.)

“E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.” *Apocalipse* 16:12-16.

Aqueles que não estão estabelecidos no sólido princípio de interpretação bíblica não terão dificuldade em ver no presente conflito o desenvolvimento do cumprimento desta profecia. É sabido que as águas simbolizam as pessoas como está escrito: “As águas que viste... são povos, e multidões, e nações e línguas.” *Apocalipse* 17:15.

Assim, as águas do rio são entendidas como um símbolo da nação de pessoas que vivem no país pelo qual o rio flui. Hoje, quando está no tempo destes versículos serem cumpridos, os iraquianos parecem ser esse povo. Na esperada clara derrota que seará o poder do povo iraquiano, é visto o cumprimento da profetizada seca do rio Eufrates.

Como nos tempos antigos, a cidade do reino de Babilónia espalhava ao longo do Eufrates, por isso hoje o mesmo rio corre pelo meio do Iraque, levando muitos a concluir que o Iraque é a Babilónia moderna. Uma vez tiradas estas conclusões, é lógico esperar que, como a cidade antiga caiu para nunca mais se erguer, assim acontecerá com o Iraque. Acredita-se que isto abrirá o caminho para a batalha do Armagedom, que é vista como a luta titânica final entre as nações ocidentais e orientais em Megido, na Palestina.

Mas, mesmo que essa batalha congregasse as nações orientais e ocidentais, não será a Batalha do Armagedom, porque esta confrontação que se chama: “a batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-poderoso,” *Apocalipse* 16:14, não será travada por duas grandes confederações terrenas que se opõem uma à outra. Em vez disso, neste confronto final, todos os habitantes de toda a Terra sob a liderança pessoal de Satanás serão alinhados contra Cristo e aqueles que O seguem.

Temos de estar indubitavelmente firmados neste ponto. Temos de estar absolutamente seguros acerca de quem serão os generais no conflito decisivo que se aproxima, quem eles irão comandar na batalha, e quais serão as qualificações necessárias para estarem de um lado ou de outro. Notai com que positiva clareza estes pontos são apresentados neste testemunho:

“Dois grandes poderes opostos são revelados na última grande batalha. De um lado está o Criador do Céu e da Terra. Todos os que se encontram do Seu lado têm o Seu selo. Eles são obedientes a Suas ordens. Do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião. — *The S.D.A. Bible Commentary* 7:982-983; *Eventos Finais*, 249.

¹² The Messenger and News Review, Janeiro de 1991.

Só há uma “última grande batalha”. É a batalha do Armagedom. O tema deste testemunho não deixa dúvidas quanto ao facto sobre o que a batalha é.

Então, quem serão as forças de um dos lados da luta?

A resposta é: O Criador Todo-Poderoso e aqueles que em obediência O seguem.

E quem vai formar as forças do outro lado?

A resposta é: Satanás e todos aqueles que estão em rebelião contra Deus.

Uma vez aceite esta verdade, então é fácil reconhecer as outras descrições deste confronto final que o Senhor nos proporcionou em *Apocalipse*.

Considerai *Apocalipse* 17. Aqui, o poder final que irá confrontar o Onnipotente é descrito de forma simbólica como uma prostituta sentada numa besta escarlate que tinha sete cabeças e dez chifres. O nome desta mulher totalmente corrupta é “Babilónia, a Grande, mãe das prostituições e abominações da Terra.” *Apocalipse* 17:5.

Sublinhe-se que Babilónia, a Grande, como todas as outras forças simbolizadas em *Daniel* e em *Apocalipse*, é identificada pelo seu carácter, não pela sua localização geográfica. Este princípio de interpretação bíblica é totalmente consistente com o evangelho que tem em atenção, não *onde estais*, mas *o que sois*.

Nos dias de Daniel, a Babilónia central estava localizada geograficamente na orgulhosa cidade que Nabucodonosor se gabava de ter construído. Mas, na realidade, a cidade em si não era Babilónia nem todo o poder mundial contido dentro daquelas grandes muralhas da cidade.

A percepção de Daniel de que o grande inimigo de Deus e da Sua igreja devia ser encontrado em todos os lugares do globo levou-o a declarar francamente perante o poderoso rei:

“Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus dos céus te tem dado o reino, e o poder, e a força, e a majestade.

“E, onde quer que habitem filhos de homens, animais do campo e aves do céu, ele tos entregou na tua mão e fez que dominasses sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro.” *Daniel* 2:37, 38.

Assim, devemos entender que Babilónia era tanto a mãe das prostitutas e abominações de toda a Terra no tempo de Daniel, como é nestes dias de finalização da história humana. Por outras palavras, nunca devemos pensar em Babilónia em proporções inferiores às mundiais. Não importa quando ou onde viajamos nesta Terra, Babilónia estará lá antes de nós.

Mas, repitamos que esta mulher orgulhosa e corrupta não deve ser identificada pela sua ocupação de território geográfico, mesmo que seja o mundo inteiro. Em vez disso, é o espírito corrupto daquela prostituta que enche e controla o povo, que é a verdadeira mãe das prostitutas e das abominações que enchem a Terra. Se esse espírito encontrou guarida em vós ou em mim, então Babilónia está em nós e deve ser totalmente destronada e derrubada, ou inevitavelmente nos encontraremos em guerra contra o Cordeiro.

A temível besta sobre a qual a mulher está assentada é o símbolo do poder do povo cujo apoio permite à mãe das prostitutas realizar a sua vontade até que a sua derrota total e final às mãos do Cordeiro a prive totalmente desse apoio. Os dez chifres naquela besta significam as dez divisões ou reinos em que o mundo inteiro será dividido. Estas divisões não são políticas ou nacionais, mas religiosas. Isto é tornado claro nestas palavras:

“E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora, juntamente com a besta.

“Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta.” *Apocalipse* 17:12, 13.

Estas não podem, como muitos supõem, ser as nações da Europa. Também não podem ser os vários reinos políticos existentes do mundo, pois cada um deles já recebeu o poder como reis, não com, mas antes que a besta adquira a sua autoridade.

Quem são então estes dez reis que não recebem o poder como reis senão quando a besta receber o seu?

A resposta é dada pela Inspiração:

“Que é que dá seu reino a esse poder?” E a resposta é: “O protestantismo.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983. {Ma 188}

Isto é exactamente correcto, pois este reino religioso não tem, neste momento, o poder como poder civil para reinar, nem o terá até que o governo dos Estados Unidos dê o seu poder para impor a vontade das igrejas. Então ele terá o poder como reino por muito pouco tempo.

Todavia, o protestantismo é apenas uma força religiosa entre os dez que terão “um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta.” *Apocalipse* 17:13. Isto significa que o que vai acontecer nos Estados Unidos irá acontecer em todas as outras nações do mundo.

“Quando os Estados Unidos, o país da liberdade religiosa, se aliar com o papado, a fim de dominar as consciências e obrigar os homens a reverenciar o falso sábado, os povos de todos os demais países do mundo hão de ser induzidos a imitar-lhe o exemplo.” ... “As nações estrangeiras seguirão o seu exemplo. Embora ela seja a líder, a mesma crise atingirá todo o nosso povo em toda parte do mundo.” *Testemunhos para a Igreja* 6:18, 395.

“Haverá um laço de união universal, uma grande harmonia, uma confederação de forças satânicas.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983; *Mensagens Escolhidas* 3:392.

Olhando para o mundo de hoje, no qual se revela o fervor do ódio do homem pelo homem, actos de violência desenfreados do homem contra o homem, e uma amarga guerra destrutiva, vemos tudo menos “uma grande harmonia”. Nunca se acreditaria que tal estado de paz poderia ser alcançado sem ter a fé implícita na palavra profética. Sabemos que o Senhor disse que assim será. Portanto, podemos confiar totalmente que a sua vinda acontece para desaparecer com rapidez surpreendente.

Uma vez que “esses três espíritos vão aos reis do mundo inteiro” *Apocalipse* 16:14 [NTLH], foram unidos numa grande harmonia, não há condições para uma batalha do Armagedom com o envolvimento de homens que lutam contra outros homens. Homens em harmonia uns com os outros, não lutam entre si em nenhuma circunstância.

No entanto, haverá um culminar de guerra na batalha do grande dia de Deus. É aqui em *Apocalipse* 17 que a guerra é descrita:

“Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade, como reis, por uma hora, juntamente com a besta.

“Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta.

“Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os que estão com ele, os chamados, e eleitos, e fiéis.

“Disse-me ainda: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas.

“E os dez chifres que viste, e a besta, estes odiarão a prostituta e a tornarão desolada e nua, e comerão as suas carnes, e a queimarão no fogo.

“Porque Deus lhes pôs nos corações o executarem o intento dele, chegarem a um acordo, e entregarem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.

“E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.” *Apocalipse* 17:12-18 [AA].

Esta é a imagem divinamente dada da batalha do Armagedom — o desafio final da humanidade unida contra o Rei dos reis. A guerra que está a decorrer no Médio Oriente não pode ser a batalha do Armagedom.

Nem o *Apocalipse* 16:12-16 e *Apocalipse* 17 são as únicas descrições da batalha do Armagedom. Há também *Apocalipse* 19 onde, mais uma vez, há a imagem do Rei dos reis que julga e faz guerra em justiça, saindo para lutar com os reis reunidos de toda a Terra e os seus poderosos exércitos. A mensagem de *Apocalipse* 19 é tão clara, e tão consistente com a dos outros capítulos que ninguém deve ter qualquer dificuldade em ver *Apocalipse* 19 como uma descrição clara do Armagedom. Vou simplesmente citar os versículos e deixar cada um de vós ver isto por si mesmos.

“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça.

“E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo.

“E estava vestido de uma veste salpicada de sangue, e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus.

“E seguiam-no os exércitos que há no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro.

“E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso.

“E na veste e na sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.

“E vi um anjo que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde e ajuntai-vos à ceia do grande Deus,

“Para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam, e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes.

“E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército.

“E a besta foi presa e, com ela, o falso profeta, que, diante dela, fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre.

“E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.” *Apocalipse* 19:11-21.

Assim, a batalha terminará na aniquilação total da mulher e da besta que a transporta. Babilónia cairá tão totalmente que nunca mais se erguerá. Todos aqueles que outrora apoiaram a sua vontade, quando são libertados dos seus enganos e percebem o que custou segui-la, viram as armas de destruição contra ela e a destroem.

Mas quais serão os pontos deste confronto decisivo? Estarão ambas as partes a lutar pela posse da Terra e dos seus tesouros de ouro, prata e petróleo?

Nenhum verdadeiro filho de Deus perderá um momento de tempo a discutir sobre a posse destes bens materiais e terrenos. Pelo contrário, como temos aprendido com as mensagens do Repouso do Sábado de Deus e da Ordem do Evangélica, ele estará a resistir à pressão implacável de Babilónia para forçar todos a construir o reino de Deus, de acordo com o caminho do diabo. Assim, o princípio do sábado será a grande questão no conflito final.

“Na peleja a ser travada nos últimos dias estarão unidos, em oposição ao povo de Deus, todos os poderes corruptos que apostataram da lealdade à lei de Jeová. Nessa peleja, o sábado do quarto mandamento será o grande ponto em litígio, pois no mandamento do sábado o grande Legislador Se identifica como o Criador dos céus e da Terra.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983; *Mensagens Escolhidas* 3:392.

Significa tudo isto que os acontecimentos que agora se verificam no Médio Oriente não são cumprimentos específicos da profecia?

Não! Não significa nada disso, pois estes acontecimentos são cumprimentos muito importantes das profecias. Como foi salientado, a batalha do Armagedom não pode ser travada e vencida até que todo o mundo se maravilhe após a besta. Por isso chegará o momento em que “Haverá um laço de união universal, uma grande harmonia, uma confederação de forças satânicas.” *Mensagens Escolhidas* 3:392.

Satanás sempre foi um reino dividido, repartido principalmente entre aqueles que procuram construir o reino de Deus, segundo o *caminho do homem*, e aqueles que procuram construir o reino do homem, conforme o *caminho do homem*. Estas duas forças são denominadas “o Rei do Norte” e “o Rei do Sul”, respectivamente. Desde o início, estes têm estado em confronto, mas as suas batalhas finais estão preditas em *Daniel* 11:40-45. Aqui está um breve resumo destes eventos.

Durante a Idade Média, o Rei do Norte, o papado, dominou o mundo, mas no final, em 1798, ao prender e exilar o Pontífice Romano, o rei do Sul aplicou uma chaga mortal ao seu odiado rival, um golpe do qual tem estado constantemente a recuperar. Isto levou a uma situação em que se estabeleceu um equilíbrio de poder entre os dois reis. De um lado estavam as forças do mundo anticristão, como o comunismo e as religiões orientais, do outro, as nações de confissão cristã. Tão preocupadas têm estado

umas com as outras, que, pelo menos no mundo ocidental, o povo de Deus tem sido livre de adorar a Deus de acordo com os ditames da sua compreensão iluminada da Palavra de Deus.

Mas esta situação não devia continuar para sempre, caso contrário nem a Batalha do Armagedom nem o fim chegariam jamais. Em vez disso, o rei do Norte tinha que vir contra o rei do Sul com grande rapidez e derrotá-lo completamente.

Durante muito tempo, assistimos a este desenvolvimento. Ao longo dos anos houve várias disputas entre estes dois reis, como as guerras mundiais, a Coreia, o Vietname, Granada, as guerras entre o Egito e Israel, etc. Mas nenhuma destas deu a ascendência a um rei ou outro, excepto talvez à escala local, nem geraram convicção positiva na mente de nenhum de nós de que estes eram o regresso do rei do Norte à supremacia total.

Todavia, quando o comunismo entrou em colapso tão repentinamente na Europa oriental em 1989, sabíamos que tinha chegado a hora do regresso do rei do Norte. Reconhecemos que a profecia estava a ser cumprida diante dos nossos olhos. O longo tempo de espera tinha acabado. Os nossos corações ficaram contentes quando começámos a ver os raios da glória da vinda do nosso Salvador.

Mas o Rei do Norte não completou o seu regresso contra o rei do Sul quando o comunismo na Europa foi derrubado. O comunismo na China continua no poder. Assim como as nações islâmicas e pagãs, mas também elas ficarão sob o domínio absoluto do reino do norte.

O que está a acontecer no Médio Oriente é um movimento na direcção profetizada. A Aliança vencerá este conflito. O Iraque cairá completamente, enquanto o rei do Norte marchará inexoravelmente a caminho da supremacia universal. Nada será permitido, ou mesmo será capaz de travar o avanço da grande nova ordem mundial. Se alguém duvidar disto, leia os seguintes versículos:

“E, no fim do tempo, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte o acometerá com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará, e passará.

“E entrará também na terra gloriosa, e muitos países serão derribados, mas escaparão das suas mãos estes: Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom.

“E estenderá a sua mão às terras, e a terra do Egito não escapará.

“E apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas desejáveis do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão.

“Mas os rumores do Oriente e do Norte o espantarão; e sairá com grande furor, para destruir e extirpar a muitos.

“E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo e glorioso; mas virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.” *Daniel* 11:40-45.

Esta não é uma imagem de uma campanha prolongada e indecisa, mas de uma ampla dizimação, rápida e conclusiva das forças do rei do Sul que abrirá o caminho para o Armagedom.

Farei agora um breve resumo da ordem dos acontecimentos dos últimos dias, da melhor forma que os conhecemos.

O próximo grande acontecimento a ser antecipado será o levantamento da imagem da besta, primeiro nos Estados Unidos, e depois sucessivamente em todas as nações desta Terra. Este é um marco importante, que, quando for vista a sua aproximação, dará um efeito adicional à mensagem do terceiro anjo.

Entretanto, à medida que o rei do Norte estabelece a sua supremacia sobre a humanidade, o refreador Espírito de Deus é progressivamente retirado, e manifestações cada vez mais violentas da natureza estão a ficar fora de controlo, provocando uma destruição incrível. Isto já está a acontecer. Estamos chocados com o quão marcadamente mais violentas já são este ano as terríveis tempestades destruidoras ceifando vidas, em comparação com manifestações anteriores.

O crime, o terrorismo e o desrespeito pelos direitos humanos porão fim a toda a contenção, acabando por ficar completamente fora de controlo. As condições agravar-se-ão até que toda a Terra cambaleie sob problemas de proporções tão imensas que resistem às soluções. Os políticos e os agentes da lei provarão ser incapazes de evitar a ameaça à própria existência da humanidade.

Esta é a hora de oportunidade para as igrejas que por esta altura já terão alcançado a unificação. Elas oferecerão os seus serviços ao mundo alegando que a profanação de domingo é a causa directa de todos os seus infortúnios e problemas que, declaram, só cessarão com a obrigatoriedade da observação do domingo. O seu argumento será que eles terão resolvido os seus problemas como atesta a sua frente unida, e que eles têm a bênção pessoal de Deus como será evidente no derramamento do que acreditam ser o Espírito Santo no poder de chuva serôdia.

Aos poderes civis argumentarão: “Vede, nós resolvemos os nossos problemas. Todas as nossas diferenças estão postas de lado. Estamos unidos no grandioso poder do Espírito Santo. Agora, dêem-nos o vosso poder e resolveremos os vossos problemas.”

O governo, aliviado pela perspectiva de deixar de ser responsável por fornecer soluções para os problemas do mundo, e impressionado com o poder sobrenatural nas igrejas, terá o prazer de renunciar ao seu poder para impor as soluções formuladas pelas igrejas.

Quando fizerem isto, terão formado a imagem da besta, a queda de Babilónia estará completa, e esta apostasia nacional será seguida de ruína nacional. No entanto, o povo saudará esta coligação da Igreja e do Estado como a solução certa para todos os seus problemas. Uma onda de euforia atravessará todas as multidões com a garantia de que uma era de boa vontade, paz e prosperidade universal se concretizou finalmente.

Isto traz todos à hora do apelo final e última oportunidade de salvação enquanto Deus derrama o Espírito Santo na proporção da chuva serôdia sobre o Seu povo. Por este meio, o totalmente desastroso resultado da solução humana para o prevalecente problema será posto a descoberto. Milhares e milhares ouvem e muitos são convencidos de que Babilónia é a igreja caída devido aos seus erros e seus pecados.

No início, os dirigentes da igreja tratam a mensagem com desprezo, mas a sua fúria é despertada à medida que a sua autoridade é questionada e o povo exige provas das Escrituras para as suas afirmações. Será então gerada uma perseguição severa. Em primeiro lugar, os mensageiros do Senhor serão odiados pelas multidões. Em seguida a lei será invocada contra eles, e muitos serão sujeitos a multas e prisão.

Quando tudo isto não conseguir silenciar o seu testemunho, serão proibidos de comprar ou vender. Mas estas sanções serão quebradas por Aquele que nos assegura que o nosso pão e água estarão assegurados. Finalmente, pouco antes do encerramento da porta da graça, será aprovado o decreto de morte dando às multidões permissão para quando chegar a uma certa data executar os santos.

Diante deste último recurso desesperado por parte da mulher assentada na besta escarlate, cada um nesta Terra terá feito a sua escolha final e irrevogável, e as contas no Céu estão fechadas. A misericórdia já não se intercede pela culpa da humanidade. O tempo de prova terminou, as sete últimas pragas começam a cair na sua ordem enquanto os ímpios se reúnem para a execução dos justos. Enganados pelas autoridades eclesiásticas em acreditar que estão a agir em justa vindicação da honra de Deus, estão no acto de se precipitarem sobre o Seu povo em oração quando a incrível escuridão da quinta praga extingue tudo à vista.

Então um arco-íris glorioso circundará cada grupo do povo de Deus e a Sua voz anunciará a sua libertação. Haverá então um terrível despertar de todos os que estão do lado de Satanás na batalha. Verão que foram enganados e estão irremediavelmente e eternamente perdidos. Na sua incrível fúria, viram as armas primeiro para os ministros, e depois uns sobre os outros. No massacre mundial de cada um dos seus apoiantes, para além daqueles que sobrevivem até Cristo aparecer, o poder de Satanás é completamente quebrado.

A batalha do Armagedom acabou. Homens e anjos foram levados ao ponto de verem a verdadeira natureza das mentiras de Satanás, por um lado, e a justiça absoluta do caminho de Deus, por outro. Assim, as questões do grande conflito serão eternamente resolvidas. Finalmente seremos abençoados com uma paz eterna, universal e indestrutível.

“E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu noivo.

“E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles.” *Apocalipse* 21:2, 3 [AA].

11 — O Rei do Norte Continua¹³

Na rápida e esmagadora guerra no Golfo, vemos o cumprimento da profecia. Aqui estão as palavras da predição: “Ora, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele; e o rei do norte virá como turbilhão contra ele, com carros e cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nos países, e os inundará, e passará para adiante.” [AA]

Sabemos que a primeira parte do versículo foi cumprida em 1793, quando o ateísmo destronou a religião na França. Também sabemos que a segunda parte do versículo está em processo de cumprimento neste momento.

Mas antes de olhar para os detalhes deste cumprimento, creio que é muito importante que entendamos a palavra “Ateísmo” de acordo com o uso da palavra no Espírito de profecia, diferente do significado geral da palavra.

O significado geral de “Ateísmo” é que é uma negação da existência de Deus, e, portanto, é a posição assumida por pessoas totalmente irreligiosas. Mas a questão nem sempre é tão simples como isso, porque apesar de em alguns casos, isto descrever o ateu com precisão, em outros grupos ateístas, um deus ou deuses é ou são adorados. Por que então estas sociedades religiosas são rotuladas de ateístas? É porque negam a existência do *verdadeiro Deus*.

Um excelente exemplo disso é dado no ateísmo do Antigo Egito.

“De todas as nações apresentadas na história bíblica, o Egito, de maneira mais ousada, negou a existência do Deus vivo e resistiu aos Seus preceitos. Nenhum monarca já se aventurou a rebelião mais aberta e arrogante contra a autoridade do Céu do que o fez o rei do Egito. Quando, em nome do Senhor, a mensagem lhe fora levada por Moisés, Faraó orgulhosamente, respondeu: ‘Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel.’ Êxodo 5:2. Isto é ateísmo; e a nação representada pelo Egito daria expressão a uma negação idêntica às reivindicações do Deus vivo, e manifestaria idêntico espírito de incredulidade e desafio.” *O Grande Conflito*, 269.

O Antigo Egito era uma nação muito religiosa na qual uma série de deuses era adorado. Portanto, ser ateu, não significa necessariamente ser irreligioso e sem Deus, embora em alguns casos isso seja verdade. Por outras palavras, há dois tipos de ateus — os religiosos, e os irreligiosos — mas ambos negam a existência do verdadeiro Deus.

Tendo estabelecido a existência desta distinção, é uma questão simples determinar quem é o rei do Sul neste momento. Procuramos em primeiro lugar os ateus irreligiosos, aqueles que negam a existência do verdadeiro Deus e de todos os outros deuses. Nesta categoria está o Ateísmo Comunista, tal como se encontra em nações como a Rússia e a China neste momento. O comunismo não dá lugar ao verdadeiro Deus e também não tem outros deuses.

Mas os ateus religiosos também devem ser identificados. Nesta categoria é colocado o ateísmo religioso do mundo Islão. Este é um sistema fanaticamente religioso em que o reconhecimento é dado a um deus, nomeadamente “Alá”. “O credo do Islão é: ‘Não há Deus a não ser Alá, e Maomé é o seu profeta.’ ...”

“Os muçulmanos ocupam uma cintura irregular de terra com cerca de 9.000 milhas de comprimento. Inclui todo o norte de África; os estados árabes do Médio Oriente e a península arábica; Turquia e Irão; parte do Cáucaso russo; Turquestão; Afeganistão e Paquistão; a Península Malásia; e as Índias Orientais. *Enciclopédia Compton*, 12:317, Edição de 1971.

¹³ The Messenger and News Review, Março de 1991.

Para dar uma ideia de quão intensamente religiosos são os muçulmanos, tenhamos em conta que estas pessoas são chamadas à oração cinco vezes por dia, todos os dias.

O violento ataque do Rei do Norte como um turbilhão contra o Rei do Sul, começou com o colapso do comunismo da Europa Oriental, a secção não religiosa. Com uma velocidade incrível, nações como a Alemanha Oriental e a Roménia realinharam-se de acordo com os caminhos do Rei do Norte.

Enquanto esperávamos para ver qual seria o próximo desenvolvimento, uma crise irrompeu sobre o Kuwait, levando a uma guerra relâmpago como previsto em *Daniel* 11:40.

Nesta luta, o Islão foi dividido contra si mesmo, que é a forma mais segura de trazer autodestruição.

Entretanto, assim mal terminou a guerra, mais ou menos, vemos a extensão do colapso do ateísmo não religioso — o comunismo — como as pessoas vêm com o espírito de revolução na Rússia, nos Estados do Báltico e na Jugoslávia, onde multidões exigem o fim do comunismo.

Em breve, devemos ver o aparecimento de quedas gigantes na Cortina do Bambu, após a qual a conclusão da queda do Rei do Sul deve seguir-se rapidamente.

“Os dias em que vivemos são solenes e importantes. O Espírito de Deus está, gradual mas seguramente, sendo retirado da Terra. Pragas e juízos já estão caindo sobre os que desprezam a graça de Deus. As calamidades em terra e mar, as condições sociais agitadas, os rumores de guerra, são assombrosos. Prenunciam a proximidade de acontecimentos da maior importância.

“As forças do mal estão se arregimentando e se consolidando. Elas estão se robustecendo para a última grande crise. Grandes mudanças estão prestes a ocorrer no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos.” *Testemunhos para a Igreja* 9:11.

A questão é: “Estamos prontos para eles?”

12 — Uma Reavaliação Adicional¹⁴

A medida que os acontecimentos mundiais se têm desenvolvido, fomos levados a pensar mais seriamente sobre a nossa compreensão da profecia; isto é, se a profecia está ou não a ser cumprida e se entendemos ou não como a profecia deve ser cumprida.

Se olhardes para os principais acontecimentos proféticos do passado, logo se torna claro que os detalhes de como uma profecia será cumprida, nunca foram conhecidos até que comece o cumprimento da mesma. Embora o povo de Deus possa saber que uma profecia será cumprida, e pode saber alguns factos gerais sobre como será cumprida, ainda assim, o padrão tem sido que permanecemos na ignorância dos pormenores exactos até que o acontecimento ocorra.

Por exemplo, enquanto os iluminados alunos da profecia podiam saber que algo aconteceria ao Papado em 1798, ninguém realmente sabia exactamente o quê ou como até que tudo acontecesse. Quando foi predito o aparecimento dos dez chifres no meio do império romano pagão, podia saber-se que os chifres simbolizam reinos, mas quem seriam, e como e quando, foi deixado até à sua chegada à cena da acção. Outro exemplo foi a profecia em que os três chifres seriam arrancados pelo chifre pequeno. Que três chifres seriam arrancados? Como é que o chifre o conseguiria? Os pormenores foram deixados até à revelação na hora marcada.

Há muitos anos que temos conhecimento dos acontecimentos profetizados em *Daniel 11:40*. Sabemos pelo que lemos em *O Grande Conflito*, 269, que o primeiro ataque do Rei do Sul contra o Rei do Norte foi o avanço do Ateísmo contra a religião. (Este é mais um acontecimento profetizado que foi entendido em pormenor apenas quando aconteceu.) O grande ataque seguinte contra o Rei do Norte foi a captura e prisão do Papa em 1798 por Napoleão que constitui o cumprimento da profecia da chaga mortal de *Apocalipse 13:3*.

Hoje somos confrontados com a violenta retaliação do Rei do Norte contra o seu concorrente do sul. E de acordo com o padrão, não vimos que o derrube do Rei do Sul aconteceria exactamente como aconteceu. Também não somos capazes de dizer exactamente como o resto das divisões do Rei do Sul ficará sob o domínio do seu rival do norte.

No passado, tendemos a afastar-nos das interpretações físicas desta profecia, optando antes por uma interpretação exclusivamente espiritual. Talvez nem todos nós tenhamos feito isto, mas tem sido o conceito dominante. Mas por que pensamos assim e é justificável? Uma das razões para isso é que há muito que aprendemos a rejeitar a interpretação geográfica da profecia. E como o conceito da interpretação física é um parente próximo do geográfico, então temos a tendência para descartar o físico também. (Esta linha de raciocínio não tem sido óbvia, mas um pouco mais subconsciente.) Mas há um lugar legítimo para o elemento físico na interpretação da profecia e não devemos ignorá-lo.

Passemos agora à autenticação do aspecto físico de *Daniel 11:40*. Usando o método de confiança de deixar a inspiração interpretar as suas próprias palavras, consideraremos a definição divina da palavra “turbilhão” e por esta definição entenderemos se é apenas espiritual ou se há um elemento físico envolvido. Para isso, vamos analisar dois testemunhos. O primeiro define a palavra “vento” e o segundo define a palavra “turbilhão”.

“João vê os elementos do terramoto da natureza, da tempestade e da luta política representadas por quatro anjos. Estes ventos estão sob controlo até que Deus dê a palavra para deixá-los ir. *Testemunhos para Ministros*, 444.

“Os últimos anos do malfadado reino de Israel foram assinalados pela violência e derramamento de sangue como jamais havia sido testemunhado mesmo nos piores períodos de lutas e inquietação sob a

¹⁴ The Messenger and News Review, Março de 1991.

casa de Acabe. Por mais de dois séculos os governantes das dez tribos haviam estado a semear ventos; agora colhiam *tempestade* [turbilhão]. Rei após rei havia sido assassinado a fim de abrir caminho para que outros ambiciosos reinassem.” *Profetas e Reis*, 279. {PR 144}

O primeiro testemunho, que se refere *Apocalipse* 7:1, descreve os ventos como coisas muito físicas — terremotos, tempestades e lutas políticas.

O segundo testemunho descreve o turbilhão em termos políticos, isto é, o assassinato dos reis e a colheita do poder político. O segundo testemunho também traz algo interessante, que uma tempestade [turbilhão] é uma colheita daquilo semeado pelo vento. Se conseguirdes identificar o tipo de semente, então sabeis qual será o fruto. Ambos são físicos e políticos.

Assim, podemos dizer com segurança que o turbilhão de *Daniel* 11:40 tem um aspecto físico, embora eu não esteja a dizer que não há nenhum elemento espiritual também.

Outra razão que estabelece o elemento físico é o facto de que o poder dos números, o poder financeiro, o engano e a força são procedimentos inamovivelmente fixos do sistema de construção do reino de Satanás. É impossível para ele fazer qualquer coisa sem o uso destes meios. O seu reino não é um reino exclusivamente espiritual. Nunca foi e nunca será. Apenas uma pequena revisão da história bíblica revela o quão orientado fisicamente o reino de Satanás é.

Assim, podemos esperar que os movimentos do Rei do Norte contra o Rei do Sul envolvam engano e a força física. Onde ele pode empregar um exército como força, fá-lo-á. Onde não tem exército militar como tal, juntará o povo numa frente unida.

Não devemos ter medo de interpretações físicas de símbolos bíblicos. Já o fizemos com o rio Eufrates, que tem apenas uma interpretação física. As águas de *Apocalipse* 17:15 só são interpretadas fisicamente também. Temos de comparar todos os nossos pensamentos com a Palavra e estar atentos contra erros do passado

Outros Estudos do Mesmo Autor

A Grande Multidão
A Igreja de Deus Não É Babilónia
A Mente de Cristo
A Nossa Própria Imagem da Besta
A Parábola das Dez Virgens
A Revelação da Lei
A Salvação das Crianças
A Vida em Justiça
A Vida em Justiça e o Sábado de Deus
A Vinda de Cristo Retardada – Porquê?
A Vitória da Fé
Abandono do Santo Concerto
Acordai Para a Justiça e Não Pequeis Mais!
As Duas Babilónias e o Povo Santo (Compilação)
As Parábolas de Mateus 22 e 25_no Antigo Testamento
As Profecias de Daniel
Confissão Aceitável
Da Escravidão para a Liberdade
Despertai para a Justiça e Não Pequeis Mais
Destino de um Movimento
Eis Aqui o Vosso Deus – Um estudo sobre o carácter de Deus
Enfrentando o Julgamento
Estudos Sobre Daniel e Apocalipse
 Parte 1 - Sonhos e Interpretações
 Parte 2 - Tempos proféticos
Eu Penso como Homem
Justificado pela Fé
Mais Pensamentos Sobre o Carácter de Deus
Melquisedeque
O Caminho de Deus no Santuário
O Evangelho na Páscoa
O Propósito Eterno de Deus
O Repouso do Sábado de Deus
O Seu Número é 666
Orai Pela Chuva Serôdia
Ordem Divina e Organização
Ordem Evangélica
Os 144 000 – Quem Serão os Membros desse Ilustre Grupo?
Os 4 Anjos
Os Acontecimentos dos Últimos Dias
Os Sete Anjos
Os Três Templos
Os Vivos e os Mortos
O Trigo e o Joio
Outro Olhar Sobre Atos 3:19
Renascimento e Reforma
Uma Prática Perigosa

www.jfernandesblog.wordpress.com

<https://www.practicaprophetica.com/translations/portuguese/>